

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti  
Mestrado em Ensino do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico



## **Professor em formação em busca da excelência na sua prática**

---

**POR ANA MARIA T. B. VAZ E GALA**

**ORIENTADO POR DOUTORA ANA MARIA PAULA MARQUES GOMES**

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À ESCOLA SUPERIOR DE  
EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI PARA A OBTENÇÃO DE GRAU DE  
MESTRE EM ENSINO DO 1.º E 2.º CICLOS DO ENSINO BÁSICO

PORTO, SETEMBRO DE 2013

# DEDICATÓRIA

Aos meus pais, por serem para mim uma referência de humanidade única e por me ensinarem a abraçar a vida sempre com um sorriso.

## RESUMO

O presente relatório relata as experiências pedagógicas desenvolvidas no âmbito das Unidades Curriculares de *Prática de Ensino Supervisionado I e II*. Estas constituíram o período mais substancial do nosso trabalho durante o segundo ano do mestrado e último da nossa formação complementar para o ensino formal. Este trabalho marca o término de uma caminhada em que, gradualmente, se foi desenvolvendo a nossa profissionalidade e o nosso tacto pedagógico, permitindo complementar com saber feito de experiência os cânones teóricos.

Durante este período de estágio, em contexto de 1.º e 2.º Ciclos, foi colocada especial ênfase na vertente da intervenção, aproximando as experiências em sala de aula do futuro profissional para que nos preparamos. Pela confrontação da experiência concreta do trabalho de campo com o saber teórico que o fundamenta e enquadra, é-nos possível, hoje, apreender as práticas pedagógicas com que mais nos identificamos e que mais valorizamos em contexto lectivo. Tal avaliação de métodos e resultados só é possível no contexto de uma investigação qualitativa de carácter naturalista, que tentámos encetar.

Como aspeto particularmente enriquecedor, destacamos o trabalho realizado em duas instituições de perfis socio-económicos muito distintos. Esta variedade de contextos e de meios levou-nos a descobrir potencialidades próprias de cada ambiente, inculcando na nossa prática estratégias inovadoras e capacidade de contornar obstáculos.

Todo o trabalho desenvolvido ao longo deste período permitiu confirmar as aspirações que nos moviam desde o começo do ano lectivo, cultivando em nós o sentido da profissão como paixão e reforçando a noção do impacto que a nossa prática pode ter naqueles a quem nos dedicamos.

### **Palavras-chave**

Profissionalidade, 1.º e 2.º Ciclos, práticas pedagógicas, investigação qualitativa de carácter naturalista, futuro profissional.

## ABSTRACT

This report gives an account of the teaching experiences we've been through during *Prática de Ensino Supervisionado I and II curricular units*. These have made most of our work time during the second year of our Master's Program and the last of our complementary learning for formal teaching. The present work is a landmark at the end of a journey in which we gradually developed our professionalism and our pedagogical sense, filling the theoretical principles with practically-proven wisdom.

During this probation period, intervention was a main goal in our work, being specially emphasized as a mean to bring us closer to our future tasks as teachers. Putting together the field work and the concepts that give it meaning has made it possible for us, today, to identify the strategies that make the most sense to us and that we value above all others. Such evaluation of results and methods is only possible in the context of a qualitative investigation of naturalistic quality which we tried to perform.

As a specially fulfilling experience, we would like to lay emphasis on the work made with two institutions of very different social and economical background. This variety of contexts and resources opened the potentiality of each environment, and challenged us to find new solutions and strategies in a positive way.

All the work made during this period confirmed the aspirations that have guided us since the beginning of the school year, solidifying the idea of a profession as a passion and of the impact we can have on those we dedicate to.

### Key words

Professionalism, 1º e 2º Ciclos, teaching practices, qualitative investigation of naturalistic quality, professional future.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa o culminar de mais uma etapa da minha vida, enfrentada com paixão e dedicação, onde muitos tiveram um papel preponderante. Assim, pela motivação para a continuação do trabalho e esforço no meu caminho profissional deixo aqui expresso o meu muito obrigada...

Ao meu querido pai, por ser um exemplo magnífico na profissão de professor, pela paixão e dedicação que transporta e cultiva no seu trabalho e pelo seu sempre bom humor na conquista daqueles que ama.

À minha querida mãe, um exemplo de humildade e de generosidade únicas, pelas suas palavras de carinho e tranquilidade em momentos de maior aflição e ansiedade em todo o meu percurso de vida.

Aos manos e manas, Zé, João, Teresinha, Pedro, Paulinha, Acílio, Luís, Maria, Isabel, Quico e Pipa, pelo crescimento em partilha e por serem a primeira escola de pedagogia diferenciada. Pelo carinho que cada um, à sua maneira, me dá e pela amizade e alegrias partilhadas.

Ao meu querido João, pelo amor e fé que deposita em mim e no meu trabalho. Por todo o seu apoio, interesse e motivação sempre constantes, pela seu contributo nas minhas conquistas e por todas as vivências e experiências partilhadas, que me ajudam a crescer enquanto pessoa.

À minha querida amiga e colega Lili, por toda a sua generosidade, sinceridade e amizade, condiscípula nos trabalhos, nas alegrias e também nas frustrações e ainda pelo companheirismo que assumiu no combate aos meus momentos de maior desânimo.

À Doutora Ana Maria Paula, pela exigência, apoio, motivação, disponibilidade e saber partilhado e ainda pelo seu exemplo pessoal e profissional, contributos essenciais no meu percurso de formação.

Aos Professores Cooperantes por toda a dedicação no acompanhamento e orientação durante da minha prática pedagógica e pelo seu acolhimento, que permitiram uma integração harmoniosa nos contextos educativos.

Aos meus queridos Alunos, pelo potencial que emerge em cada um, que exigiram de mim maior empenho e dedicação no planeamento e concretização das minhas aulas.

Aos Franciscanos, em particular ao Bernardo, ao Pe. Zé Maria, ao Sérgio e ao Luís, pelo acolhimento na cidade Invicta, pelo testemunho de vida e exemplo na fé e por me desafiarem a ser sempre melhor em cada dia.

## **Professor em formação em busca da excelência na sua prática**

Aos meus amigos portuenses, nomeadamente à Madalena B., à Joana N., ao Duarte, ao Dinis e ao Carlos, pelo companheirismo e amizade e ainda pela presença como irmãos, durante este período em que tive distante de casa.

Às “Mira-Rias” e à “vizinha do 8”, Ana Margarida, Cacao, Joana M., Joana R., Marta e Raquel, que me acompanham desde a infância e adolescência, pela infinita amizade manifestada em todo o apoio e motivação nos momentos de maior e menor felicidade e por contribuírem em muito na formação do meu carácter.

Ao meu Tio Elísio, filósofo do mundo, pelas belas palavras que me dirigiu, aquando da escolha da minha profissão e que me serviram de ânimo na busca e construção da minha profissionalidade.

Ao meu Tio Acílio, também Padrinho, pelo acolhimento no Porto e por toda a sua disponibilidade e carinho concedidos.

Aos meus avós paternos pela partilha da riqueza do seu património pessoal e em particular à minha avó pelo seu testemunho como professora primária.

Ao meu avô materno, pelo seu interesse constante no meu percurso académico e pela alegria que transporta em si.

A todos os meus professores e colegas de Licenciatura e Mestrado que, dalgum modo, contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

# Índice

RESUMO .....	3
ABSTRACT .....	4
AGRADECIMENTOS.....	5
ÍNDICE DE ANEXOS.....	8
INTRODUÇÃO.....	11
ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	13
1.1. A razão de educar .....	13
1.2. Perspetivas Educacionais .....	14
1.2.1 Modelos Pedagógicos.....	14
1.2.2 “Lógica Construtivista” .....	17
1.3. Profissão, o caminho da profissionalidade.....	25
1.4. O Ensino em Portugal.....	24
1.4.1 Perfil do Docente Generalista.....	27
1.5. Em busca da excelência na prática .....	29
METODOLOGIAS .....	32
2.1. Tipo de Estudo.....	32
2.1.2. Participantes.....	33
2.1.3. Procedimentos .....	33
INTERVENÇÃO .....	37
3.1. Caracterização dos contextos da Prática Pedagógica .....	37
3.1.1. Instituição A.....	37
3.1.2. Instituição B.....	40
3.2 As Turmas.....	42
3.2. Intervenção no contexto educativo .....	45
3.2.1. Observar .....	45
3.2.2. Planificar .....	46
3.2.3. Intervir.....	49
3.2.4. Avaliar.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	61

## LISTA DE ABREVIATURAS

BD – Banda Desenhada

CEB - Ciclo do Ensino Básico

EB - Ensino Básico

IM – Inteligências Múltiplas

LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo

MEC - Ministério da Educação e Ciência

MiVE – Missão e Visão Educativa

NEE - Necessidades Educativas Especiais

PE – Pré-Escolar

PEI - Plano Educativo Individualizado

PjE - Projeto Educativo

PCT - Projeto Curricular de Turma

PCE - Projeto Curricular de Escola

RI - Regulamento Interno

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação



# ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO I – *Check-list* de comportamentos 1º CEB

ANEXO II – Estudo de caso 1º CEB

ANEXO III – *Check-list* de comportamentos 2º CEB

ANEXO IV – Estudo de caso 2º CEB

ANEXO V – Planificações do 1º e 2º CEB

ANEXO VI – Reflexão sobre a planificação

ANEXO VII – Estrutura das planificações 1º e 2º CEB

ANEXO VIII – Registo fotográfico (Parreira)

ANEXO IX – Desafios da matemática

ANEXO X – Diários de Bordo

ANEXO XI – Reflexão sobre o contexto 2º CEB

ANEXO XII – Planificação de Matemática 2º CEB

ANEXO XIII – Planificação de Português 2º CEB

ANEXO XIV – Tecnologia na planificação 1º CEB

ANEXO XV – Matemática e Tecnologias 2º CEB

ANEXO XVI – Lenda das Sete Cidades

ANEXO XVII – Esquemas e Mapas conceptuais

**Professor em formação em busca da excelência na sua prática**

ANEXO XVIII – Zezé Cabeludo

ANEXO XIX – Registo fotográfico do Lanche dos Avós

ANEXO XX – Planificação e registo fotográfico BD

ANEXO XXI – A arte e os Direitos Humanos

ANEXO XXII – A arte na Prática Educativa

ANEXO XXIII – A arte e os sentidos

ANEXO XXIV – Desafios matemáticos

ANEXO XXV – Grelha de leitura de Português

ANEXO XXVI – Avaliação pela taxonomia de Bloom

ANEXO XXVII – Grelhas de registos de Ciências da Natureza

## INTRODUÇÃO

O presente relatório foi realizado no âmbito da unidade curricular *Prática de Ensino Supervisionada I e II*, orientada pela Doutora Ana Maria Paula Marques Gomes. O corpo deste trabalho constitui-se como uma sistemática das observações, experiências e reflexões feitas durante o período de estágio do Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclos – Perfil 4 que teve lugar na Cidade do Porto, entre Setembro de 2012 e Junho de 2013, em duas instituições de ensino particular.

Para a caracterização do contexto da prática pedagógica, realizada no 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), foi necessária a consulta dos documentos que estão na base da organização da ação educativa em contexto escolar: o Projeto Educativo, o Projeto Curricular de Escola, o Plano Anual de Atividades, o Regulamento Interno e ainda o Ideário da Instituição. Para uma caracterização mais específica do contexto escolar, nomeadamente o ano de escolaridade em que decorreu o estágio, consultamos o Projeto Curricular de Turma.

É de referir, como introdução ao relatório, a importância do estágio, enquanto componente formadora do estudante pois a prática pedagógica realizada durante o Mestrado sendo um contato real com o futuro “campo de trabalho” promove o progresso pessoal e profissional. De facto, este tipo de prática, incluída no plano de estudos do Mestrado de formação de professores, permite uma melhor assunção da postura do professor-estagiário perante a turma, obrigando-o à atualização dos conhecimentos teóricos para uma prática positiva.

Tendo em conta a ética e os valores que sempre devem dirigir a prática do professor, pretendeu-se que ela fosse o resultado do desenvolvimento de algumas competências básicas essenciais no desempenho profissional, nomeadamente, a comunicação e o pensamento críticos. Pretendeu-se também que o professor estagiário aplicasse os conhecimentos científicos e pedagógicos necessários à intervenção educativa; dominasse métodos e técnicas adequadas ao processo de ensino/aprendizagem; soubesse planificar, concretizar e avaliar a intervenção educativa recorrendo a metodologias de investigação em educação para compreender e analisar as práticas educativas e que em suma, conseguisse fazer um exercício reflexivo sobre a necessidade da continuidade pedagógica entre o 1º e o 2º CEB, refletindo sobre as semelhanças e diferenças que os definem.

O presente trabalho encontra-se estruturado do seguinte modo:

Capítulo I - *Enquadramento Teórico*, onde se abordam os fundamentos da educação, dando especial ênfase aos pressupostos construtivistas e à estruturação curricular do Ensino Básico (EB), desenvolvendo aspetos próprios do perfil do docente generalista.

Capítulo II – *Metodologias*, onde se introduz o tipo de estudo realizado e o âmbito e público-alvo que lhe deu origem.

Capítulo III – *Intervenção*, onde se caracteriza o contexto da prática pedagógica e se abordam as etapas de uma intervenção pedagógica fundamentada – Observar, Planificar, Intervir e Avaliar.

Por último, apresentam-se as *Considerações Finais*, resultantes da nossa reflexão sobre as instituições e a sua prática educativa, no confronto com a nossa intervenção em contexto de estágio.

## I.

# ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## 1.1. A razão de educar

“O objetivo da educação é formar o corpo, o coração e o espírito do educando”

Almeida Garrett

Enquanto futuros professores, importa-nos compreender qual o sentido de educar. Para isso, partimos do seu significado etimológico.

Herança do latim *educō* significa “instruir, cuidar, ensinar”, associado ao verbo *educere*, “criar, dar à luz, fazer sair, conduzir para fora”; numa forma mais concreta, introduzir o indivíduo no mundo, instruindo-o através do conhecimento para além de si, conduzi-lo para fora de si mesmo preparando-o para uma vida em sociedade (Sousa, 2003: 43). Nesta perspetiva, podemos comparar o aluno a um pedaço de barro, pronto a ser moldado, cuja missão pertence ao oleiro-educador, de dar uma nova forma e identidade a esse pedaço de barro, que já tem em si as suas próprias características pessoais - o oleiro não forma a partir do nada.

No entanto, este processo não pode ser apenas centrífugo. Para perceber para onde vai, o aluno tem que conhecer essa substância de que é feito. “O melhor educador seria assim aquele que, para lá das evidências, fosse capaz de desvendar o potencial da matéria-prima colocada sob a sua responsabilidade e de a converter em bela realização” (Martel, 2012: 7).

Desta analogia, podemos concluir que ao Educador cabe a responsabilidade e a arte de ajudar o aluno no autoconhecimento, para que este possa partir para um conhecimento sobre os outros e o mundo. Dizia Sócrates: “Ó homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo”<sup>1</sup>. Por isso, não pode o homem buscar o conhecimento, sem que se conheça a si mesmo.

Assim, não deve ser esquecido que compreender o que no aluno “é potencial é acreditar no seu desenvolvimento e na importância da educação” (Jesus, 1996: 11).

---

<sup>1</sup> Inscrição no oráculo de Delfos, atribuída aos Sete Sábios (c. 650a.C.-550 a.C.)

## 1.2. Perspetivas Educacionais

### 1.2.1 Modelos Pedagógicos

Entendida a razão de educar, cabe-nos delinear o percurso que a educação foi assumindo ao longo dos séculos. É consensual que representações do conceito de educação resultem das diferentes crenças e valores vividos em cada época da história da humanidade. O pensamento em mudança é a consequência das visões que o homem produziu sobre o mundo que, por sua vez, estão na origem das várias perspetivas criadas acerca da educação e das suas finalidades. A própria educação, intimamente ligada à criança, sofreu evoluções de acordo com os pensamentos vigentes sobre a psicologia infantil. “A educação deve, pois, adaptar-se constantemente a estas transformações da sociedade, sem deixar de transmitir as aquisições, os saberes básicos, frutos da experiência humana” (Unesco, 2001:20).

Foi a partir do séc XX que a educação foi instituída como um direito para todos, por ser considerada fundamental para o desenvolvimento da sociedade. Como afirma Monteiro (2001: 120) a educação, embora “direito natural da família tornou-se [inevitavelmente] também um direito do Estado, no interesse geral da sociedade”. Como tal e numa visão ocidental, a escola partilha essa mesma responsabilidade - a de formar e modelar a criança com o fim desta integrar e servir a sociedade. De um modo mais concreto, podemos concluir que essa é a missão que cabe aos professores desempenhar.

Na atividade educativa, a forma como o professor se articula no sistema de ensino tem sido fruto de uma reflexão e experimentação extensas. De facto, mesmo a atribuição ao Estado da missão formativa específica não foi suficiente (nem seria nunca, porventura) para uniformizar as maneiras de ensinar, de se relacionar com os alunos e de “dar vida” a esse maravilhoso espetáculo do ensino. Assim, cabe a cada professor, de acordo com a sua sensibilidade e formação, a sua maneira de encarar os objetivos pedagógicos e a consciência social e humana em que se insere a sua prática, estabelecer métodos e mobilizar ferramentas na sua *praxis* de sala de aula.

Fruto desta experimentação, estabeleceram-se, ao longo do séc. XX, algumas correntes estruturantes da pedagogia, nas suas múltiplas formas de ser pensada. De entre estas, achamos pertinente destacar: o *modelo diretivo*; o *modelo não-diretivo* e o *modelo interacionista*.

### **a) Modelo Diretivo**

O Modelo Diretivo, de acordo com Marques (1998), vai buscar os seus pressupostos psicológicos ao behaviorismo de Pavlov, Watson, Thorndike e Skinner. Este último, psicólogo de renome estado-unidense, consolidou, no seu livro “Science and Human Behaviour”, de 1953, a ideia de que o comportamento humano pode ser explicado pelo princípio do condicionamento operante. Este postula que o comportamento de um indivíduo é determinado a partir das influências ambientais que recebe. Nomeadamente, através da recompensa seletiva de determinados comportamentos que se deseja favorecer, o indivíduo é condicionado a agir de forma a obter essa recompensa.

Isto apresenta consequências profundas quando aplicado ao campo da educação. Nos anos 60, Bereiter e Engelmann operacionalizaram este princípio criando o Modelo Diretivo, que conceberam especialmente para colmatar dificuldades de aprendizagem de que os autores se aperceberam nalguns meios sociais americanos.

Este modelo exige do professor uma rigorosa preparação dos temas e dos tempos letivos, uma metodologia de ensino muito estruturada e uma adaptação ao público-alvo previamente definida e bastante rígida. Constitui uma didática extremamente centrada no professor, fazendo do aluno um sujeito recetor, que não modela a aprendizagem. Em cada momento, este apenas se adapta melhor ou pior ao que lhe é proposto, dependendo disso o reforço que lhe é dado.

Assim, este modelo faz depender do professor até a própria motivação para a aprendizagem. Como só ele pensa o tempo letivo, a ele cabe fazer a introdução dos conteúdos e mostrar a sua pertinência, ficando assim dependente do sucesso desta primeira fase da aula a motivação e cooperação dos alunos. Como dificilmente isto será conseguido de forma universal e em todas as lições, este modelo preconiza um relacionamento professor-aluno algo formal, onde a ordem e o silêncio na sala são indispensáveis.

### **b) Modelo Não-Diretivo**

Em contraponto com este modelo, encontramos as didáticas do estilo Não-diretivo. Derivando de correntes psicológicas centradas na pessoa humana propostas por Carl Rogers e Abraham Maslow, igualmente na década de 60 do séc. XX, foram defendidas em sentido oposto ao modelo tradicional de ensino (e não em relação ao modelo diretivo especificamente, como o nome pode sugerir). Defendem que o essencial no

processo educativo é a aprendizagem, o próprio processo de aprender, estabelecido e balizado pelos interesses do aluno, verdadeiro referencial de si próprio. Assim, a única função atribuída ao professor é a de um psicoterapeuta, ajudando o aluno na medida em que este necessita dele. O professor transforma-se assim numa espécie de psicoterapeuta, ajudando o aluno a desvendar os conflitos e condicionamentos que operam no seu interior para que, libertado de tais limitações e conhecendo agora as suas necessidades, possa fazer render todo o seu potencial e curiosidade natural, orientando a sua própria aprendizagem na realização do seu potencial humano (Marques, 1998: 78).

A escola orientada segundo o modelo não-diretivo não conhece classificações nem avaliações, pois estas constituem formas de condicionamento da autodeterminação. O reconhecimento e apreciação do trabalho individual são feitos *inter pares*, não sendo reconhecida aos professores a função de julgar ou encorajar. Estes devem antes funcionar como “alter-ego” do aluno, permitindo-lhe ver-se como “num espelho” e reconhecer aquilo que ele não considera positivo em si, para que o possa transformar. Assim, na escola não-diretiva dá-se uma especial primazia ao domínio emocional sobre o domínio cognitivo, defendendo-se que “a função da educação é preparar o aluno para se aceitar tal como é, para ser feliz consigo próprio e para realizar todo o seu potencial” (Marques, 1998: 81).

### **c) Modelo Interacionista**

Em terceiro lugar, com uma função de síntese dos dois modelos antes apresentados, pretendemos trazer a esta reflexão o Modelo Construtivista ou Interacionista. Sendo defendido por Jean Piaget e John Dewey, recebeu grande influência do modelo pedagógico progressista da primeira metade do séc. XX, sendo depois completado com a teoria dos estádios do desenvolvimento cognitivo e as noções de aprendizagem pela descoberta e autoavaliação (Marques, 1998: 91).

O modelo construtivista tem como característica fundamental o facto de se centrar no aluno e no professor, dependendo igualmente de ambos para que possa ter lugar e levar a cabo o seu preceito democrático e de relação. Esta partilha de iniciativa e responsabilidades fazem central o desenvolvimento de relações sociais eficazes em sala de aula, tentando reproduzir “modelos ideais” de sociedade. Assim, professor e aluno são aliados na busca pelo saber, motivando-se e justificando-se mutuamente. Ao primeiro cabe levar o aluno a situações de impasse e conflito, que Piaget intitulou de “conflito cognitivo”, para que este possa, através de um esforço indutivo, arranjar



novas soluções gerando novo conhecimento. Ao aluno cabe responder aos desafios que lhe são propostos, argumentando e comparando as várias soluções que descobriu, propor novas formas conceptuais de desafios e ser um avaliador do processo. Desenvolve-se assim a ideia pioneira da autoavaliação, envolvendo o aluno na ponderação dos seus progressos (Marques, 1998: 98).

Na Europa, os principais implementadores desta linha de pensamento foram Décroly, Claparède e Freinet, entre outros, tendo este último fundado, em 1928, o Movimento da Escola Moderna (Mouvement de l'École Moderne), criado dentro da corrente da pedagogia da Escola Nova, que influenciou grandemente Freinet através dos seus contactos com John Dewey. Este movimento foi pioneiro em pedagogias inovadoras como a escrita criativa de textos jornalísticos pelos alunos e a sua divulgação entre escolas, o recurso frequente às visitas de estudo e saídas de campo, e ao relato de vivências, em sala de aula, pelos alunos (Legrand, 1993: 405).

### 1.2.2 “Lógica Construtivista”

“Cabe ao professor transmitir ao aluno, o que a Humanidade já aprendeu acerca de si mesma e da natureza, tudo o que ela criou e inventou de essencial.”  
(Unesco, 2001: 19)

Depois da revisão dos modelos pedagógicos, considerámos importante abordar a relação pedagógica com base numa visão construtivista, por ter sido esta a referência na nossa prática pedagógica durante o período de estágio.

Com a mutação dos cânones tradicionais do ensino, a profissão de professor ganha uma nova dimensão. “O papel tradicional do professor como transmissor de conhecimentos e normas” foi posto em causa pelo movimento pedagógico da Escola Nova, criticando a “escola livresca, memorista e uniformizadora” (Lima, 1996: 53). Ainda que o aluno e o professor sejam igualmente preponderantes no processo de aprendizagem, o professor é o elemento organizador na relação pedagógica.

Modelar e formar atitudes e comportamentos impõe-se como um desafio complexo, exigindo dos professores mais do que uma exposição de conteúdos e conceitos. O modelo defendido pela Escola Nova propõe um professor que, para além de ser um conhecedor dos conteúdos que leciona, deve ainda ser um mediador da aprendizagem, isto é, um pedagogo eficiente, capaz de atender os alunos de forma coletiva e individual, organizando a sua prática em função da heterogeneidade dos mesmos. Numa lógica construtivista, o professor é “um agente mediador entre o

indivíduo e a sociedade e o aluno, como aprendiz social, deve ser convenientemente matizado e tido em conta em cada caso” (Coll *et al* 2001: 12).

A interpretação do ensino à luz dos pressupostos construtivistas constitui-se “em torno da atividade mental do aluno”, assentando assim no “princípio da diversidade” (*idem ibidem*: 183). Entenda-se que “diferenciar o ensino não é introduzir a diferença, mas dominar a individualização dos percursos” (Perrenoud, 2001: 31). Isto é, aceitar o percurso de cada aluno como um conjunto de experiências singulares, que devem conviver num mesmo contexto. Isto constituiu o fundamento que se veio intitular de “pedagogia diferenciada”.

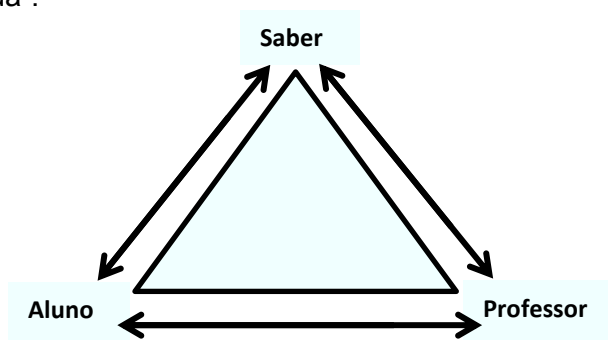


Fig. 1 - Triângulo didático

A figura 1 que se apresenta pretende demonstrar, na perspectiva da pedagogia diferenciada, a relação pedagógica entre os seus três elementos fundamentais, onde o movimento do saber não é unidirecional.

Neste sentido, concordamos com Gardner (2008), quando afirma que um Educador, consciente da existência natural dessa mesma diversidade entre os seus alunos, deve, o mais possível, “modelar a educação de forma a atingir cada criança de maneira ideal”. Este autor, uma incontornável referência no campo da educação, fez despertar no mundo uma nova visão sobre a inteligência, definindo-a como “uma combinação de determinadas habilidades lógico-linguísticas” (Gardner *et al*, 2008: 21). Fundador da teoria das Inteligências Múltiplas (IM), defende que todo o indivíduo possui um leque de inteligências em vários domínios cognitivos (até então consideradas nove), que se desenvolvem conforme as vivências de cada um. Ora, tal perspectiva conferiu ao Educador a possibilidade de melhor compreender as diversas aptidões humanas, postulando a multiplicidade de abordagens na prática educativa, como resposta aos distintos perfis dos alunos que, enquanto seres únicos, apreendem de forma diferente uma ideia ou um conceito (*idem ibidem*: 18).

Apesar de, em muitos aspetos, Jean Piaget e Howard Gardner não coincidirem no seu pensamento, em muitos outros eles complementam-se. Ambos partem do mesmo

pressuposto, a necessidade de compreensão da ação do indivíduo no processo de aquisição do conhecimento, acreditando que o meio envolvente da criança tem um peso fundamental no gerar do conhecimento. Este é o princípio que os liga ao mesmo cosmos da pedagogia construtivista. Partindo desta ideia, Gardner vai mais longe, identificando a existência de um quadro de diferentes inteligências cognitivas, em detrimento dos estádios rígidos piagetianos. Segundo Gardner, a maturação cognitiva é feita mais em função de cada inteligência em particular e não da conquista etária de uma capacidade cognitiva única. A título de exemplo, Gardner afirma que o egocentrismo, típico da fase pré-operatória de Piaget, pode ser precocemente vencido pelo desenvolvimento da inteligência interpessoal (sobre as IM cfr. *idem ibidem*: 19). Deste modo, propõe que o traçado dos conflitos cognitivos tenham presente todo o espectro das IM, para que haja um “maior envolvimento dos estudantes na sua própria aprendizagem, mais motivação por parte dos alunos e professores e um ambiente de aprendizagem mais inclusivo” (*idem ibidem*: 230). Apela assim, à necessidade de uma abordagem multidisciplinar, como forma de integração do saber, creditando-a como um vantajoso meio para o desenvolvimento das IM.

André Toulouse, num dos seus ensaios acerca dos métodos utilizados em sala de aula, conclui que

“somente com o uso adequado da teoria das IM, através de uma perspectiva construtivista e de ensino para a compreensão, é que todos os alunos podem ter oportunidade igual de sucesso e de realizar o seu potencial. (...) É muito importante oferecer aos alunos uma ampla variedade de oportunidades para maximizar a experiência da aprendizagem” (*idem ibidem*: 231).

Ainda dentro desta linha de pensamento, Wilson (1992) afirma que o professor deve “planificar, propor e avaliar o currículo ótimo para cada aluno, no contexto de uma diversidade de alunos que aprendam”, promovendo a “actividade mental auto estruturante, que possibilite o estabelecimento de relações, a generalização, a descontextualização e a atuação autónoma”, de forma a que haja uma verdadeira apropriação do conhecimento (Coll *et al* 2001: 14).

A criação de estratégias direcionadas para cada aluno torna-o consciente de todas as fases do seu processo de aprendizagem – “o que faz e por que razão o faz” – capacitando-o, por sua vez, na previsão das suas dificuldades e ajudando-o a aceitar a intervenção de terceiros, se necessário (*idem ibidem*: 183).

Este tipo de prática desperta-nos para a importância da motivação do professor, na motivação dos alunos, sendo esta considerada a base do comportamento (Abreu, 1982: 333). “Considera-se que o poder de um sujeito sobre o outro só se torna efectivo na medida em que este se lhe submete, aceitando ser influenciado” (Jesus, 1996: 12). Para que tal aconteça, é necessário que o aluno encontre no professor algo com que

se identifique, que o atraia ou que admire. A inexistência de expectativas, na relação pedagógica professor-aluno, é muitas vezes o primeiro obstáculo na criação de interesse pela aprendizagem no aluno. Segundo afirma Cunha (1978 *in* Jesus 1996:16) a relação entre professor-aluno deve assentar em princípios como o “diálogo”, a “negociação criativa”, a “compreensão”, o “encorajamento”, o “respeito”, as “expectativas positivas” e a “fascinação”. Nesta ótica, Abrami, Leventhal e Perry (1982: 447) definem a necessidade de “sedução educacional”, como o primeiro passo para a aprendizagem, dando primordial importância à forma como o professor conduz e “seduz” os alunos a aprender.

Como refere Jesus (1996: 16), “na relação pedagógica, o importante é o professor possuir instrumentos cognitivos que lhe permitam interpretar adequadamente as situações com que se confronta e ter uma flexibilidade relacional que lhe possibilite, nas situações concretas, uma resolução eficaz”. A sua atitude deve inspirar confiança, estabilidade e segurança de modo a promover a “construção de uma autoimagem realista e positiva no aluno”.

#### **a) Nutrir a Pluralidade do Intelecto**

“(…) a educação infantil é da maior importância, constituindo o alicerce de toda a formação e de toda a vida da pessoa, devendo-lhe por isso ser dispensados os maiores cuidados (…)”  
Platão (*in A República, Liv. V*).

O olhar ampliado, sobre o ser humano, pela lupa de Gardner serve como um riquíssimo contributo para o Universo Construtivista, imprimindo-lhe um sentido mais justo na apropriação do conhecimento pelo homem. A sua conceção, gerada em torno da própria inteligência humana, expandiu o conceito de raciocínio lógico-dedutivo a um conjunto de faculdades cognitivas, que desfizeram o seu carácter monolítico, que até então se encontrava estabelecido. Aliado a uma forte equipa de investigação, Gardner considera oito inteligências, formulando a hipótese de uma nona, baseando-se em oito critérios resultantes dos vários estudos e pesquisas realizados nas áreas da genética, neurociência, psicologia, antropologia, educação, bem como noutros ramos do conhecimento (Gardner *et al*, 2008:18). Completa assim, um novo quadro do intelecto humano, sendo a sua pluralidade determinada pela inteligência linguística, pela lógico-matemática – “geralmente as [duas] mais valorizadas nas escolas seculares modernas” -, pela musical, a espacial, a corporal-cinestésica (recurso ao corpo ou a partes do corpo para a resolução de problemas), a interpessoal, a intrapessoal, a

naturalista e pela possível nona inteligência, a existencial (a que gera questões acerca da natureza e preocupações humanas) (*idem, ibidem*: 2008, 19).

O reconhecimento desta pluralidade do intelecto remete-nos para uma outra preocupação, a sua nutrição. Todo o professor que tome com seriedade esta teoria, deve investir e dedicar-se à forma como se põe ao serviço dos seus alunos, devendo apostar nas variadas formas de abordagem, “as quais devem (...) ativar diferentes inteligências ou combinações de inteligências”. Uma postura assente na transdisciplinaridade possibilita-lhe um maior envolvimento por parte de mais alunos e a estes mostra a importância de “ter uma compreensão profunda e equilibrada de um tópico” (*idem, ibidem*: 2008, 21).

Muito antes de Gardner, já a humanidade espelhava em si uma preocupação profunda acerca da sensibilidade para ensinar. Santo Agostinho, uma figura invulgar para o seu tempo, questionava também o pensamento vigente da época, sobre a forma como se ensinava e se encarava o gerar do conhecimento. “O que é que se pode dizer em defesa da ideia de que as palavras nos ensinam algo completamente distinto do som que assalta os nossos ouvidos?”. À qual, o filósofo, teólogo e também professor, responde “Tudo o que é objeto da nossa perceção é-o através dos sentidos ou através da mente”. Pois talvez não bastem as palavras para podermos contemplar a essência da realidade, sendo fulcral a sua observação e experimentação, como nos diz Santo Agostinho. Acreditar que se aprende somente com o que é comunicado é descredibilizar a existência dos nossos sentidos. Por outro lado, a perceção com recurso à mente só é possível através da interpretação dos factos por parte de quem aprende. Conclui então Santo Agostinho que “(...) as palavras apenas levantam questões que lhe permitem aprender por si próprio” (Smyth *et al*, 1998: 132).

Os sentidos estão puramente ligados às múltiplas inteligências do indivíduo, não devendo nunca ser ignorados num ambiente educativo. Citando Morgan (1994)

“O conhecimento precisa da ação coordenada de todos os sentidos – caminhos externos – combinando o tato (o toque, a comunicação corporal), o movimento (os vários ritmos), o ver (os vários olhares) e o ouvir (os vários sons). Os sentidos agem complementarmente, como superposição de significantes, combinando e reforçando significados” (*in* Souza, 2001:5).

É partindo desta ideia que Gardner nos alerta para uma componente que muito importa no desenvolvimento e progresso humano, a criatividade, considerando-a um veículo promotor de todo o pensamento humano.

Também Jorge Rio Cardoso, autor do *bestseller O Método Ser Bom Aluno - 'Bora Lá' ?*, escreve numa das suas mais recentes obras sobre a importância da criatividade,

enquanto inovação nas práticas pedagógicas, para melhor se chegar ao aluno e como característica fundamental para se ser um bom professor. As práticas inovadoras devem sê-lo a “vários níveis, nomeadamente no que aos meios pedagógicos diz respeito, mas, também nas formas pedagógicas de expor matérias” (Cardoso, 2013: 89). Poderá dizer-se, então, que o papel do professor consistirá em tornar apelativo aquilo que a princípio poderá parecer desinteressante e sem cor. Em contrapartida, significa que o professor deve ser revelador de uma capacidade de representação e de interpretação daquelas que são as necessidades e motivações próprias dos alunos, com o objetivo de conquistar a atenção e motivar a concentração nos mesmos. Deve criar-se uma ponte entre o património pessoal de cada aluno e o mundo, para que o próprio, assumindo uma postura ativa, se transforme e gere conhecimento. De um outro modo, o universo do aluno será o ponto de partida para o conhecimento, na medida em que os problemas levantados são postos como seus, levando-o em busca das soluções que lhe permitem conhecer e consciencializar-se daquilo que lhe é exterior. Para além do entusiasmo, o professor deve apostar, não só na utilização de recursos e locais de ensino variados, mas também num diálogo e negociação criativos, com intuito de fazer renascer, no aluno, a curiosidade de saber e a sede de querer saber mais. Nesta ótica, emergem duas outras características enunciadas por Jorge R. Cardoso, “a boa comunicação” e a “abertura e colaboração com os alunos”. Quanto à primeira, o professor deve ajustar o seu discurso ao aluno de forma a cativar pela fácil compreensão. O professor não pode ser apenas aquele que “prega” sem conhecer os seus discípulos, não percebendo que é deles que surge o móbil para o ensino. Relativamente à segunda, o professor deve demonstrar abertura em relação às dificuldades dos alunos, mostrando-se disponível, se necessário por meios de contato remoto eletrónico, para o esclarecimento de dúvidas em projetos pontuais. Ainda dentro deste ponto, não deve ser esquecido o *feedback* quanto ao trabalho realizado, para que professor e aluno caminhem no mesmo sentido. Por último e não menos importante, o autor menciona o “alto profissionalismo”, ou seja, o professor deve ter um grande conhecimento científico sobre o tema ou a matéria a lecionar e uma boa preparação humana e psicológica para lidar com as exigências de uma faixa etária específica (*idem ibidem*: 90).

## b) A Arte como ponte

Uma área que consideramos de excepcional valor, como fruto e fomento da criatividade, é a arte e o seu uso no ensino. A educação pela arte, não tem como fim último a arte em si mesma, mas sim o de “conseguir uma educação integral a todos os níveis: afectivo, cognitivo, social e motor” (Sousa, 2003: 30).

Na base do aprender estão duas condições essenciais intrínsecas do aluno, a vontade e atenção. No entanto, a criança exposta a uma aprendizagem que exige longos períodos de concentração fica repleta de desejos, de tensões, de emoções e sentimentos, que necessita de libertar e deixar expandir. As atividades educativas expressivas (expressão musical, expressão dramática, expressão plástica, verbal, escrita, dançada, etc.), “para além do seu inquestionável valor educativo, oferecem algo de mais valioso, que é a sua ação homeostática”. Por ação homeostática entende-se o equilíbrio das várias vertentes do indivíduo, neste caso, as ligadas às atividades de maior exatidão e rigor e as relacionadas com as tarefas de livre expressão do pensamento e do sentimento (Sousa, 2003: 183).

Antes de abordarmos as vantagens que a arte pode trazer ao processo educativo, tentaremos refletir sobre a sua essência. A arte é uma projeção exterior “de um conhecimento, é a intuição com que o artista apreendeu a realidade em sons, linhas, cores, gestos, palavras, conceitos e imagens”. Enquanto atividade humana, associada sempre a um contexto histórico, espelha a luta do homem com a natureza, da qual resulta a expressão de uma ideia universal sintetizada. Isto é, a inteligência concretiza uma ideia com base na intuição sensível que criou a partir da imagem, alargando-a a um conceito universal. Assim, a criação nasce da analogia entre uma ideia e uma imagem, sendo que

“ o artista não pensa, primeiro, a ideia para depois a revestir de imagem; mas pensa a ideia na e pela imagem. Temos, pois, em simultâneo síntese do homem e do universo, em sucessivos acordes de alusões e implicações, que ao sintetizarem, também, por isso estruturam e fortalecem. E assim, a arte, dando momentaneamente, ao homem, a hierarquia e domínio de faculdades perdidas, redime-o e torna-o saudável, ainda que sem o intuito expresso de moralizar” (Magalhães *et al*, 1963: 1366).

Mas o que pode isto ter a ver com o recurso à arte no ensino? A arte é um recurso pedagógico cativante, na medida em que rompe com as rotinas de um ensino-aprendizagem sedentário. Qualquer forma de arte utilizada para o ensino, seja através da música, do desenho, da escrita, da dramatização, prende pela novidade que traz em si. Surge assim, como uma fonte inesgotável de estímulos, que acionam no aluno outros processos de raciocínio geralmente menosprezados pelo ensino tradicional,

como a imaginação e a criatividade, promovendo, por sua vez, a combinação das diferentes inteligências para a execução de tarefas propostas. A arte funciona como uma espécie de despertador estesiológico, muitas vezes barrado pela pressão de normas, permitindo a exteriorização dos sentimentos e um espírito inovador, criador e crítico.

A arte, um campo de experimentação das diferentes linguagens artísticas para a construção do conhecimento, é uma forma do aluno desenvolver algumas das suas capacidades e aprender a confiar mais no seu potencial, ajudando na edificação da autoconfiança. Ao lidar com a arte e através dela, o aluno percorre diferentes trajetos no processo de ensino-aprendizagem, que proporcionam conhecimentos específicos sobre si mesmo, levando-o a compreender a diversidade de valores que o orientam no seu modo de pensar e agir. Por outro lado, a sua componente lúdica torna o ensino muito atrativo, favorecendo a clarificação de conceitos e a sedimentação do que já aprendeu, contextualizando e interligando aquilo que é abordado.

Assim, a arte estabelece a ponte entre a criança e o seu mundo mais próximo e mais distante, partindo do lúdico para a aprendizagem. De um outro modo, significa “possibilitar experiências e vivências significativas, em apreciação, reflexão e elaboração artística”<sup>2</sup>, desenvolvendo na criança a capacidade de contemplação e interpretação de si e das sociedades, por meio de sons, movimentos e imagens.

### 1.3. O Ensino em Portugal

A proclamação da educação como um direito e dever dos indivíduos constitui-se um dos maiores progressos, conseqüente da modernização da sociedade, “expressão do desejo de elevação pessoal, vista como um elemento fundamental na concretização dos direitos cívicos e políticos”<sup>3</sup>. A necessidade de instrução é indissociável da evolução de uma sociedade. A carência de compreender, de desvendar, de alterar e criar, são ações intrínsecas do homem, que vão crescendo com o desejo de acompanhar o mundo.

Isso exigiu uma reflexão profunda estrutural e organizacional da sociedade, feita ao longo dos tempos. Em Portugal, desde o início do séc. XX houve um grande esforço no sentido de dotar o país de uma rede de escolas primárias em que,

---

<sup>2</sup> [http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/minicursos/arte\\_ef/cap\\_razoes.htm](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/minicursos/arte_ef/cap_razoes.htm), consultado em Agosto de 2013.

<sup>3</sup> Centro de Investigação e Estudos de Sociologia/Escola Superior de Educação de Santarém. A *DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO EM PORTUGAL*. pág. 1.



idealmente, se pudessem inscrever todas as crianças entre os 6 e os 10 anos. Para reforçar este princípio, em 1956 surgiu a primeira legislação que instituiu a escolaridade obrigatória (4 primeiros anos da instrução básica). Esta foi alargada com o passar dos anos. Atualmente o Estado Português define a escolaridade como obrigatória e gratuita até ao último nível do Ensino Secundário, o 12º ano<sup>4</sup>. Anteriormente, era considerada obrigatória apenas a conclusão do Ensino Básico (EB). Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), um dos objetivos primordiais deste é o de “assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses”<sup>5</sup>. Deste modo, o EB é a primeira etapa da educação, que contribui para a formação da criança enquanto ser livre, numa ótica de autonomia e responsabilidade dentro da cidadania. Exige-se que o aluno seja dotado de uma série de competências e capacidades que lhe permitam viver, de forma democrática, em comunidade.

Os objetivos definidos para o período do EB, na LBSE, embora determinados de modo coerente com as diferentes fases de desenvolvimento da criança, não estão rigidamente vinculados a cada nível de ensino (1º, 2º e 3º Ciclos). Para facilitar o cumprimento dos objetivos, foi criado um documento designado de Currículo Nacional de Ensino Básico – Competências Essenciais, que define um conjunto de metas e competências respetivas a cada ciclo. Desta forma, o Currículo Nacional de Ensino Básico – Competências Essenciais caracteriza-se como um suporte orientador para todos os estabelecimentos de ensino do país, prevendo um plano de estudos para cada etapa de ensino. Entre os diferentes planos de estudo deve estar implícito a articulação de modo contínuo e sequencial, atribuindo a cada Ciclo a função de complementaridade do Ciclo anterior.

## 1.4. Profissão, o caminho da profissionalidade

“Todas as profissões são um ofício, ainda que o inverso não seja verdadeiro”  
(Philippe Perrenoud, 2002: 10)

A semelhança etimológica dos vocábulos “profissão” e “professor” deve fazer-nos reflectir sobre uma relação que não é, de todo, fortuita mas que traduz profunda identificação de princípios e objectivos. A sua origem comum no termo *proferre* (trazer para a frente, declarar, apresentar, etc.) realça o papel singular do professor como

---

<sup>4</sup> Decreto-Lei n.º 176/2012, de 2 de agosto

<sup>5</sup> Artº 7. Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto

anunciador e propagador daquilo que é novo e que, como tal, transforma a sociedade. Ao mesmo tempo, reforça que tal elemento da comunidade precisa de disponibilidade para exercer o seu ministério, devendo ser assim libertado de outros encargos. De facto, o que é uma profissão senão o reconhecimento por parte de uma comunidade do valor e pertinência de uma determinada atividade, considerada necessária ao bem comum?

Mas, nas premissas do necessário “contrato social” sobre o qual assenta a função docente, está inclusa a alta expectativa que, compreensivelmente, pesa sobre os que se propõem a tão exigente tarefa. Diz-nos Jorge Rio Cardoso, referindo-se à visão de Adriano Moreira, que “ser bom professor passa por ter as capacidades de saber investigar, ensinar, coordenar ambas as coisas nas atividades de grupo, compreender o mundo e conseguir contribuir para formular uma reorganização da ordem mundial.” Perante este seu enunciado, conclui o mesmo Adriano Moreira: “Deve dizer-se, em abono da verdade, que Deus dificilmente põe na mesma pessoa estas quatro capacidades”. Na tentativa de responder a tão exigente desígnio, deve o professor buscar permanente a construção da sua própria profissionalidade (Cardoso, 2013: 79). Esta pode ser entendida como “o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que corporizam a especificidade de ser educador” (Nóvoa *et al*, 1991: 64).

Para a construção de uma condição e de um método pedagógico eficaz, toda a sociedade e, concomitantemente, a comunidade académica, se conjugam para auxiliar o futuro professor na prossecução da sua missão. A primeira, garantindo uma condição profissional estável e o conjunto de meios logísticos e organizacionais necessários a uma sociedade do saber, como a definiu um alto responsável da UNESCO numa entrevista à publicação *World of Science*<sup>6</sup>. A segunda, constituindo a consciência crítica e verdadeiro “motor pensante” que permita originar, em si, propagadores do saber com verdadeira idoneidade científica. A primeira, portanto, como veículo para uma profissão (ou profissionalização), a segunda como inspiradora da profissionalidade.

É, pois, numa perspectiva de caminho que qualquer profissional do ensino, com plena consciência de ser, nas palavras de Albino Almeida, “um factor decisivo do desenvolvimento de cada homem e da Humanidade” deverá almejar a construção da sua identidade como mestre.

---

<sup>6</sup> PLATHE, A. *Towards Knowledge Societies. An Interview with Abdul Waheed Khan*. *World of Science* Vol.1, Nº 4. 2003.

### 1.4.1 Perfil do Docente Generalista

“O Programa do XVII Governo atribui prioridade às políticas que visam superar os défices de qualificação da população portuguesa, seja através do combate ao insucesso e abandono escolares, seja ainda pela assunção do ensino secundário enquanto referencial mínimo de qualificação dos portugueses”<sup>7</sup>.

Situação esta, que exigiu uma reformulação nas exigências da qualificação para a docência. Afinal, os professores são a “voz dos novos dispositivos para a escolarização” (Nóvoa, 1997: 16).

A função do professor passa, essencialmente, pela construção de saberes científicos nos alunos, bem como pela promoção de valores humanos. Segundo Nóvoa (1992: 40) o professor deve ser dotado de um conjunto de características que assentam na edificação de “um corpo de conhecimentos e de técnicas”. Desta forma, a habilitação do docente torna-se uma das principais preocupações educativas, havendo uma reformulação na formação e profissionalização, de maneira a primar pela qualidade e qualificação dos professores. Com as alterações na qualificação para a docência, pretendeu-se habilitar de forma mais abrangente os corpos docentes, de modo a possibilitar uma maior mobilidade dos mesmos entre os níveis e ciclos de ensino, que acreditamos, facilitar a contratação e planeamento das admissões de professores por parte das escolas. Esta mobilidade trouxe vantagens, não só para a gestão dos recursos humanos efetivos no sistema educativo, que se tornou mais flexível, como para o conhecimento dos professores sobre os alunos, alargando-se o período de acompanhamento dos alunos pelos mesmos professores. Neste contexto surge o “professor generalista”, habilitado para dois níveis de ensino, uma habilitação conjunta em ensino do PE e do 1º CEB ou do ensino em 1º e 2º CEB. Este sistema, moldado dentro destes princípios, exige um maior rigor no desenho da formação dos professores, no sentido de completar as suas aptidões para o cumprimento de tarefas dentro de uma maior abrangência de níveis de ensino.

Muito embora esta habilitação conjunta preveja a união de dois perfis de ensino, o próprio sistema educativo não se encontra ainda preparado para a livre mobilidade dos professores dentro das várias valências da sua formação.

---

<sup>7</sup> Decreto –Lei 43/2007.

### **a) Organização Curricular 1.º e 2.º CEB**

O Ministério da Educação e Ciência (MEC) determina para o 1º CEB uma duração de 4 anos de escolaridade. Este período tem início obrigatório, para todas as crianças que completam os 6 anos de idade até ao dia 15 de Setembro (ou até 31 de Dezembro, a pedido do Encarregado de Educação). Está prevista (no Decreto-Lei nº 6/2001, com as alterações que lhe foram dadas pelo Decreto-Lei nº 94/2011) uma formação que compreenda obrigatoriamente as áreas Curriculares disciplinares, onde se inserem o Português, a Matemática, o Estudo do Meio e as Expressões Artística e Físico-Motora e as áreas Curriculares não disciplinares, com as disciplinas de Área de Projecto, Estudo Acompanhado e Formação Cívica.

Estas duas áreas perfazem um total de 25 horas letivas semanais. A estas poder-se-á adicionar a área curricular disciplinar de frequência facultativa onde se insere a Educação Moral e Religiosa, com a carga horária adicional de uma hora letiva.

Estão ainda previstas as Atividades de Enriquecimento Curricular, de “carácter eminentemente lúdico e facultativo”, nos domínios desportivo, artístico, científico e tecnológico, de ligação da escola com o meio, de solidariedade e voluntariado e da dimensão europeia na educação e a possibilidade das escolas, na medida dos recursos disponíveis, iniciarem a aprendizagem de uma língua estrangeira, só obrigatória no 2º CEB.

Cabe ao professor titular da turma, a gestão do tempo letivo de forma flexível, de modo a trabalhar todas as áreas de ensino. Nos termos do Despacho nº 19 575/2006, são estabelecidos os seguintes mínimos: oito horas semanais de ensino de Português, com uma hora diária para a prática da leitura; sete horas semanais de ensino da Matemática e cinco horas semanais de ensino do Estudo do meio, metade das quais dedicadas ao ensino experimental das Ciências.

Relativamente ao 2.º CEB, estabelece a tutela que este seja composto por dois anos de escolaridade (5º e 6º anos do EB). A organização curricular é, na estruturação das grandes áreas curriculares, idêntica e compreende as áreas curriculares disciplinares, onde se incluem as Línguas e Estudos Sociais (Português, História e Geografia de Portugal, Língua Estrangeira); a Matemática e Ciências Naturais; Educação Artística e Tecnológica (Educação Visual e Tecnológica e Educação Musical); Educação Física; Área curricular não disciplinar (Estudo Acompanhado e Formação Cívica); Área curricular disciplinar de frequência facultativa (Educação Moral e Religiosa) e Actividades de enriquecimento.

A planificação dos tempos letivos é feita tendo por base aulas de 45 minutos ou blocos letivos de 90 minutos. A gestão do uso diferenciado dos dois é da responsabilidade da escola, conforme as possibilidades.

Assim, estão preconizados para cada área, em tempos de 45 minutos: Línguas e Estudos Sociais – 12 tempos, metade dos quais obrigatoriamente para Língua Portuguesa; Matemática e Ciências – 9 tempos, dois terços dos quais dedicados à Matemática; Educação Artística e Tecnológica – 6 tempos; Educação Física – 3 tempos; Área curricular não disciplinar – 3 tempos; Educação Moral e Religiosa – 1 tempo.

A Formação Cívica deve ser desenvolvida em articulação com as restantes disciplinas. O Estudo Acompanhado deve ser assegurado por dois professores, de preferência de áreas científicas diferentes. É de salientar ainda que os professores devem desenvolver nos alunos competências de formação transdisciplinar de carácter instrumental como, o recurso às tecnologias de informação e comunicação.

## 1.5. Em busca da excelência na prática

“(..) são os professores que tornam as outras profissões possíveis (...)”  
(Cardoso, 2013: 60)

Em jeito de síntese deste primeiro capítulo, destacamos dois aspectos fundamentais na postura e atitude profissional do docente que procura a excelência na sua prática: a reflexão e a investigação.

Encarar a missão educativa como uma carreira e não como ofício é atributo de um professor de excelência. Assim, ao longo da sua carreira, o professor deve procurar “reforçar as suas competências, em vários domínios, para que possa melhor captar o mundo e transmiti-lo a sucessivas gerações” (Cardoso, 2003: 65). Este crescimento profissional passa, pois, pela atualização permanente, antecipando e compreendendo os desafios de um mundo em mudança.

A responsabilidade que transporta a profissão de professor passa, em grande medida, pelos quatro pilares da educação - aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver em sociedade e aprender a ser - sendo a escola, para além da família e do resto da sociedade, um dos meios para o seu alcance. Às escolas, mais propriamente aos professores, exige-se que facultem, dalguma forma, aos seus alunos, “a cartografia de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (Delors *et all*, 1991: 77). Nesta

ótica, o professor deve ter por base, na sua dinâmica de trabalho, uma atitude reflexiva aliada à pesquisa e investigação constantes, repensando e atualizando, deste modo, os métodos e estratégias que orientam a sua ação, para que o conhecimento partilhado não seja desfasado com o resto do mundo. O aluno tem de perceber qual a utilidade do conhecimento no seu dia-a-dia, para que possa aceitar a sua aprendizagem de livre vontade. Para além disso, a investigação realizada pelo professor ao longo da sua carreira permite-lhe reduzir a subjectividade daquilo que é transmitido, orientando os alunos em busca da verdade das coisas, dentro das várias perspectivas que existem sobre a realidade.

Segundo o Decreto-Lei n.º 240/2001, o professor deve assumir-se

“como um profissional de educação, com a função específica de ensinar, pelo que recorre ao saber próprio da profissão, apoiado na investigação e na reflexão partilhada da prática educativa e enquadrado em orientações de política educativa para cuja definição contribui activamente”

No que diz respeito ao professor prático reflexivo, Roldão afirma que a reflexão deve efetuar-se antes, durante e após a ação, sendo fundamental para o profissional analisar, avaliar e modificar a sua ação em desenvolvimento, “no sentido de aprofundar os processos e os resultados, os constrangimentos e os pontos fortes, a diversidade e os contextos da ação, reorientando-a, através da tomada fundamentada de decisões” (Roldão, 2008:49). Para a tomada fundamentada de decisões antecede-se a necessidade de investigação. Surge, assim, o conceito de professor-investigador, do qual se espera mais do que ser um “mero executor de currículos previamente definidos ao milímetro, mas um decisor, um gestor em situação real e um intérprete crítico de orientações globais”. O seu trabalho deve, portanto, proceder da pesquisa “intencional e sistemática”, tendo como finalidade o aperfeiçoamento da prática educativa face às necessidades dos alunos, paralelas às da sociedade (Alarcão, 2001:15).

O professor que pretenda abraçar o caminho da excelência, para além do dever de apostar no desenvolvimento de algumas competências que fomos abordando ao longo dos vários temas deste capítulo, deve, como afirma Paulo Freire (1996: 32), assumir desde logo, “porque professor”, uma postura assente na reflexão e na investigação, uma vez que “faz parte da natureza da prática do docente a indagação, a busca, a pesquisa”. Deste modo, concordamos com Jackson (1975) quando defende a prática reflexiva e de investigação pelo docente, justificando que só assim o professor irá compreender o mundo de forma cada vez mais profunda, racionalizar mais os seus

atos e considerar alternativas pedagógicas com base numa visão mais ampla sobre a condição e diversidade humana (Nóvoa *et al* 1991: 90).

Um professor que se acomode à utilização repetida de estratégias e métodos, com diferentes gerações de alunos, não inova, nem se ajusta às necessidades da realidade educativa que gere. Não havendo reflexão e investigação, o professor não pode dizer-se fomentador de uma pedagogia diferenciada, pois não procura corresponder aos ideais de uma escola inclusiva, mas sim satisfazer os objetivos para cumprimento do seu trabalho, isto é, concluir o programa curricular. Não trabalha para e com aquela turma em particular, apenas cumpre o seu dever com as turmas que vão “passando” por si, ignorando as suas especificidades. Assim, o professor exige que os alunos se adaptem aos seus requisitos, para que estes, à sua medida, correspondam ao currículo previsto, afastando-se por completo de tudo aquilo que a teoria construtivista preconiza como ideal para o processo de ensino-aprendizagem.

Nesta perspetiva, contrariamente a uma postura de acomodação, o professor deve procurar, perante novas situações, analisar cada aspecto que as compõe, para que através de diferentes pressupostos teóricos, tome uma decisão justificada pelas vantagens e desvantagens que esta implica. Para se entender a diversidade e complexidade humana, há que estudar e refletir sobre ela, com intuito de a aceitar, encarar e trabalhar, tendo em vista o crescimento individual e coletivo dos alunos.

## II.

# METODOLOGIAS

"Ser professor-investigador é, pois, primeiro que tudo ter uma atitude de estar na profissão como intelectual que criticamente questiona e se questiona."

(Alarcão, 2001: 6)

### 2.1. Tipo de Estudo

Na nossa intervenção no contexto de Prática Pedagógica, deparámo-nos com um conjunto heterogéneo de alunos, com uma organização própria já estabelecida e métodos de trabalho característicos. De facto, enquanto professores estagiários, confrontámo-nos com uma realidade já constituída, propondo-nos a fazer parte dela para a compreender o melhor possível, observando-a a partir do interior. Assim, desde o início que percebemos ser necessária a adoção de uma postura observadora, a que providencia as bases para uma investigação de tipo qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994:16), este tipo de abordagem “não é feita com o objectivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses, mas de compreender os comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação”. Só assim será possível, com proveito para o nosso estudo, interpretar os comportamentos humanos, tentando decifrar em que se formulam e sustentam os seus conceitos. Partindo desta abordagem ampla conseguem-se garantir os interesses fundamentais para um professor investigador, que pretendemos ser.

Concordamos com Martins (2006: 74) quando afirma que “o investigador deve estar envolvido na actividade como um *insider* e ser capaz de reflectir sobre ela como um *outsider*”. Ao professor estagiário é-lhe pedido que, para além de todo o trabalho que tem na preparação e realização de aulas e projetos com os alunos, utilize a informação que recolhe na sua observação diária para entender melhor aqueles que ensina, aprimorando os seus métodos de trabalho. Ao mesmo tempo, se mantiver um esforço eficaz para estar atualizado no que de mais recente se escreve e publica no mundo da pedagogia, poderá utilizar esse saber polifacetado para abrir caminhos novos na sua prática.



## 2.1.2. Participantes

Para a concretização desta investigação, foram principais alvos de estudo duas turmas - uma do 3.º ano do 1.º do CEB e a outra do 6.º ano do 2.º CEB - de diferentes estabelecimentos de ensino, onde tivemos oportunidade de realizar a nossa prática profissionalizante.

Relativamente ao 1.º Ciclo, a turma era composta por vinte e três alunos - dez do género masculino e treze do género feminino -, com idades compreendidas entre os sete e os oito anos. Já no 2.º Ciclo a turma constituía-se por um número bem menor de alunos, sendo apenas dezasseis - metade do género feminino e metade do género masculino -, com idades entre os onze e treze anos.

Fizeram ainda parte desta amostra todos os sujeitos envolvidos no processo educativo dos alunos e que de alguma forma contribuíram para a análise, reflexão e estudo do nosso papel, enquanto futuras professoras. Referimo-nos, assim, não só ao par pedagógico (constituído por nós e pela colega, também professora estagiária), como a todos os membros da direção com os quais lidámos (Diretores das Instituições e sub-diretores ou diretores pedagógicos do 1.º e 2.º Ciclos), aos professores cooperantes (os professores titulares das disciplinas previstas no plano da intervenção pedagógica), aos auxiliares de educação (empregadas de limpeza, porteiros e secretárias) e ainda, os encarregados de educação dos alunos, que indiretamente se constituíram como importantes participantes neste estudo, pelo o *feedback* partilhado acerca de algumas das práticas desenvolvidas e o seu impacto no aluno.

Para uma caracterização mais pormenorizada da organização dos contextos e dos participantes, bem como para o enquadramento sócio-económico da comunidade educativa, confrontar o ponto 1.2, 1.3 e 1.4 do capítulo III (*Intervenção*).

## 2.1.3. Instrumentos e procedimentos

Durante o nosso período da prática pedagógica a assunção da postura, muitas vezes, de profissional investigador, deveu-se, acima de tudo, por nunca dar-mos o saber como concluído, na medida em que este está sob uma reflexão contínua, única e capaz de nos ajudar na construção de respostas aos problemas que vão surgindo ao longo da nossa prática. Acreditamos, pois, que a sala de aula é o espaço de “testagem” de métodos e estratégias que tomamos como convicções e que quando alvos de uma resposta menos positiva, são submetidos a novas considerações para a reorientação e aperfeiçoamento da nossa acção (Alarcão, 2001:6). Neste sentido, surge no campo da educação a “investigação naturalista”, pois o “investigador

frequenta os lugares em que naturalmente se verificam os fenómenos nos quais está interessado" (Bogdan e Biklen, 1994:48).

A nossa investigação contou, assim, com diferentes processos exploratórios e avaliativos, focada primeiramente na recolha de dados para o conhecimento dos contextos de estágio e, numa segunda fase, para o conhecimento dos alunos, para que perfizéssemos uma linha de atuação base, coerente com os nossos valores e práticas e os valores e necessidades da comunidade educativa.

Deste modo, a análise documental, constituiu a primeira etapa exploratória, com o intuito de nos orientarmos no terreno de investigação e de adotarmos em si, não uma postura na perspetiva de estranho, mas sim de membro. Na investigação qualitativa, “uma parte do conhecimento é assumir gradualmente a mudividência interna – compreender, na perspetiva de membro, os pontos de vista individuais e/ou os princípios de organização”, em que se sustenta, neste caso, a dinâmica educativa das Instituições que nos acolheram durante o período de intervenção educativa (Flick, 2005: 61). Para tal, recorreremos à consulta dos documentos que estão na base organizacional das estruturas pedagógicas de uma escola e que permitem a sequencialidade e exequibilidade da ação educativa. São estes, o Projeto Educativo (PjE), o Projeto Curricular de Escola (PC), o Plano Anual de Atividades (PAA), o Regulamento Interno (RI) e ainda o Ideário da Instituição/Missão e Visão Educativa (MiVE). Para uma caracterização mais específica do contexto escolar, nomeadamente o ano de escolaridade com o qual decorreu o estágio, contámos com o Projeto Curricular de Turma (PCT).

Na segunda etapa, recolha e análise da informação para o conhecimento mais aprofundado do grupo de crianças que constituiu a amostra do nosso estudo, recorreremos a diversos métodos. Para além da análise documental, que recaiu sobre o PCT e os relatórios dos alunos com Necessidade Educativas Especiais (NEE), procedemos também à observação participante e sistemática, processo através do qual temos oportunidade de captar os comportamentos no momento “em que se produzem em si mesmos, sem medição de um documento ou de um testemunho” (Quivy *et al*, 2008: 196). Os dados recolhidos por meio de observação, na sua maioria, são registados em suporte escrito. Estes podem assumir-se como notas de campo, que se traduzem apenas no relato escrito dos momentos vivenciados pelo investigador, ou nos designados diários de investigação/registos de reflexão, que exigem já uma postura reflexiva sobre os factos contemplados (Flick, 2005: 173).

Entre outros registos, como grelhas de observação, de avaliação, registo de incidentes críticos, recorreremos também ao registo fotográfico (sempre contextualizado com uma legenda) de alguns os momentos observados, por considerarmos, nalguns

casos, uma forma eficaz e mais explícita de apresentação dos dados recolhidos. Mais à frente apresentaremos alguns exemplos da utilização dos suportes de informação referenciados.

Ainda no que respeita ao grupo de alunos, foram realizados dois Estudos de Caso, que incidiram sobre um aluno do 1.º CEB com Síndrome de Asperger e sobre uma aluna do 2.º CEB com dislexia. Para a concretização dos mesmos, tivemos por base a o preenchimento da *anamnese*, documento estruturalmente bem organizado, com questões direcionadas para a recolha informação específica. Como nos afirma o autor Yin *in* Carmo (1998), numa das suas reflexões sobre os instrumentos utilizados na investigação qualitativa, “o estudo de caso constitui a estratégia preferida quando se quer responder a questões de *como* ou *porquê*; o investigador não pode exercer controlo sobre os acontecimentos e o estudo focaliza-se na investigação de um fenómeno atual no seu próprio contexto” (Yin,1998 *in* Carmo, 1998: 216). A adoção desta estratégia, permitiu-nos concluir um conjunto de recomendações que visaram colmatar os problemas diagnosticados e conseqüentemente incentivar um maior envolvimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Paralelamente a este tipo de registos, contaram também as conversas informais com os orientadores, com os professores cooperantes e ainda com a colega do par pedagógico, que se manifestaram na partilha de perspetivas sobre maneiras de atuar, na discussão e *feedback* de situações concretas da nossa intervenção e na decisão conjunta de respostas a determinadas situações um quanto imprevistas. As conversas informais, entre os elementos desta equipa pedagógica, aconteciam com uma frequência regular, também com a finalidade de se reflectir sobre a nossa evolução, explicitando-se melhorias a fazer no desempenho efetivo e esperado num professor de 1.º e 2.º Ciclos. Neste sentido, os pontos de vista diversificados trocados entre a colega do par pedagógico foram também um contributo adicional na reformulação de estratégias, para a promoção de disciplina e formas de trabalho em sala de aula.

Outros recursos instrumentais, para a perceção das potencialidades e necessidades dos alunos, foram os trabalhos por nós propostos, realizados pelos alunos. Estes constituíram-se, em ambos os ciclos, como um dos indicadores de posicionamento do aluno na linha de aprendizagens previstas.

Por último, é de evidenciar a realização de inquéritos por questionário, a ambos os Ciclos, relativos à motivação dos alunos face aos métodos utilizados em sala de aula e ainda, apenas no caso do 2.º um relativo ao contexto familiar e aos interesses pessoais.

A terceira e última etapa deste processo de investigação, incidiu sobre a análise e interpretação dos dados recolhidos. A filtração de informação foi feita com base nas

intenções educativas que orientaram a nossa prática, para posteriormente ser refletida.

É através da reflexão sobre “as ações e observações no terreno, as impressões, irritações, sentimentos, (...) dados de pleno direito” do professor-investigador, que se constroem os significados de comportamentos e situações (Flick, 2005: 6). Foi, pois, a partir da reflexão, que tentámos adequar as nossas práticas, tentando sempre justificar a sua pertinência. Para tal, foi indispensável a orientação tutorial da Supervisora pedagógica, na pesquisa documental e a sua avaliação sistemática e contínua sobre a nossa prática.

### III.

## INTERVENÇÃO

### 3.1. Caracterização dos contextos da Prática Pedagógica

A nossa prática pedagógica ao longo deste ano letivo teve lugar em dois estabelecimentos de ensino distintos, que embora, particulares, ostentavam algumas diferenças, não tanto a nível ideológico, mas mais a nível estrutural e organizacional .

Para caracterização destes dois contextos tivemos por base a análise de alguns dos documentos organizacionais mencionados anteriormente.

#### 3.1.1. Instituição A

A instituição que nos acolheu durante a prática pedagógica no 1º CEB, a qual denominaremos por colégio ou instituição A, embora, na suas origens, tivesse sido pensada apenas para o acolhimento e formação de jovens do sexo feminino, com vista à sua integração social, é hoje um estabelecimento de ensino privado, que alargou o seu conceito à coeducação. No entanto, dispõe ainda de um internato somente para crianças do sexo feminino que se encontram numa situação familiar de risco. Para além do internato, a instituição inclui dois níveis de ensino, Educação PE e EB, abrangendo um total de 300 alunos (PjE). No que diz respeito ao enquadramento socioeconómico, a maioria dos alunos que frequentam o colégio encontram-se num nível médio alto. A, por ser um estabelecimento de ensino, é uma instituição sem fins lucrativos, assegurando as suas despesas através das famílias que vêem em si a melhor escolha educativa para os seus filhos (PjE).

Relativamente à localização, a instituição A situa-se na zona noroeste da cidade do Porto, inserindo-se na cintura urbana da cidade, numa zona predominantemente residencial e de comércio terciário. Esta é uma área de boa acessibilidade, como uma vasta rede de transportes públicos – metro e autocarros.

Privada e de carácter religioso, pertence ao Agrupamento da Província Portuguesa das Franciscanas Missionárias da Nossa Senhora, sendo sua representante legal a Superiora Provincial.

Quanto à proposta educativa do colégio, esta surge com base no movimento Franciscano, que tem como objetivo contribuir para a formação integral da pessoa humana, educando para os valores à luz dos pressupostos evangélicos.

Para além de trabalhar a vertente espiritual, o Colégio procura, com as suas práticas pedagógicas, que as crianças cresçam como indivíduos livres e responsáveis, procurando inculcar um sentido crítico e de justiça, que contribua para a sua formação enquanto cidadãos. Deste modo, o Colégio destaca como objectivo primordial a consciencialização da criança dentro do seu processo de aprendizagem, motivando-a à sua descoberta e ao seu progresso enquanto indivíduo na escola, na família e na sociedade – “(...) trilogia que subjaz ao processo educativo adotado pelo” A (PjE).

Assim, a ação pedagógica do colégio passa por oferecer um programa de formação contínua que promove e aprofunda o confronto com pessoas e experiências educativas inovadoras, sustentando-se no lema “Servir Educando” (MiVE). Neste contexto, é também fundamental para o Colégio a criação de laços entre a família e a escola, promovendo a colaboração e inter-ajuda dos pais, na busca de uma ação educativa conjunta, pois acreditam que “quanto melhor for a parceria entre ambas, melhor será a probabilidade de se alcançarem resultados positivos no processo educativo do aluno”(PjE). São diversas as oportunidades que a instituição oferece, no sentido de possibilitar maior participação por parte da família. Para além das reuniões periódicas com os encarregados de educação, estes e outros familiares são convidados a participar em sessões de reflexão e debates sobre questões educativas e sociais, bem como na organização de celebrações eucarísticas ou eventos escolares que visam a confraternização e o convívio entre a comunidade que abrange. Durante o nosso estágio pedagógico foi possível observar a prática deste ideal escola-família, com o convite feito a um pai e a uma mãe para a abordagem, em momentos distintos do ano letivo, de matérias mais específicas e para partilhas de experiências pessoais e profissionais. Foi também nossa preocupação, durante a nossa intervenção, estabelecer esta relação entre a família e a escola, dando primordial destaque a um pequeno projeto “Dia dos avós”, planeado com o par pedagógico e concretizado com a respetiva turma de estágio e ainda a elaboração de uma exposição sobre os direitos humanos dedica à família, duas atividades que abordaremos mais à frente.

No que respeita a sua organização interinstitucional, o colégio procura relacionar-se com outras organizações, com vista ao apoio mútuo e recíproco, estando associada a várias instituições com a finalidade de promover o “desenvolvimento de uma educação mais global e individualizada quanto possível” (PjE).

A organização e gestão escolar da instituição A, como já foi mencionado, abrange dois níveis de ensino, o PE e o 1º CEB. A sua gestão considera dois órgãos de

direção, Administrativa e Pedagógica, que através de um trabalho de cooperação pretendem dar resposta às necessidades educativas levantadas pelo órgão máximo da instituição – executivo - nomeado pela Província Portuguesa da Congregação das Franciscanas. À direção Administrativa, constituída pela Superiora da comunidade religiosa, cabe a área financeira do colégio, sendo responsável, mediante um orçamento pré-estabelecido, pela nomeação e gestão de todo o tipo de recursos (humanos e materiais) para funcionamento do colégio. Já à direção Pedagógica, constituída pela diretora e subdiretora da Instituição, cabe, através dos recursos disponíveis, acompanhar e orientar toda a comunidade educativa através dos valores cristãos, inspirados na figura de Cristo. Como tal, fazem parte da área pedagógica todos os educadores e Professores do colégio, fundamentais para e na concretização do PjE. Foi assim criado o órgão de Coordenação Escolar, orientado pela direção Pedagógica, que se subdivide em dois concelhos, o do PE e o do 1º CEB, que reúne todos os docentes da Instituição.

Para além dos docentes, são também chamados a participar, de forma ativa na formação dos alunos, todos os outros funcionários (psicóloga; enfermeiras; porteiro; vigilantes e auxiliares e professores-estagiários de educação)

Esta é uma equipa que conjuntamente aposta numa formação educativa através “do equilíbrio entre a promoção de atitudes e valores e o domínio de aptidões, capacidade, conhecimentos e comportamentos com sentido para a vida “em pleno desabrochamento da personalidade humana” - Declaração Universal do Direitos Humanos, art.º 26 – (PjE).

A nível estrutural, dispõe de umas instalações que já vêm desde o final do séc. XIX e que foram sendo modernizadas ao longo dos anos, procurando “acompanhar a inovação pedagógica e tecnológica, preconizando uma atualização frequente dos materiais e equipamento” (PjE) por forma a conseguir coerência entre os valores que privilegia na educação e as exigências da sociedade atual.

O colégio dispõe de duas zonas, a zona de dormitórios, para as jovens que estão sob regime de internato e a zona destinada às várias atividades do ensino do PE e do 1º CEB. Para além das salas de aula, existem outras salas utilizadas para propósitos diferentes (armazém/reprografia; apoio aos alunos; atividades extracurriculares e gabinetes da administração) e ainda uma Biblioteca. Separado do edifício principal existem dois blocos, o pavilhão de ginástica, que inclui uma divisão para o ballet e outra para a piscina. Na parte exterior, o colégio conta com um pátio coberto e outro descoberto, cujo espaço está dividido em duas zonas, a zona coberta engloba o Bar, a garagem e uma pequena horta. Já a zona descoberta contempla dois parques infantis, um destina ao PE e outro ao 1.º CEB, um jardim e ainda um campo de Jogos (PjE).

### 3.1.2. Instituição B

A instituição que nos acolheu durante prática pedagógica no 2º CEB funciona em regime de IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social), sendo propriedade de um Centro de Caridade (PjE). Intitularemos este estabelecimento de ensino de Externato ou instituição B.

Relativamente à sua localização, o Externato situa-se na freguesia de Bonfim, uma das maiores do Porto. São inúmeros os serviços que podemos destacar nesta freguesia, tais como organizações humanitárias, estruturas de comércio terciário, estruturas culturais e industriais, bibliotecas, estabelecimentos de ensino público e particular, infantários e ainda hospitais. No que diz respeito à sua acessibilidade, a freguesia do Bonfim é uma zona muito bem servida, com uma rede de transportes públicos, urbanos e suburbanos, tendo ainda uma pequena via ferroviária que liga São Bento a Campanhã (PjE).

A instituição dispõe de instalações para o PE, para os três Ciclos do EB (1º, 2º e 3º), para um Centro de Dia para a Terceira idade e para uma escola de Ensino Profissional. Os alunos que frequentam o Externato pertencem a diferentes estratos socioeconómicos, havendo uma grande percentagem de alunos no 1.º Ciclo a beneficiar do apoio económico da Ação Social Escolar, ou redução da mensalidade, no 2º e 3º Ciclos.

Inicialmente a instituição foi fundada como Centro de Caridade, onde funcionava, à disposição dos mais desfavorecidos, um consultório médico, uma farmácia e um curso gratuito de dactilografia. Com o avançar dos tempos e com alguns contributos financeiros solidários, a instituição B foi ganhando novos espaços, procurando dar respostas às necessidades que iam surgindo. Posteriormente foram construídas novas instalações, passando a albergar os serviços Diretivos, Administrativos e Educativos. Entre estes serviços, fazia parte um externato com 400 alunos (de ambos os sexos do 5º ao 9º ano de escolaridade), o 1.º CEB e ainda um ATL, todos eles de acesso gratuito. Anos depois, o Externato acordou um contrato simples com o ME, passando os alunos a pagar uma mensalidade conforme os rendimentos familiares (PE).

O PCE consagra as finalidades da instituição, definido valores e competências no que respeita à área do “saber”, do “saber estar” e do “saber ser”. A área do saber tem como objetivo “assegurar uma educação básica, tendo em conta os interesses e as diferenças dos indivíduos no seu contexto social e cultural” (PCE). Neste campo, B



tem como finalidades, promover um ensino de rigor e qualidade, operacionalizando um conjunto de necessidades como a de construir o respeito pela pluridimensionalidade na educação; a de reduzir dificuldades de integração e/ou problemas de disciplina e garantir a segurança e o bem-estar; melhorar o processo de ensino-aprendizagem; aprofundar a articulação entre ciclos e atenuar a transição discente entre eles; melhorar a cooperação entre a escola, a família e o meio, diversificando a participação dos encarregados de educação.

Na proposta Educativa subjazem os valores do espírito da Congregação Redentorista em que se insere o Externato, tendo como objetivo primordial a “formação integral dos alunos, contribuindo para a sua realização pessoal e comunitária”. Assim, para que tal se concretize, o Externato procura promover valores como a “solidariedade com a comunidade envolvente e a sociedade no geral”; o bom relacionamento com as famílias dos alunos, visando a participação mútua e ativa de toda a comunidade educativa; o respeito pela individualidade e diferença; o respeito pelo valor e dignidade humana, convidando cada um ao conhecimento de si mesmo e dos outros, através de um “clima de abertura e de exigência, de cooperação e responsabilização”. São também estes que dão voz ao lema defendido pelo Externato “ninguém educa ninguém, mas todos nós autoeducamos em conforto” (PjE).

É pois através dos valores apresentados a instituição define objetivos mais concretos, pelos quais se devem reger os agentes educativos, sendo por sua vez, a base dos restantes documentos.

Os órgãos de organização e gestão escolar são constituídos pela Direção Pedagógica, cujo Diretor Pedagógico é sempre nomeado pela Direção do Centro. Assim sendo, cabe a este, para além da gestão pedagógica da escola e das relações externas da mesma, passar a informação solicitada relativa ao funcionamento pedagógico do Externato, à Direção do Centro, por forma a garantir a coerência no cumprimento e respeito pelos valores em que se alicerça o Centro. Temos ainda os Órgãos de Orientação Educativa, sendo os seguintes: Conselho Pedagógico, composto pelo Diretor Pedagógico, Diretores de Turma, Coordenador 1º CEB e dois representantes dos professores – um do 1º CEB e um do 2º ou 3º CEB. Este Órgão colabora na elaboração do PjE, é também responsável pela aprovação do RI e ainda executa o PAA; Conselho de Professores, que é composto por todos os professores da instituição, cuja principal função é concretizar e acompanhar a atividade pedagógica da escola; Departamento curricular, incumbido de propor e definir medidas de ação que reforcem a qualidade científica, pedagógica e didática das diferentes áreas curriculares, através das quais deve garantir a interdisciplinaridade. Por último, o

Externato tem ainda outros Departamentos, como o de Línguas, de Artes, o de Desporto e o de Ciências.

A nível estrutural no que diz respeito somente ao 2.º e 3º Ciclos, o Externato difere bastante do Colégio, tanto pelos recursos didáticos que oferece, como pelas infra-estruturas que apresenta. Embora disponha de variados espaços para a concretização das atividades curriculares, B é uma instituição com uma arquitetura antiga e pouco modernizada. Muitos dos recursos didáticos postos ao dispor são antiquados e desatualizados, não servindo na sua totalidade os propósitos educativos pretendidos. Todavia, a instituição dispõe de um grande número de salas (ainda que com condições pouco atractivas e satisfatórias), contemplando, para além das salas de aulas, espaços como a biblioteca, o bar, uma sala de audiovisuais, uma sala de informática, dois laboratórios, uma sala de ciências, uma de artes e um pavilhão de ginástica. Quanto ao espaço exterior, é quase inexistente, sendo que a maior parte dos alunos passa os intervalos ou no bar ou nos corredores entre as salas. O pátio, de chão de cimento e de pequenas dimensões, é pouco atractivo, não tendo nada para além da área em si.

### **3.2.1 As Turmas**

#### **a) Alunos do 1. Ciclo**

Como referido anteriormente, durante o nosso período de estágio, trabalhámos com uma turma do 3º ano, constituída por vinte e três alunos com idades compreendidas entre os sete e os oito anos (dez do sexo masculino e treze do sexo feminino).

Em termos gerais, no que respeita ao comportamento dos alunos, estes revelam uma atitude de respeito entre si e pelas regras estabelecidas na sala de aula. Todos os alunos da turma frequentaram o pré-escolar, tendo a maioria frequentado a mesma instituição, criando laços desde cedo com os elementos da turma atual. Este grupo de alunos demonstra também grande interesse e empenho na realização das tarefas propostas, trabalhando bem individualmente e em conjunto. Globalmente, os alunos mostram capacidade de realizar trabalhos que exigem concentração durante longos períodos. Necessitam, no entanto, que lhes seja dada oportunidade de exprimirem

opiniões e ideias, existindo normalmente um elevado nível de participação, solicitada e espontânea. (ANEXO I)

Relativamente ao ritmo de aprendizagens, esta turma apresenta um nível bastante homogêneo. Na sua maioria, os alunos demonstram atenção e empenho durante as aulas, “tendo conseguido assimilar as competências básicas propostas até à altura.” Segundo como a professora titular refere no PCT: “Este grupo tem evidenciado uma evolução bastante positiva desde o início do ano e, de uma forma equilibrada, têm demonstrado boa apetência para a aprendizagem e mobilização dos saberes.”<sup>8</sup>

A nível físico todos estão dentro dos padrões considerados normais para desenvolvimento infantil para esta faixa etária. Apenas dois alunos necessitam de auxiliares de visão (óculos). Relativamente ao desenvolvimento sócio-afetivo e cognitivo, é de evidenciar um dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Segundo o decreto-lei nº 3/2008 de 7 de Janeiro, a escola deve primar pelo ensino democrático e inclusivo, orientado “para o sucesso educativo de todas as crianças e jovens”. Assim, todas as crianças com NEE, têm o direito à sua inclusão educativa, isto é, “à equidade educativa, sendo que por esta se entende a garantia de igualdade, quer no acesso quer nos resultados”.<sup>9</sup>

Segundo consta no PCT, foi elaborado um Plano Educativo Individualizado (PEI), no qual estão contempladas as dificuldades do aluno em questão. Este plano especial obriga a uma adequação dos recursos no processo de ensino-aprendizagem, uma maior flexibilidade da Professora e acompanhamento e apoio de todos os agentes educativos envolvidos no processo de formação do aluno. Com o objetivo de podermos compreender melhor o seu caso, realizámos (juntamente com a colega do par pedagógico) um estudo de caso, tendo por base a observação de dimensões como a autonomia, linguagem, motricidade e cognição.

“É acompanhado periodicamente por uma psicóloga com o intuito de trabalhar as emoções, os sentimentos e a comunicação. Porém a família, (segundo a Professora titular do aluno) não mostra grande preocupação com a evolução de G nas dimensões cognitiva e sócia afetiva, sendo pais pouco presentes e interessados no seu processo educativo. O envolvimento dos pais, nos apoios dados ao aluno tanto pela Professora como pela psicóloga do colégio, é praticamente inexistente” (ANEXO II).

De acordo com o PCT, o aluno “está sujeito a um acompanhamento a nível social e das emoções por parte da psicóloga do colégio”. Para que tal fosse possível, foi

---

<sup>8</sup> PCT, pág. 12

<sup>9</sup> Decreto- Lei nº 3/2008 de 7 de Janeiro

necessária uma avaliação através do modelo de avaliação para crianças com NEE, designada de CIF – Classificação Internacional de Funcionalidade.

## **b) Alunos do 2. Ciclo**

O estágio referente ao 2º CEB decorreu numa turma de 6º ano constituída por dezasseis alunos, sendo oito do sexo masculino e oito do sexo feminino. Os alunos têm idades compreendidas entre os onze e os treze anos.

Ao contrário da turma de 3º ano, o 6º ano conta com três alunos repetentes. Na turma, um dos alunos entrou no 2º período, pelo que o ano letivo não foi iniciado com os colegas e professores do momento. Existem ainda três alunos do 6º ano que necessitaram de especial atenção, pelo facto de terem problemas relacionados com os rins, pelo que as idas à casa de banho ou indisposições foram sempre aspetos a ter em consideração.

Com esta turma foi possível sentir já o despertar pubertário no seu comportamento e relacionamento em sala de aula. De facto, contrariamente à turma do 3º ano, existiam já relações muito preferenciais entre os alunos, com uma maior noção do julgamento por parte do outro, condicionando alguma inibição nas intervenções. Por outro lado, foi possível observar uma discriminação negativa acentuada em relação à aluna com NEE, a que nos referimos abaixo (ANEXO III).

Existiam igualmente, entre os elementos da turma, níveis consideravelmente diferentes no rendimento escolar.

A disciplina e a manutenção da concentração durante os trabalhos exigiam já esforços importantes por parte dos professores e das professoras estagiárias, demonstrando-se uma baixa capacidade na tolerância a aulas muito expositivas

Tal como na turma do 1º ciclo, no 6º ano trabalhámos com uma aluna com NEE, encontrando-se igualmente ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008. Apresentava-se com uma dislexia adquirida, demonstrando, como é referido no PEI, “dificuldades na compreensão do oral e escrita, na expressão oral, na aquisição e relacionamento de conhecimentos, na atenção e participação construtiva na aula e na interpretação e resolução de problemas” (ANEXO IV). Dispõe, assim, de um acompanhamento especial, nomeadamente no que diz respeito ao tempo atribuído na realização de provas de avaliação, à disponibilização de fichas de exercícios adaptadas, no discurso e no grafismo. Para além disso foi realizado um estudo de caso sobre a aluna, que surgiu da necessidade de entender mais aprofundadamente as necessidades da

mesma, mas também no âmbito da Unidade Curricular de Escola Inclusiva – Pedagogia Diferenciada.

## 3.2. Intervenção no contexto educativo

### 3.2.1. Observar

“O conhecimento da criança e da sua evolução constitui o fundamento da diferenciação pedagógica que parte do que esta é capaz de desenvolver e as suas potencialidades. Este conhecimento resulta de uma observação contínua”<sup>10</sup>.

A observação é a estratégia fundamental e necessário para uma recolha de informações sobre as crianças e os seus comportamentos individuais e em grupo, para que, através da análise e tratamento de dados, sejam apreendidas as necessidades que lhes são subjacentes, adequando a prática a essas mesmas especificidades.

Segundo Estrela (1990: 14ss), a observação é a base da metodologia experimental e, como tal, a sua iniciação e introdução constitui a primeira etapa para uma intervenção pedagógica fundamentada. Observar e problematizar, para depois, intervir e avaliar. Este é o processo usado na Ciência, revelador de uma atitude chave. Naturalmente que não se pede que a formação de um professor seja igual à de um investigador. Mas a atitude experimental é essencial à sua prática quotidiana.

Assim sendo, é importante que um professor assuma uma atitude de observador disponível, para que durante que a sua prática seja, de facto, coerente com as reais necessidades do aluno. Neste sentido, a observação é o meio mais do que útil, fundamental para a recolha de variadas informações acerca do aluno, informações estas que consideramos importante para a coerência no planeamento e definição das práticas educativas – comportamentos do aluno, dificuldades face às tarefas propostas, a sua realidade e vivências, bem como os seus interesses.

Durante a nossa intervenção “olhar com olhos de ver”, isto é, recorrer a todos os sentidos para a captação de informações, é um ponto de partida para a reflexão. Deste modo, a observação, uma fonte de reflexão, constitui-se como a primeira forma de progressão no atuar educacional.

---

<sup>10</sup> Orientações Curriculares do Pré-Escolar, pág. 27.

Para o processo de observação mais sincero e fidedigno recorremos a registos de incidente crítico, diários de bordo, notas de campo *checklists*<sup>11</sup> e grelhas de observação, utilizadas na caracterização de contexto e cultura escolar, na caracterização dos alunos de ambos os contextos, bem como na identificação de estratégias adotadas pelos professores cooperantes. Ao longo deste trabalho constam alguns exemplos destes instrumentos de observação e registo, com a finalidade de melhor explicitar as inferências narradas.

Ao longo do período de estágio, foi também importante debruçarmos a nossa observação sobre outros aspetos que moldaram, em parte, o nosso modo de agir, nomeadamente, o espaço da sala de aula, a dinâmica disciplinar das turmas e ainda as práticas adotadas pela colega do par pedagógico.

Esta observação foi o primeiro passo de reflexão para construção do nosso perfil enquanto futuros professores, que nos possibilitou a identificação de estratégias infrutíferas, por não se adequarem ao nosso perfil.

### 3.2.2. Planificar

Segundo Barbosa (1999: 116) o ato de planificar define-se como

“um meio de o professor esclarecer, de modo calmo e atempado, os processos de acção que pretende desenvolver como docente face às exigências programáticas, a fim de conseguir eficácia na aprendizagem, rentabilizando o tempo e os recursos disponíveis, em função das pessoas envolvidas”.

De um outro modo, a planificação das atividades pedagógicas pressupõe um programa operacional, capaz de reunir e articular as variadas condições de aprendizagem com as normas de ensino e avaliação. Deve, igualmente, constituir-se como um plano flexível, com o intuito de adaptar-se aos diversos aspetos das situações escolares, digam eles respeito aos conteúdos, aos alunos ou às mudanças que se devem ocorrer nos alunos. É partindo desta perspetiva que nos diz Morissette que só se torna operacional a planificação que responda à questão: *quem* (o aluno) aprende (mudanças e aquisições) *o quê* (conteúdos e novos comportamentos)? Daqui, conclui que a

---

<sup>11</sup> Importa diferenciar *checklists* de grelhas de observação. A segunda, ao contrário da primeira, permite-nos verificar a evolução do aluno, pois esta é construída com base em critérios de ações concretas observáveis, pensadas para o aluno progredir no seu desempenho. As *checklists* são consideradas escalas uniformes, uma forma insuficiente de recolha de dados acerca do aluno, que não possibilitam o feedback daquilo em que o aluno pode melhorar ou mesmo aquilo que não alcançou. (Gouveia, 2008)

“preparação de um plano consiste, antes de mais, em definir expectativas (a que conteúdos ou que novas manifestações das características internas se pode aspirar, e se aspira de facto), em prever como se irá verificar a realização dessas expectativas ou como se dominarão os conteúdos (que clientela e quais os comportamentos aprendidos?) e em escolher os meios de atingir esses mesmos objetivos (como fazer para que determinada clientela aprenda os conteúdos, adquira novos comportamentos, indicadores de mudanças internas ocorridas?)” (Morissette, 1999: 97).

A necessidade de planificar surge assim, como uma necessidade natural de organização e de orientação para o professor, dando a este a oportunidade de refletir sobre o papel formativo da disciplina, sendo que fatores como o tempo, os recursos materiais e humanos e as características da classe, vão ser decisivos na construção dos objectivos.

Por outro lado, quando se fala em planificar, deve ser tido em conta a diferenciação pedagógica, pois é em função das especificidades individuais e coletivas dos alunos que o professor deve gerir a sua prática. Segundo Perrenoud (1996, *in* David, 2006: 3), encarar os alunos como diferentes e necessitados de uma pedagogia diferenciada é, não só defender uma escola de sucesso para todos, como também o cumprimento do direito à plena participação de todos os alunos.

No que diz respeito à intervenção em período de estágio nos contextos do 1.º e 2.º Ciclos, o ato de planificar foi essencial para nos dar certeza e segurança na nossa atuação. Planificar possibilitou a organização e encadeamento lógico dos conteúdos com as estratégias e didáticas pedagógicas. Desde de cedo que foi nossa preocupação, durante o processo de planificar, considerar o aluno um “construtor ativo” no “processo de construção do conhecimento”, dando primazia pela elaboração de situações e desafios de aprendizagem variados, ricos e inovadores, coincidentes com os seus interesses. “Ensinar-lhes a construir conhecimentos”, dando-lhes oportunidade de “reorganizar o conhecimento e enriquece-lo”, através da “representação pessoal do conteúdo, objeto de aprendizagem” (Coll *et al*, 2001: 82). A criatividade foi sempre uma aliada no processo de planeamento, na busca de uma motivação maior do que a anterior (ANEXO V).

Relativamente à estrutura das planificações em ambos os ciclos, estas para além de diferirem na organização gráfica, contavam também com alguns aspectos de operacionalização diferentes. No 2.º CEB a planificação era construída tendo em conta uma área disciplinar, sempre pensada para blocos de 45 a 90 minutos. Já no 1.º CEB, era pensada uma planificação para todo o dia, embora idealmente a sua construção fosse feita por cada área disciplinar, isto é de forma compartimentada, era possível a

articulação dos conteúdos a abordar e a flexibilização no tempo, acontecendo muitas vezes a interligação das áreas – interdisciplinaridade (ANEXO VI).

É de evidenciar também a importância dos professores cooperantes no nosso processo de planificar. “Mentores” primeiros das turmas, que tiveram sempre a preocupação em reunir regularmente com o par pedagógico, com o intuito de discutir os conteúdos e objetivos a lecionar em cada semana de intervenção. Podemos considerar esta, como a primeira fase da nossa planificação, pois para além da discussão dos conteúdos, eram ainda pensadas, de forma conjunta, algumas das estratégias e didáticas a adotar, tendo em conta características muito específicas dos alunos, o tempo e ainda os recursos disponíveis. Daí procedíamos à consulta das orientações preconizadas quer pelos Programas Metas Curriculares, emanadas pelo MEC, quer pelos projetos das instituições, nomeadamente o PCT, para finalmente elaborarmos o nosso plano de ação. Este era ainda submetida revisão e discussão, entre a Supervisora da prática pedagógica e o par pedagógico.

“Durante a planificação dos conteúdos é importante estar presente uma série de factores e condicionantes, que nos permitem moldar a nossa acção de forma coerente com o contexto de trabalho em que nos inserimos. Este é pois, um processo, em que a estagiária se tem tornado cada vez mais consciente, sendo que as características de cada aluno, é um dos aspectos que considera, ter maior implicação tem no processo de planeamento, pois é o conhecimento que temos sobre cada aluno que nos possibilita a previsão atempada de atitudes, reacções e até mesmo dificuldades” (ANEXO VII).

Ajustar a nossa prática a um grupo de alunos e a um só aluno, em função de outros factores, é um desafio que implica planeamento, para posteriormente darmos conta não de aspectos a melhorar ou mesmo a alterar, por não obtermos os objetivos previsto. Um professor de excelência caracteriza-se pela atitude da procura antecipada dos problemas, enfrentando-os com um plano refletido e consequentemente intencional.

Terminamos com uma citação do pedagogo Sérgio Niza, onde, fazendo a analogia entre a profissão de docente e a profissão de médico, alega que

“o professor deve aprender, como na Medicina , a fazer diagnósticos e saber o que faz falta numa criança, em vez de a empurrar da escola, em vez de a excluir da sociedade. Os médicos não podem fazer isso. Os professores também deviam ser proibidos de o fazer no plano da deontologia. Têm é de aprender a conhecer os alunos, e aprender com eles a contruir as suas aprendizagens, que seria o equivalente a construir a sua saúde” (Cardoso, 2013: 48).



Assim, só através do diagnóstico correto é que o professor é capaz de projetar o operacionável.

### 3.2.3. Intervir

“É fácil levar a égua até ao meio do rio. O difícil é convencê-la a beber a água...”  
(provérbio popular brasileiro).

O período da prática pedagógica previa a intervenção quinzenal, no 1.º Ciclo na parte da manhã e tarde, enquanto no 2.º Ciclo, só apenas na parte da manhã.

O facto de estagiarmos em momentos e horas diferentes do dia, possibilitou-nos apercebermo-nos da disposição de espírito que o aluno manifesta ao longo deste. Sendo este facto mais evidente no 1.º Ciclo. O cansaço do despertar matinal e o do final do dia de trabalho são bem exemplificativos das rotinas exigentes de trabalho. Este foi o primeiro desafio da prática pedagógica, encontrar “motivação para motivar”. O provérbio com que iniciamos este ponto incide sobre essa mesma ideia. Nós, enquanto seres relacionais e orientadores, tivemos, nalguns casos, que nos obrigar a dominar o cansaço, para conquistar o interesse do aluno e cativá-lo no envolvimento da construção e apropriação do conhecimento.

Relativamente ao 1.º Ciclo, apesar de haver um horário fixo, este não era cumprido com exatidão. A manhã, tida como mais proveitosa, era muitas vezes ocupada pelas disciplinas de Português e de Matemática – consideradas pela professora cooperante “mais pesadas”. As restantes disciplinas Estudo do Meio, as Expressões (dramática e plástica) e as Tecnologias de Informação e Comunicação, tinham lugar de destaque na parte da tarde. Contrariamente ao 2.º Ciclo, o horário era fixo, não havendo apenas um professor titular das disciplinas, mas sim quatro, respectivos às quatro áreas disciplinares do Ciclo.

Em todas as suas intervenções em ambos os contextos, a professora estagiária tentou criar e trazer motivações que pudessem despertar o aluno, fazendo do objeto de estudo interesse seu. O humor e a criatividade foram as características que mais marcaram a sua prática, sempre com o intuito de motivar os alunos ou relativizar algumas situações de conflito entre os mesmos. Para além de ter uma atenção especial com o seu discurso na transmissão dos saberes e na escolha de exemplos, tentou recorrer a diferentes recursos para aproximar o mundo do aluno do

mundo científico. Assim, na abordagem e dinamização das diferentes temáticas e conteúdos trabalhados em cada disciplina, a professora estagiária tentou ir para além do manual, buscando o recurso àquilo que faz parte do quotidiano do aluno.

No 1.º Ciclo a nossa primeira intervenção consistiu na elaboração de dois momentos pensados para o “antes” e o “depois” de uma visita de estudo, já planeada desde o início do ano letivo. Esta tratava-se de uma viagem até à “Quinta da Eira”, cujo objetivo principal era o de compreender o processo de vindimar. Assim, apenas com fotografias, introduzimos o tema, analisando e interpretando com os alunos cada momento do processo das vindimas. Aproveitámos ainda para, em conjunto, elaborar uma parreira fictícia, sendo que numa primeira fase estudámos as características da planta (ANEXO VIII). Na aula a seguir à visita de estudo, foram partilhadas expectativas e consolidados alguns conteúdos, como os instrumentos utilizados no processo de vindimar. A visita de estudo permitiu atenuar o verbalismo das aulas, aproximar os alunos da realidade e incentivar o espírito de observação. Fazer parte deste pré e pós planeamento numa perspetiva de articular os conteúdos abordados e os conteúdos experienciados, foi uma experiência muito enriquecedora e formadora.

Promover a interdisciplinaridade foi também uma das preocupações da professora estagiária. Como exemplo disso, temos as aulas de matemática, onde se pretendeu conjugar as diferentes matérias com problemas do quotidiano, para que os alunos se apercebessem de quão presente é a matemática no dia-a-dia e de como é útil a sua compreensão – desafios de raciocínio matemático (ANEXO IX). A desconstrução do raciocínio, ainda que inicialmente pouco natural, foi um ponto de esforço da professora estagiária, sendo que a Professora Cooperante foi uma grande referência, partilhando connosco alguns exemplos simples e próximos dos alunos que pudessem ajudar a chegar às mesmas conclusões que nós (ANEXO X).

A dinâmica de trabalho no 2.º Ciclo era bem diferente da implementada no 1.º Ciclo. O facto de termos um professor cooperante para cada uma das áreas disciplinares, levou-nos inicialmente a uma postura pautada pelas estratégias e métodos utilizados por cada um, porém, ao longo do período de intervenção, fomos modelando e reformulando a nossa prática em função das nossas convicções pedagógicas. O acolhimento feito por esta equipa pedagógica, permitiu em muito a nossa evolução, por nos colocarem à vontade em relação à turma, na maneira de estar, encarar e resolver cada situação.

“No que diz respeito ao acolhimento feito pelo grupo de professores, responsável pelas turmas do 6º ano, segundo ponto desta reflexão, foi bastante afável, tendo a preocupação, desde início, de nos fazer sentir como agentes educativos importantes da escola. Foram-nos explicadas as regras da “casa”, apresentadas as turmas com as quais iríamos estagiar e elucidadas algumas formas de lidar com

alguns dos alunos, tidos como “casos mais complicados(...) Tivemos ainda a oportunidade de assistir a aulas das quatro disciplinas – Matemática, Português, Ciências Naturais e História e Geografia de Portugal – onde pudemos registar algumas estratégias e métodos utilizados com os alunos. Quatro professores bem distintos na sua forma de estar, de ensinar e de se darem aos alunos” (ANEXO XI)

As nossas primeiras intervenções colidiram com o horário de Português e Matemática, onde procurámos motivar, com algumas estratégias excluídas da rotina da turma. No caso da Matemática, tentámos que os alunos relembassem e construíssem conceitos, através da resolução de um problema vivido pelo condomínio da professora estagiária (ANEXO XII). Na primeira aula de Português, procurámos inovar igualmente e, embora com menos sucesso, esta contou com o envolvimento de todos os alunos, por se trabalhar, através do texto narrativo, o enigma de um crime de roubo (ANEXO XIII). Nas outras semanas de intervenção, em muito nos sentimos satisfeitas, por sentirmos crescer o entusiasmo e curiosidade nas nossas aulas.

Embora o ensino estivesse organizado por disciplinas, pretendemos, como temos vindo a evidenciar, assumir uma prática assente na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade de conteúdos em ambos os ciclos. A transdisciplinaridade

“não anula a disciplinaridade ou a especificidade; o que faz é derrubar as barreiras entre disciplinas e evidenciar a complexidade, a globalidade e carácter fortemente imbricado da maioria dos problemas concretos a resolver. Isto é, dá fortemente uma visão mais clara da unidade do mundo, da vida e das ciências. A interdisciplinaridade supõe naturalmente a existência de disciplinas e reconhece que a abordagem disciplinar é por vezes insubstituível; simultaneamente, fornece a demonstração de que a abordagem disciplinar já não é satisfatória num grande número de situações e, por isso, acaba por contestar «os conteúdos parcelares» e as barreiras que separam as disciplinas de forma demasiado rígida” (Pombo *et al*, 2006: 169).

Para o acontecimento e promoção destes ideais, no processo de ensino-aprendizagem, foram variadas as estratégias e recursos didáticos.

As tecnologias, neste sentido, são uma mais valia. Uma vez que dispunhamos de recursos tecnológicos, tanto num ciclo como noutro, tentámos fazer deles um uso moderado nas nossas aulas. No 1.º Ciclo recorreremos ao *Google Earth* na disciplina de Português e Estudo do Meio, numa perspetiva de tornar o ensino interativo e participativo, havendo, por sua vez, uma distribuição do conhecimento entre o aluno e o professor. A navegação virtual em 3D sobre o espaço, através da ferramenta *Google Earth*, tem como vantagem a visualização das diferentes perspetivas do globo terrestre em 3D, o acesso a variada informação sobre os diferentes locais do mundo e ainda a identificação e descrição de lugares e regiões, permitindo-nos uma perceção espacial

mais próxima do real. Além do *Google Earth*, recorremos ao e-manual (manual interativo em suporte digital), a filmes, imagens e músicas (ANEXO XIV).

No 2.º CEB, foi também prática na disciplina de Português e em Ciências Naturais o e-manual e a amostragem de filmes, imagens e música para a ilustração e exemplificação de situações, episódios ou conteúdos. Já na disciplina de Matemática, recorremos às informações online pelo site de Instituto de Meteorologia Português, para abordagem dos números inteiros (ANEXO XV).

Na disciplina de Português, tanto a nível do 1.º Ciclo, como do 2.º, para além do cruzamento desta com as TIC, conseguimos ainda a transversalidade com outras áreas, principalmente com a expressão dramática e plástica, com a geografia e ainda com as ciências naturais. A título de exemplo, do Português com as ciências, relembramos uma situação do 1.º Ciclo, em que uma das alunas propôs trazer uma experiência de um vulcão, para demonstrar o processo de erupção e de formação das ilhas vulcânicas. Este interesse despertou-se através da leitura do texto “Lenda das Sete Cidades” (ANEXO XVI). Noutros casos, houve até quem trouxesse a obra completa de algum trecho incompleto no manual, para que o final do conto fosse partilhado com todos.

Para a sedimentação de conceitos, recorremos também à construção de esquemas e mapas conceptuais com os alunos de ambos os ciclos. No âmbito do Estudo do Meio e das Ciências da Natureza, a professora estagiária recorreu à utilização de esquemas, construídos juntamente com os alunos, como forma de organização do pensamento - sistema circulatório, no 1.º Ciclo e aparelho reprodutor e o sistema celular no 2.º Ciclo (ANEXO XVII). No âmbito do 1.º Ciclo, ainda dentro das ciências, foram também realizadas algumas experiências, como a do “Zezé Cabeludo” (ANEXO XVIII), cujo objetivo se centrou na plantação de sementes de alpista. Assim, foi posta à responsabilidade do aluno a germinação de algumas sementes, sendo que estes para além do cuidado a ter com a sua planta, deveriam ainda fazer o registo através da escrita e do desenho, do crescimento e desenvolvimento da planta. Houve também contributos de iniciativa do próprio aluno, que permitiram maior envolvimento de todos. Como exemplo disso temos a partilha de livros sobre as espécies animais, a partilha de plantas, de fotografias e até artigos sobre assuntos abordados em sala de aula. Este tipo de prática foi sempre motivada, pois é fazer com que o aluno estabeleça a relação entre o que aprende dentro da realidade escola e o que vive fora dela. Nesta disciplina foi ainda abordado o tema “a família”, sendo que a professora estagiária propôs a realização de um momento dedicado à família dos alunos, mais propriamente aos avós, para a troca de impressões e vivências entre gerações. Assim, foi organizado o “lanche dos avós”, cujo trabalho prévio consistiu na pesquisa de

objetos, poemas e músicas da época dos seus avós, bem como na elaboração da árvore genealógica (feita em sala de aula com a professora estagiária) – estes materiais foram dispostos em forma de exposição no dia do lanche (ANEXO XIX). Este foi um acontecimento de grande importância para a escola, por contar com o envolvimento da comunidade educativa e por promover a valorização das gerações mais velhas pelas mais novas, bem como o contrário. Para esta manhã foi ainda reservada uma pequena dinâmica de partilha, através de um jogo de perguntas aleatórias pensadas para os avós. Esta dinâmica permitiu a partilha de histórias de infância, a comparação da época dos avós e dos netos, despertando nos alunos a curiosidade de saber mais acerca da “criança” que os avós ainda guardam com saudade. Este foi de facto um dia rico e diferente, em que cada aluno conduziu, apresentou e acompanhou o seu familiar pelo seu “pequeno mundo de trabalho e aprendizagem”.

As artes foram também um veículo promotor de diferentes abordagens para cativar o aluno no processo de aprender. No 2.º Ciclo contámos com uma aula dedicada a elaboração de uma Banda Desenhada (BD). Assim, os alunos foram desafiados ao exercício da escrita criativa através da realização de uma BD, para também trabalharem e estudarem a sua estrutura. Para a concretização da mesma, a professora estagiária atribuiu a cada grupo de trabalho as personagens que iriam constituir a sua narrativa (ANEXO XX). No 1.º Ciclo, o trabalho que incidiu sobre o estudo dos Direitos Universais do Homem, foi planeado e executado através da arte escrita e plástica, sendo que os trabalhos concretizados em sala de aula tiveram lugar numa exposição interativa para os familiares (ANEXO XXI). A arte esteve sempre muito presente em toda a nossa prática, nomeadamente no 1.º CEB. Para além do exemplo enunciado, deixamos em anexo outras atividades dentro da dramatização, plástica e escrita. (ANEXO XXII).

Ao longo da nossa prática, apercebemo-nos da importância de um olhar criterioso e direcionado para todos os alunos, na senda de dar respostas a um grupo de alunos que, independentemente de se encontrar na mesma faixa etária, apresenta características tão diferentes. Nesta perspetiva, a professora estagiária procurou perceber as dificuldades de cada um, especialmente dos alunos com NEE, para em conjunto dar resposta às limitações. Procurou, durante a sua prática, que os alunos participassem de forma voluntária e entusiasta, tentando por sua vez, não esquecer aqueles que se mostraram mais discretos e pouco recetivos a intervir. Para ter o *feedback* dos alunos, questionava-os muitas vezes, de forma direta e indireta, acerca das matérias abordadas. Quando os alunos mostravam dificuldades na compreensão

da questão, a professora estagiária voltava a reformular, para que estes conseguissem, por si só, concluir uma resposta. Nalguns casos, em que a compreensão não era imediata, a professora estagiária reformulava as suas explicações tentando arranjar exemplos que fizessem parte da realidade do aluno. O mais importante neste processo foi, acima de tudo, perceber qual o “erro de pensamento” do aluno, que impedia a sua compreensão. No que respeita aos alunos com NEE a preocupação foi constante, chegando a adaptar alguns exercícios e questões, para que o aluno fosse capaz de chegar às mesmas conclusões, nomeadamente na Matemática e Ciências. Esta atenção focalizada no aluno, deveu-se em parte ao sentir que muitas das vezes o aluno dava uma resposta por repetição do que ouvira, sem “cunho” pessoal. Aconteceu mais do que uma vez a professora estagiária dedicar mais tempo aos alunos com NEE na realização de tarefas mais complexas, trabalhando com eles fase a fase.

A professora estagiária durante a sua intervenção pugnou pela diferenciação pedagógica, pelo reforço positivo das atitudes, pela participação ativa do aluno na transformação da sua informação em conhecimento, recorrendo maioritariamente à arte como fonte de motivação, por ser uma área capaz de despertar sensibilidades pela sua fuga à rotina e pela inovação (ANEXO XXIII).

## **2.1. Avaliar**

Como define o Decreto-lei 1/2005 de 5 de Janeiro, a “avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.” Estes são princípios que devem estar bem presentes na “consciência” de cada professor.

Ao longo do período do estágio pedagógico, fomos nos apercebendo dos princípios em que se consagra a avaliação. Consideramos que “os fins da avaliação e as funções que cumprem são múltiplas”, variando consoante os moldes em que esta é definida. Contudo e

“numa perspectiva ética devem potenciar-se (sempre) aquelas funções que enriquecem o profissional e a instituição: dialogar, compreender, aprender, melhorar, estimular, orientar, ... As funções mais pobres não deveriam ter nenhum peso nas práticas: classificar, discriminar, hierarquizar, competir, controlar...” (Guerra, 2003: 13).

Assim, avaliação é um processo que deve “caminhar de mão dada” com a aprendizagem, devendo ser feita de forma contínua e contextualizada, de modo a não provocar no avaliado uma atitude artificial, uma atitude de acção sob pressão, que muitas vezes leva à errada percepção da evolução do aluno.

Como tal abordamos diferentes modalidades da avaliação, com o intuito de compreendermos a sua utilidade e o fim último de cada uma.

Começemos pela avaliação *sumativa* e *formativa*. Relativamente à avaliação sumativa, muitas vezes a única forma de avaliar adoptada no processo de ensino-aprendizagem, preocupa-se em designar o grau de domínio em que se encontra o aluno, através de um conjunto de objectivos deliberados pelo professor. Assim sendo, apenas privilegia os resultados e não o processo. Já a segunda tem o papel de privilegiar os processos de aprendizagem, concretizando-se na orientação e regulação do processo de ensino-aprendizagem, indo para além de uma mera quantificação de resultados do aluno.

Estudamos ainda três finalidades dentro da avaliação, a avaliação criterial, normativa e ipsativa. A primeira, considerada a mais justa, tem por base a definição de um conjunto de critérios, através dos quais é possível fazer uma leitura da evolução de desempenho do aluno. Já a segunda, avaliação normativa, caracteriza-se pela ausência de critérios, uma avaliação “de senso-comum”, realizada através da comparação entre o desempenho de alunos, havendo inevitavelmente uma hierarquização do desempenho dos alunos. Por último, temos a avaliação ipsativa, fundamental numa avaliação formativa, prevê a análise do desempenho individual do aluno, compara-o consigo mesmo, ao longo dos vários momentos de aprendizagem. Esta deve estar aliada à avaliação criterial, por forma a permitir conclusões mais verdadeiras (Gouveia, 2008).

O período de prática pedagógica foi bom pretexto para aplicarmos os conhecimentos que fomos adquirindo ao longo da nossa formação académica. Optar por avaliar é sinónimo de delinear um caminho no nosso plano de acção, para que possamos compreender quando dar o passo para o próximo nível. “Para onde é queremos ir?” foi uma das muitas questões que mais nos invadiu durante a planificação das aulas. Ter objetivos é ter critérios que orientam tanto a nós, professores estagiários, como aos alunos.

Acreditamos que a avaliação formativa é aquela que mais se enquadra no nosso perfil, não me opondo à avaliação sumativa, quando bem definidos os seus critérios e finalidades. Assim, pusemos em prática algumas estratégias, que acreditamos terem contribuído para um melhor desempenho enquanto futuros professores. Em primeiro lugar procurámos enunciar, de forma clara, aquilo que

pretendíamos com os exercícios ou questões colocadas, tendo uma atenção especial e cuidada com o tipo de discurso feito ao longo da nossa abordagem, na medida a conseguir uma resposta sincera por parte do aluno. Adoptámos ainda algumas grelhas de avaliação de comportamentos e de auto-avaliação para alguns momentos das disciplinas curriculares de Português, Matemática e Estudo do Meio/Ciências da Natureza e História e Geografia de Portugal. Em ambos os ciclos, era alvo de estudo as resposta aos desafios matemáticos (ANEXO XXIV), No Português, para da avaliação da leitura utilizámos uma grelha de leitura (ANEXO XXV), fichas de interpretação e testes de avaliação, construídos com base na taxonomia de bloom (ANEXO XXVI),. Em ciências recorremos a algumas grelhas de registos (ANEXO XXVII) – que me permitiram evidenciar algumas dificuldades dos alunos. Por último, mas não menos importante, procurámos dar o *feedback* ao aluno em relação ao seu desempenho face às tarefas propostas, para que este conseguisse alcançar os objetivos propostos.

Guardamos connosco a noção de que avaliar não é simplesmente uma fixação pelos resultados, mais do que isso é saber compreender esses mesmos resultados e por conseguinte tirar partido deles. Mudar de estratégias, reavaliar as nossas práticas para que os resultados coincidam com os objetivos, é talvez a melhor forma promover o melhoramento do desempenho do aluno.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Os alunos são gente tão posta à prova que esqueceu cedo de mais a sua beleza. Só nós temos o dom de lhes voltar a dar essa beleza.”

(José Luís Vaz e Gala, *Palestra Família e Escola*)

O período de intervenção pedagógica, no contexto em 1.º e 2.º CEB, foi de facto, um tempo precioso para a nossa formação. Ter a oportunidade de assumir a nossa profissão, ainda que num curto período, é possibilitar em nós a reflexão sobre o nosso papel no ensino e na sociedade.

O estágio profissionalizante surge assim, como uma ocasião de repensar e aperfeiçoar os nossos métodos de trabalho, de apurar o nosso sentido de observação e interpretação de comportamentos e atitudes e ainda de compreender os valores e princípios em que se sustenta a nossa prática e se molda o nosso carácter profissional. De entre estes, parece-nos importante destacar aqueles que motivaram em nós uma reflexão mais profunda, representando lições a preservar para o futuro profissional. Um dos primeiros será, talvez, a importância da motivação dos alunos. Foi possível presenciar o impacto que algumas estratégias criativas aplicadas durante o estágio, na linha do que foi discutido a propósito do modelo construtivista, tiveram a receptividade por parte da turma.

Por outro lado, apercebemo-nos que essa motivação implica professores preparados, tanto no campo dos saberes e do planeamento como na sua disposição interior para ensinar. Assim, não é de mais salientar a importância da planificação cuidada dos tempos letivos, única capaz de garantir bons frutos da aprendizagem. Ao mesmo tempo, a preparação deve ser também de carácter interior, sendo fatores como o humor e a boa-disposição cruciais para uma boa adesão da turma às propostas que lhe são dirigidas.

Neste sentido, interessa também referir a importância de um professor que motiva e educa para a conquista dos sonhos pessoais de cada aluno, para que estes nunca esqueçam o seu valor e potencial, que muitas vezes se perde, por não serem lembrados todos os dias de que “são capazes de”. Os alunos do 2.º Ciclo, contrariamente aos alunos do 1.º Ciclo, revelavam uma notória desistência de si mesmos, pelo que éramos constantemente confrontados com expressões como “Ei, oh ‘stora’ não sou capaz. O professor x disse que não valia a pena, não sou feito para

isso”, ou “Professora, isso não é para mim, é ali para o y”, ou ainda “Eu sempre fiz isto assim, os outros ‘stores’ sabem que eu sou assim e não dizem nada”. Acrescido a este factor, era ainda a situação familiar, não muito feliz, vivida pela maior parte dos alunos deste contexto. As baixas expectativas reduzem em muito o rendimento do aluno e a sua atitude frente à vida. O professor que visa a excelência na sua prática deve ser um verdadeiro gestor de expectativas, para que os alunos encontrem sempre motivação a aprender a conhecer, a aprender a fazer, a aprender a viver e acima de tudo a aprender a ser. Evocamos aqui, o maravilhoso poema do Rómulo de Carvalho, muitas vezes relembrado no nosso período de intervenção em contexto do 2.º Ciclo, que reflecte muito bem o nosso sentir, quando presenciada, através de algumas manifestações, a realidade interna do aluno:

“ Eles não sabem que o sonho  
é uma constante da vida  
tão concreta e definida  
como outra coisa qualquer,  
como esta pedra cinzenta  
em que me sento e descanso,  
como este ribeiro manso  
em serenos sobressaltos,  
como estes pinheiros altos  
que em verde e oiro se agitam,  
como estas aves que gritam  
em bebedeiras de azul.  
(...)  
Eles não sabem, nem sonham,  
que o sonho comanda a vida,  
que sempre que um homem sonha  
o mundo pula e avança  
como bola colorida  
entre as mãos de uma criança.”

O poema centra-se no sonho e na criança. Assim, não deve o professor esquecer o seu papel, cada vez mais emergente na sociedade de hoje, consequência, em larga medida, da demissão do papel de educadores pelos pais, na educação da criança, enquanto cidadãos do amanhã. Devemos, pois, promover uma cultura de valores pautada pelo ideário ético da humanidade, não esquecendo que, também nós somos um modelo nos comportamentos, para os comportamentos e atitudes nos alunos. É

nosso dever garantir a vontade e interesse nos alunos, para um processo de ensino-aprendizagem harmonioso.

Mas como pode o professor estagiário garantir essa sempre necessária renovação do interesse e da vontade?

Fundamentalmente, acreditamos que nesse ponto reside a importância estrutural da inovação. O professor não pode, nem deve, resumir a sua prática pedagógica a velhas receitas que sempre aplicou e com as quais se sente à vontade. Nem tão pouco achar que o manual possui tudo o que ele possa necessitar para a sua prática. Correrá o risco de falhar os seus objetivos por não dispor das ferramentas necessárias para os atingir. Assim, consideramos de primeira importância uma atitude de reflexão atenta e pesquisa contínua, de forma a conseguir trazer ao campo de trabalho novas construções, métodos e maneiras de fazer. Ferramentas como a música, a dramatização, o conto, as artes plásticas podem dar à transmissão transversal dos saberes um novo contorno mais apelativo, possibilitando a abertura de novas formas de pensar e de conjugar interesses, tanto do professor como dos alunos. Estes sentirão até que podem envolver-se melhor na sala de aula por sentirem afinidade com o processo de ensino/aprendizagem, dando-lhes o poder de interligar o mundo dos seus interesses pessoais com o mundo do saber científico. Apenas desta forma conseguirão transformar as informações que já possuem da sua experiência em conhecimento.

A nível pessoal, consideramos de especial riqueza a exploração do ensino pela arte. Esta constitui um veículo de emoções e sensibilidades, que permitem ao aluno explorar a sua relação consigo mesmo e com os outros, consciencializando-o daquilo que o move e o faz sonhar. Esta será, decerto, uma das maiores aspirações de um professor. Como nos diz a muito conhecida frase de Paulo Freire "educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo".

Enveredar pela profissão de professor foi fruto da paixão de educar para a construção de um mundo melhor. A escolha desta especialização neste perfil – docente generalista – deve-se acima de tudo, à afinidade com as faixas etárias que este perfil contempla e por acreditar constituírem o melhor período para a consolidação de bases que permanecem para o resto da vida.

Concluimos o nosso relatório com a citação do poema de uma avó de uma vocação tão próxima que com belas palavras espelha a essência da profissão:

“Ser professor  
é ler nas entrelinhas,  
dessas letras miudinhas,  
naquelas folhas pautadas  
dos dossiers,  
dos cordões,  
os desejos e temores,  
de pequenos corações,  
misturados com a esperança  
que andam aos encontrões  
na alma duma criança!

Ser professor  
é no brilho desse olhar  
conseguir decifrar  
o que não diz a criança  
no sonho que em si transporta,  
se há receio ou confiança,  
quando tímida abre a porta  
entra na escola e, com medo,  
não quer contar seu segredo.

Ser professor  
é escrever  
no quadro preto da escola,  
em letras tão redondinhas,  
que todos consigam ver,  
nessa sua aprendizagem,  
o valor duma mensagem  
que lhes prenda a atenção,  
que lhes transmita coragem  
e lhes toque no coração!

Ser professor  
é jogar  
com as letras redondinhas  
que as crianças pequeninas  
apanhem e vão juntando,  
quais bolinhas flutuando,  
suaves, doces, no ar  
e as embalem docemente  
com ternura e prazer  
e depois a silabar,  
haja um sonho a despertar:  
descubram que sabem ler!

Ser professor  
é também  
da vida ensinar a prática  
não esquecendo a matemática,

explicando as contas bem.  
E ensinar a criança  
a dividir com alguém  
em sua generosidade,  
somar virtude, atenção,  
subtrair a maldade  
que deve deixar mais puro  
o seu doce coração.  
E multiplicar também  
a sua tenra bondade  
e, em suma, conseguir  
uma prova tão real,  
que, na vida,  
as contas certas,  
a possam fazer sorrir...

Ser professor  
é na escola  
conseguir para a criança  
ser o ninho que a aconchega  
ser o esteio em que confia  
ser também no dia a dia pouso firme que  
ela tem  
e até muitas, quantas vezes,  
conseguir ser pai ou mãe!

Ser professor  
afinal  
é dar mais do que receber,  
mas também é aprender  
em cada dia, na escola.  
É dar a essas crianças  
muito ânimo, vontade,  
no sabor da felicidade,  
embalar-lhes as esperanças  
e dar certezas também.  
E com carinho, amizade  
ensiná-las a sonhar,  
prepará-las p'ra viver,  
que esse sonho há-de ajudar,  
com amor e com verdade,  
as crianças a crescer!

*Autor(a)*  
*Ilda Maria Gala*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Legislação consultada

Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto

Despacho nº 19 575/2006 de 25 de Setembro

Decreto-Lei nº 6/2001 de 18 de Janeiro

Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto

Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro

Decreto-Lei nº 3/2008 de 7 de Janeiro

Decreto-Lei nº 94/2011 de 3 de Agosto

Decreto-Lei n.º 176/2012, de 2 de Agosto

### Bibliografia consultada

ABREU, M. V. *Motivos e organizações cognitivas na construção da personalidade*. Revista Portuguesa de Pedagogia, 16, p. 331-342. 1982.

AIRES, L.. *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Univ. Aberta, Outubro de 2011

ALARCÃO, I. *Professor-investigador. Que sentido? Que formação?* Revista Portuguesa de Formação de Professores. Ministério da Educação: Inafop, 2001.

ALBARELLO, L. et al. *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais 2ª Edição*. Gradiva. Lisboa, 2005

AMBROSI, A. et al. *Desafios de Palavras: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação*. C & F Editions. 2005.

ARENDS, R. *Aprender a Ensinar*, Lisboa: McGraw-Hill. 2008

BARBOSA, E. *et al.* *Processos de Planificação do Ensino na Formação Inicial*. Arquipelago. - Vol. 2, nº (1999), p. 115-152.

BOGDAN, R., BIKLEN, S., *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora. Porto, 1994.

CARDOSO, J. R.. *O Professor do Futuro*. Guerra e Paz Editores. Lisboa, 2013.

CARVALHO, M. A. S., OLIVEIRA, P. P.. *Estatuto da Carreira Docente Anotado*. Edições Asa. 1990

COLL, C. *et al.* *O Construtivismo na Sala de Aula*. Edições Asa. 2001

DELORS *et al.* *Educação, um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o séc. XXI. Ed. Asa, 1996.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Organização Curricular e Programas: 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Ministério da Educação. Lisboa, 1997.

DUARTE, J. B.. *Pedagogia Diferenciada para uma Aprendizagem Eficaz. Contra o Pessimismo Pedagógico, uma Reflexão sobre Duas Obras de Referência*. Revista Lusófona de Educação, 4, pp. 33-50, 2004

ESTRELA, A. *Teoria e prática de observação de classes: Uma estratégia de formação de professores*. Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa, 1990.

ESTRELA, M. T.. *Profissão Docente. Dimensões Afectivas e Éticas*. Areal Editores. 2010.

FERREIRA, A. *Ser professor*. ISET – Instituto Superior de Educação e Trabalho, Porto, 2009.

FLICK, U. *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Monitor. Lisboa, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Terra e Paz. São Paulo, 1997.

GARDNER, H. et al. *Inteligências Múltiplas ao Redor do Mundo*. Artmed. Porto Alegre, Brasil, 2010.

GOUVEIA, J. *Intencionalidades Formativas e consequências para a avaliação*. Porto, 2008.

GUERRA, M. *Uma Seta no Alvo. A avaliação como aprendizagem*. Ed. Asa, 2003, Lisboa

JESUS, S. N. *Influência do Professor sobre os Alunos*. Coleção Cadernos Pedagógicos. Edições Asa, 1996.

LEGRAND, L. *Célestin Freinet in Prospects: the quarterly review of comparative education - UNESCO: International Bureau of Education*, vol. XXIII, no. 1/2, p. 403–18. Paris, 1993.

LEITE, C., FERNANDES, P.. *Avaliação das Aprendizagens dos Alunos - Novos contextos, Novas práticas*. Edições Asa. Porto, 2002.

LIMA, J M. Á. *O papel de professor nas sociedades contemporâneas*. Revista Educação, Sociedade & Cultura, Nº 6, 1996, p. 47-72.

LIMA, L. C.. *A Educação Faz Tudo? Crítica ao Pedagogismo na “Sociedade da Aprendizagem”* Revista Lusófona de Educação, 15, pp. 41-54. 2010

MARQUES, Ramiro. *A Arte de Ensinar: dos Clássicos aos modelos pedagógicos contemporâneos*. Plátano Edições Técnicas. Lisboa, 1998.

MARTEL, A. *6ª Pós-Graduação Mediação de Conflitos em Contexto Escolar – Projecto Final: Contributos para a Arte de Educar* - Instituto de Mediação Universidade Lusófona do Porto, Junho de 2012

MARTINS, V. N. P. *Avaliação do valor educativo de um software de elaboração de partituras*. U. Minho, Setembro, 2006.

MONTEIRO, A. Reis (Organização, traduções e introdução), vários AA, *Sobre O Direito à Educação*, Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2001.

MONTEIRO, A. Reis. *Educação e Deontologia*. Escolar Editora. Lisboa, 2004

MORISSETTE, D., GINGRAS, M.. *Como Ensinar Atitudes. Planificar, Intervir, Avaliar*. 2ª Edição. Edições Asa. Porto, 1999.

NÓVOA, A. *Formação de Professores e Profissão Docente*. Universidade de Lisboa, 1992.

NÓVOA, A. et al. *Profissão Professor*. Porto Editora. Porto, 1991.

PAPALIA, D. E. *O Munda da Criança*. Mc Graw Hill. Lisboa, 2001.

PERRENOUD, P.. *A Pedagogia na Escola das Diferenças: Fragmentos de uma sociologia do fracasso*. 2ª ed. Artmed Editora. Porto Alegre, Brasil. 2001

PERRENOUD, P. *Dez novas competências para Ensinar*. Artmed. Porto Alegre, Brasil 1999.

PERRENOUD, P. *Práticas pedagógicas, Profissão Docente e Formação. Perspectivas Sociológicas*. Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1993

PLATHE, A.. *Towards Knowledge Societies. An Interview with Abdul Waheed Khan*. World of Science Vol. 1, No. 4 July–September 2003

POMBO, O. et al. *Interdisciplinaridade - Antologia*. Campo das Letras. Porto, 2006

ROLDÃO, M. *Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional - Saber (e) Educar*. Porto: ESEPF, n.º13, (p.171-184), 2008.

SERRA, H. et al. *Avaliação e Diagnóstico em Dificuldades Específicas de Aprendizagem. Pistas para uma Intervenção Educativa. Ensino Básico*. Edições Asa. Porto, 2005

SMYTH, et al. *Professores e ensino num mundo em mudança*. Relatório Mundial de Educação. Ed. Asa, 1998.



SOUSA, A. B.. *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Instituto Piaget. Lisboa, 2003.

VASCONCELOS, T. M. S. *Ao Redor da Mesa Grande. A Prática Educativa de Ana*. Porto Editora. Porto, 1997.

VASCONCELOS, T.. *Prática Pedagógica Sustentada: Cruzamento de Saberes e de Competências*. Edições Colibri. Instituto Politécnico de Lisboa. 2009

## Referências infográficas

MARTINS, C. F. *Quando a Escola Deixar de Ser uma Fábrica de Alunos*. Artigo on-line do Jornal Público

<http://www.publico.pt/temas/jornal/quando-a-escola-deixar-de-ser-uma-fabrica-de-alunos-27008265>

Arte: Ensino Fundamental

[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/minicursos/arte\\_ef/cap\\_razoes.htm](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/minicursos/arte_ef/cap_razoes.htm)

## **ANEXOS**



# **ANEXOS**

# ANEXO I – Check-list de comportamentos

Fig. 1 - Observação de um aluno do 1º Ciclo

A – Método de trabalho e de estudo	Observações
1.1 Participa em actividades e aprendizagens individuais	O aluno é motivado a participar pela a sua participação nos jogos e actividades de aprendizagem de Inglês.
1.2 Participa em actividades e aprendizagens colectivas	Sempre, normalmente assume o comando do grupo.
1.3 Participa em actividades e aprendizagens respeitando as regras estabelecidas	Não sempre, por vezes tende a ter atitudes e intervenções pouco pertinentes.
2.1 Identifica métodos de trabalho	Sim.
2.2 Selecciona métodos de trabalho	Sim, por vezes escolhe que os métodos de trabalho quando a aula não é muito trabalhosa.
2.3 Aplica métodos de trabalho	Sim, mas muito trabalhoso na aplicação.
3.1 Identifica métodos de estudo	Sim.
3.2 Selecciona métodos de estudo	Sim, mas por vezes não consegue.
3.3 Aplica métodos de estudo	Sim.
4.1 Exprime dúvidas	Sempre.
4.2 Exprime dificuldades	Sempre.
5.1 Analisa a adequação dos métodos de trabalho	Não sempre, principalmente quando a actividade é grande, mas a tendência é preferir os jogos e actividades.
5.2 Formula opiniões sobre os métodos de trabalho	Sim, mas por vezes, poucas sugestões.
5.3 Dá sugestões sobre os métodos de trabalho	Sim, se lhe solicitadas.
5.4 Propõe alterações sobre os métodos de trabalho	Sim.
6.1 Analisa a adequação sobre os métodos de estudo	N/D.
6.2 Formula opiniões sobre os métodos de estudo	Sim, quando por iniciativa própria os métodos participam nos jogos.
6.3 Dá sugestões sobre os métodos de estudo	Sim.
6.4 Propõe sugestões sobre os métodos de estudo	Quando solicitadas.

Fig. 2 - Ficha de observação, adaptada, da participação do(a) aluno(a) na aula

**C – Relacionamento interpessoal e de grupo**

**Disciplina:** \_\_\_\_\_

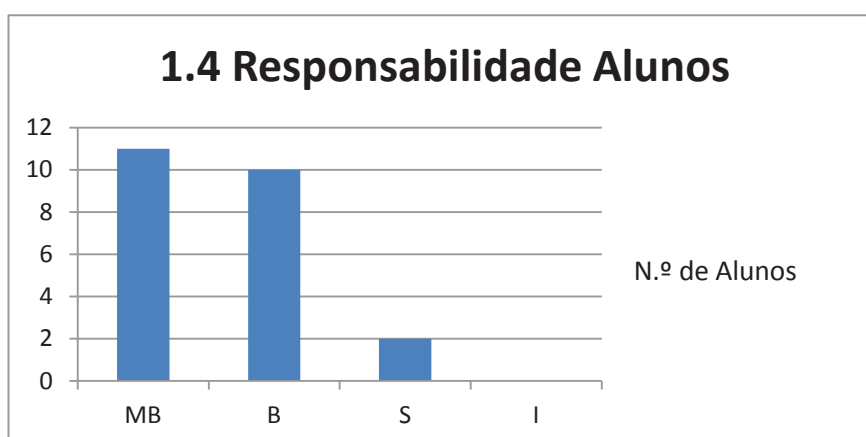
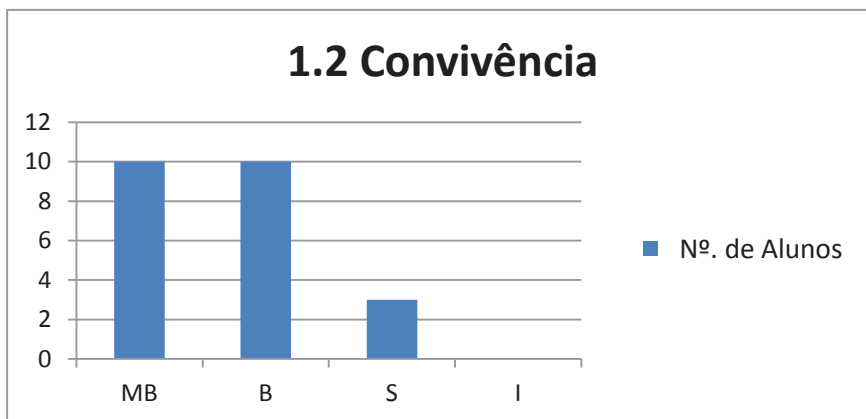
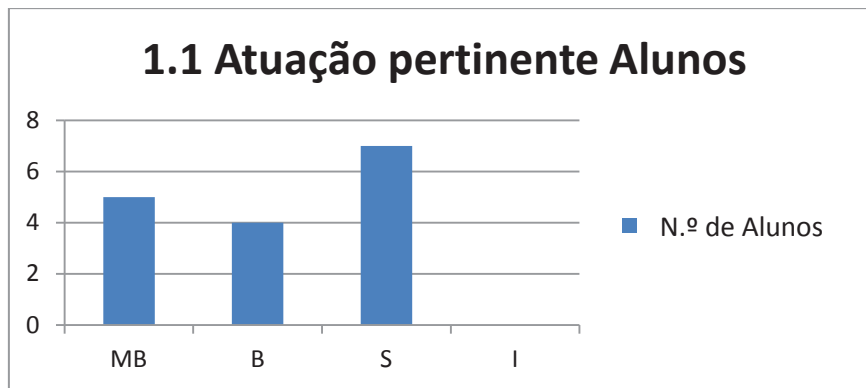
**Nome:** \_\_\_\_\_ **Nº** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_\_

	MB	B	S	I
1. Actua de acordo com normas, regras e critérios				
1.1 de actuação pertinente				
1.2 de convivência				
1.3 de trabalho				
1.4 de responsabilização				

MB- Muito Bom; B- Bom; S- Suficiente; I- Insuficiente

**Nota:** Os alunos em observação variaram de semana em semana. Estes são só um exemplo de um aluno da observação numa semana de um aluno do 1º Ciclo. O conjunto total destas listas foram objecto de análise para a caracterização comportamental dos alunos. Na primeira tabela foi feito apenas um registo por aluno, enquanto na segunda, foram dois registos por cada aluno.

## Análise global dos registos de cada ponto da 2 fig. (23 Alunos)



# ANEXO II – Estudo de caso 1º Ciclo

## Estudo de Caso

### **Identificação**

**Nome:** G

**Sexo:** Masculino

**Data de Nascimento:** 29/01/2004

**Ano de Escolaridade:** 3º ano

### **Caracterização do Aluno**

Aluno de sexo masculino de oito anos de idade, completados em Janeiro. Atualmente frequenta o 3º ano de escolaridade, estando assim no ano correspondente à sua idade. Está integrado numa turma com vinte e três alunos, que se caracteriza por ser interessada e com bom aproveitamento escolar. Revela-se uma criança calma e simpática. Ao nível da comunicação aparenta alguma dificuldade em exprimir-se, o que pode comprometer o seu relacionamento com os outros. Apesar de ter um desenvolvimento físico dentro dos padrões ditos normais, revela alguma imaturidade no modo como se movimenta e como se expressa. Durante as aulas é uma criança que se desliga facilmente, distraíndo-se com frequência. Assim, se constata que o G tem dificuldade em focar-se nas atividades dentro da sala de aula.

É acompanhado periodicamente por uma psicóloga com o intuito de trabalhar as emoções, os sentimentos e a comunicação. Porém a família, (segundo a Professora titular do aluno) não mostra grande preocupação com a evolução de G nas dimensões cognitiva e sócia afetiva, sendo pais pouco presentes e interessados no seu processo educativo. O seu envolvimento dos pais, nos apoios dados ao aluno tanto pela Professora como pela psicóloga do colégio, é praticamente inexistente. Quanto a dados mais específicos do agregado familiar que o aluno G integra, apenas

registámos, através de um diálogo com a Professora, que embora a pouca preocupação dos pais pela evolução de G, estes aparentam uma relação estável. Sabemos ainda que o aluno tem um irmão, que frequenta o 7º ano de escolaridade e que foi aluno da mesma professora que o G. Um outro dado partilhado também nessa conversa foi o estatuto socioeconómico da família, que pertence ao nível médio-alto.

É de evidenciar ainda, que a avó é uma figura muito presente na vida do G, ajudando na concretização dos trabalhos escolares. Porém, esta muitas das vezes faz os trabalhos pelo aluno, de um outro modo pensa pelo aluno (facto constatado pela professora e pelas professoras estagiárias durante a sua intervenção).

### **Antecedentes Académicos**

O aluno G frequenta o mesmo estabelecimento de ensino desde do pré-escolar, com a entrada na sala dos três anos, no ano lectivo de 2007/08. Com sua entrada na escola pôde-se notar, no aluno G, um ligeiro atraso no domínio da linguagem e autonomia, para a idade que tinha. Desde então que o aluno recebe acompanhamento, sendo primeiramente assistido por uma equipa de Intervenção Precoce da APPACDM (Porto), que se centrou no desenvolvimento de competências relacionadas com a socialização. Durante o seu percurso no ensino pré-escolar, frequentou ainda vários serviços especializados, tais como: Serviço de Consulta Psicológica de Crianças e Adolescentes, Hospital Pedro Hispano, Unidade da UADIP, APPACDM e Pediatria. Este acompanhamento permitiu uma evolução na construção e manutenção de relacionamentos com outras crianças e adultos. Apesar do sucesso registado, o aluno no 1º ano exigia da professora uma atenção especial, sobretudo em momentos de instrução de tarefas. <sup>1</sup>

### **Observação em contexto de sala de aula e recreio**

#### Autonomia

- **Higiene:** Demonstra autonomia na higiene pessoal (lavar as mãos, utilizar a casa de banho, assoar-se).
  
- **Alimentação:** Não almoça na cantina da escola. Normalmente lancha dentro da sala de aula, junto ao caixote do lixo, enquanto a sala permanece aberta.

---

<sup>1</sup> Toda a informação referente aos antecedentes académicos foi-nos facultada pela Professora do aluno, através do Projeto Curricular de Turma.



- **Atividades da vida diária:** Durante as aulas mostra empenho em acompanhar o trabalho da turma. Em tarefas de maior complexidade necessita do apoio da professora, nomeadamente na retenção de informação. Na sala de aula, encontra-se sentado junto à secretária da Professora. A sua participação oral durante as aulas é quase inexistente, acontecendo maioritariamente quando a professora o exige.

Em relação ao período de intervalo, o aluno G leva sempre consigo a sua coleção de cromos, com a qual se entretém grande parte do tempo. A relação mais próxima que pudemos observar foi com um colega de turma (caracterizado por ter mau comportamento) também detentor de uma coleção de cromos. O aluno G, por vezes, adota e/ou repete comportamentos do colega em questão, sendo chamado à atenção por isso (mais do que uma vez em diferentes disciplinas). O local predileto para as suas brincadeiras é debaixo das escadas de acesso ao piso das salas de aula.

Nas aulas de música, principalmente durante os exercícios de expressão motora e dramática, o aluno mostrava grande tendência para copiar os movimentos e expressões dos colegas.

### Linguagem

- Expressa – A nível oral, recorre a pouco vocabulário para se expressar e tem dificuldades de se manifestar de modo fluido. São raros os momentos em que se ouve o aluno a falar por vontade própria. A nível escrito, pouco desenvolve as suas ideias, sendo que, em tarefas de maior complexidade, precisa de ser acompanhado com uma explicação faseada. Muitas das vezes tende a escrever as ideias partilhadas pelos seus colegas.
- Compreendida – No que concerne às informações que lhe são dadas por meio oral, nomeadamente as mais complexas, o aluno G mostra dificuldades na sua compreensão, sendo necessário que lhe seja repetida mais do que uma vez, até que este a compreenda. No que respeita à informação escrita, esta é mais facilmente assimilada quando simples e concreta, ainda que por vezes, não seja compreendida de forma imediata. O aluno mostra ter maior dificuldade na capacidade de abstracção, sendo que necessita de exemplos muito concretos para a compreensão do que lhe é pedido.

### Motricidade:

- Fina – A caligrafia do aluno, caracteriza-se por ser carregada, grande e muito espaçada, não respeitando as linhas da folha. Em relação ao manuseamento de objetos de Expressão Plástica para trabalhos manuais (tesoura, cola, marcadores, pinceis, etc.) revela à vontade.
- Global – O aluno G quer em contexto de sala de aula, quer em contexto de recreio, mostra alguma imaturidade e insegurança nalguns dos seus movimentos básicos, tais como a locomoção e movimentos de braços.

### Cognição:

- Orientação espacial – O aluno G não apresenta dificuldades no que concerne à sua posição espacial em relação a outros objetos ou pessoas, conseguindo assumir diferentes conceitos, como frente e trás.
- Lateralidade – Aparentemente não parece ter dificuldade na perceção das direções (direita e esquerda), mostrando-se capaz do controlar em simultâneo e em separado os dois lados do corpo. Ex.: agarra bem objetos com as duas mãos e também só com uma.
- Leitura – Em relação à leitura, lê de maneira corrida e com uma voz monótona, não respeitando, em muitas das vezes, as regras de pontuação, nomeadamente as pausas do texto – pontos e virgulas.
- Escrita – Através da realização de tarefas propostas na nossa intervenção e da consulta dos testes do aluno, pudemos constatar que o seu tipo de letra é pouco cuidado. Uma escrita muito carregada, com uns grafismos grandes e pouco certos.
- Matemática – O aluno necessita de exemplos muito concretos para o entendimento de alguns enunciados. Embora tenha uma fraca capacidade de abstracção, o aluno tem boa memorização de números ou mesmo de algoritmos.
- Estudo do Meio – Em relação à disciplina de Estudo do Meio o aluno parece demonstrar algum interesse em fazer novas aprendizagens, porém mostra-se

mais apto em aprender aquilo que está dentro do seu campo de interesse. A exemplo disso, temos o registo de uma situação que pudemos constatar durante a nossa intervenção em Estudo do Meio, em que foi proposto como tarefa uma breve descrição sobre um dos transportes abordados. Nesta tarefa o aluno não soube corresponder ao pedido. Foi atribuído ao aluno o exercício de descrever um navio, porém ele fez descrição de um avião, sendo o transporte em que mostrou mais interesse durante a exposição da aula. Mesmo depois do aluno ser corrigido, este não alterou nada.

### **Socialização:**

O aluno tem dificuldades em estabelecer relações de interação com as outras crianças, fazendo muitas das suas brincadeiras sozinho. Recorre muito à imitação dos colegas e faz uma comunicação pobre, tendo uma fraca capacidade para iniciar um diálogo. Uso desmedido do olhar fixo, quer em sala de aula, quer nos intervalos

### **Recomendações**

Com base nos registos observados podemos evidenciar algumas das áreas em que o aluno mostra um nível inferior ao nível esperado para a sua idade, tais como a socialização, a concentração e a motricidade. Neste sentido, deixamos um conjunto de sugestões para todos agentes envolvidos no processo educativo do aluno, nomeadamente a professora, de modo a se trabalhar para o desenvolvimento das áreas referidas.

### **Interações sociais**

Para o desenvolvimento das relações humanas do aluno devem, desde cedo, ser criados alguns estímulos, para que o aluno não se isole.

- Enfatizar as habilidades da criança através do reforço positivo, criando situações de reconhecimento cooperativas com os seus colegas, para que este gradualmente vá sentindo a sua evolução, aumentando a sua auto-estima;
- Criar ambientes de envolvimento com os outros, limitando o seu tempo isolado. Nos intervalos pedir, por exemplo, às auxiliares que o encorajem a brincar com os outros e se necessário, ajudá-lo a reagir a situações sociais em que ele tenha mais dificuldade;
- Sentar o aluno junto a um colega mais sensível, que tenha capacidade para ajudar em tarefas de maior dificuldade.

## **Concentração**

Para um melhoramento da concentração do aluno, deve-se optar por um conjunto de estratégias que o possam ajudar na compreensão e acompanhamento da informação transmitida.

- Fragmentar a informação passada e tentar simplificar os conceitos mais abstratos;
- Recorrer a frequentes feedbacks;
- Usar o reforço positivo, para que o aluno cumpra o desejado e premiá-lo por comportamentos simples e esperados;
- Acompanhar nas tarefas de maior complexidade, em casa e na escola;
- Aconselhar o acompanhamento por um professor especial, no sentido deste trabalhar com o aluno, estratégias de concentração;
- Manter a criança sentada na parte da frente da sala de aula e fazer-lhe perguntas diretas, para ajudá-lo a prestar atenção à aula;
- Recorrer à linguagem não-verbal quando o aluno não estiver atento (ex.: toque ligeiro na secretária do aluno ou um toque no ombro);
- Reduzir as transições em sala de aula;
- Motivar o aluno a aplicar o seu esforço em áreas nas quais não se interessa.
- Articular os interesses da criança com os conteúdos abordados, como um caminho para o alargamento do seu próprio repertório de interesses;
- Estabelecer algumas rotinas diárias consistentes, para que o aluno seja capaz de antecipar o que se segue, com o objectivo de se concentrar na tarefa que tem ante mãos;

## **Coordenação motora**

Na coordenação motora, também podem ser idealizadas algumas tarefas de insistência, para que o aluno progressivamente vá melhorando a sua capacidade motora fina e global.

- Aconselhar os pais da criança a recorrer a um programa de desenvolvimento físico, fora da escola;
- Laborar alguns exercícios para trabalhar o traço da criança, como por exemplo uma folha com grafismos, para ajudar a criança a controlar o tamanho das letras.

## **Apreciação Global**

Num âmbito geral, o G é uma criança que demonstra imaturidade no desenvolvimento das áreas socio-afectiva, motora e cognitiva, principalmente no que diz respeito à linguagem, dentro do seu modo de expressão e comunicação.

Assim, revela-se uma criança com dificuldades no entendimento das relações humanas e regras do convívio social, cujo seu desenvolvimento deve ter a cooperação de todos os que fazem parte da sua vida. A nível físico é um pouco desordenado nos seus movimentos básicos, tendo um andar inseguro. Note-se que a motricidade fina é também factor de preocupação, a sua caligrafia é desorganizada e carregada. A concentração, também um problema evidente do aluno, é talvez a sua maior falha, podendo comprometer o seu aproveitamento escolar. É uma criança que facilmente se desliga do mundo exterior, parecendo perder a atenção por estímulos interiores (muitas vezes fica com um olhar fixo sobre o espaço), não conseguindo grande tempo de concentração em actividades que o exijam.

Esta imaturidade, senão acompanhada de perto pode comprometer o rendimento académico do aluno, bem como o seu modo de ser e estar. Neste caso, o Professor pode ter um papel vital no progresso da criança, ajudando-a a aprender a ajustar-se ao mundo que a rodeia. Deste modo, é essencial o uso de estratégias pedagógicas criativas, de forma a facilitar o sucesso escolar do aluno e a sua relação com os outros, para que este se não se exclua do mundo.

# ANEXO III – Check-list de comportamentos

## Observação de um aluno do 2º Ciclo

A – Método de trabalho e de estudo	Observações
1.1 Participa em actividades e aprendizagens individuais	Sempre, quando solicitado a participar sempre.
1.2 Participa em actividades e aprendizagens colectivas	Sempre, sempre espírito de grupo.
1.3 Participa em actividades e aprendizagens respeitando as regras estabelecidas	Sempre
2.1 Identifica métodos de trabalho	Sim
2.2 Selecciona métodos de trabalho	Sim, muito organizado e metódico no que faz.
2.3 Aplica métodos de trabalho	Sim
3.1 Identifica métodos de estudo	Sim
3.2 Selecciona métodos de estudo	Sempre
3.3 Aplica métodos de estudo	Sim
4.1 Exprime dúvidas	Sempre
4.2 Exprime dificuldades	Sempre, tem uma necessidade clara de desenvolver as suas atividades.
5.1 Analisa a adequação dos métodos de trabalho	Sim, muito ponderado nos seus escolhas e maneiras de trabalhar.
5.2 Formula opiniões sobre os métodos de trabalho	Sim, mas na maior parte das vezes, só se exprime quando solicitado.
5.3 Dá sugestões sobre os métodos de trabalho	Sim, quando se apercebe que <del>os</del> os métodos não "funcionam bem".
5.4 Propõe alterações sobre os métodos de trabalho	Sim
6.1 Analisa a adequação sobre os métodos de estudo	Sim, sempre
6.2 Formula opiniões sobre os métodos de estudo	N/C
6.3 Dá sugestões sobre os métodos de estudo	<del>sem sugestões</del> por vezes
6.4 Propõe sugestões sobre os métodos de estudo	Sim

Fig. 2 - Ficha de observação, adaptada, da participação do(a) aluno(a) na aula

### C – Relacionamento interpessoal e de grupo

Disciplina: \_\_\_\_\_

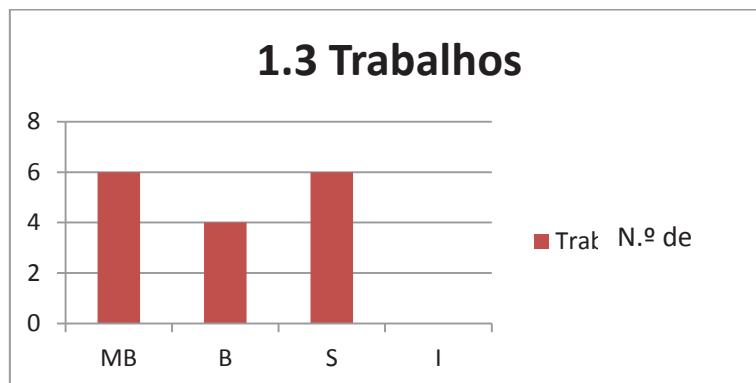
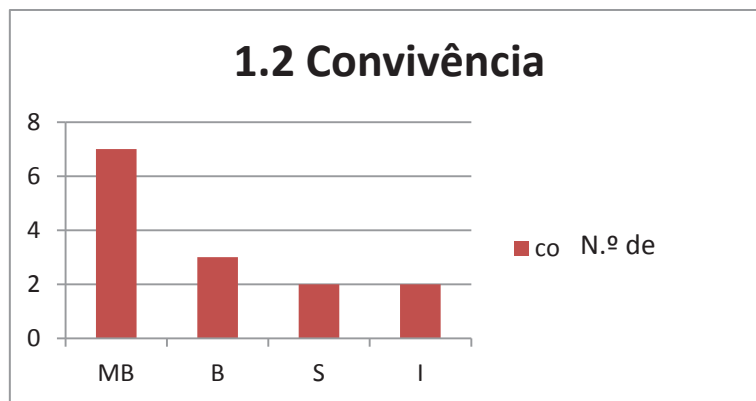
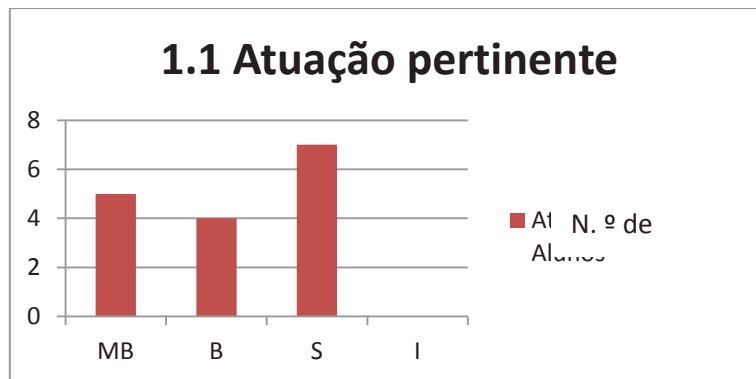
Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

	MB	B	S	I
1. Actua de acordo com normas, regras e critérios				
1.1 de actuação pertinente				
1.2 de convivência				
1.3 de trabalho				
1.4 de responsabilização				

MB- Muito Bom; B- Bom; S- Suficiente; I- Insuficiente

**Nota:** Os alunos em observação variaram de semana em semana. Estes são só um exemplo de um aluno da observação numa semana de um aluno do 2º Ciclo. O conjunto total destas listas foram objecto de análise para a caracterização comportamental dos alunos. Na primeira tabela foi feito apenas um registo por aluno, enquanto na segunda, foram quatro registos por cada aluno.

## Análise global dos registos de cada ponto da 2 fig. (16 alunos)



# **ANEXO IV – Estudo de caso 2º Ciclo**

## **ESTUDO DE CASO**

### **Antecedentes Académicos**

A criança sobre a qual se debruça este Estudo de Caso diz respeito a uma aluna que frequenta o 2º Ciclo do Ensino Básico, numa instituição de cariz particular. A aluna tem doze anos e vive com os pais. O pai de 45 anos e a mãe de 41 concluíram os estudos até ao 2º ciclo e 1º ciclo, respetivamente. São empregados por conta de outrem, tendo o pai como profissão, chapeiro de automóveis e a mãe empregada doméstica. As profissões dos progenitores permitem que a aluna esteja ao fim do dia com os pais.

No que se refere ao contexto em sala de aula, a aluna frequenta uma turma com oito rapazes e oito raparigas, e está ao abrigo do Decreto – lei 3/2008 de 7 de janeiro, sendo a única na turma. Este decreto consagra os apoios especializados a prestar desde a educação Pré-Escolar até ao ensino secundário para crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE). De acordo com o PEI da aluna, foi adotada uma pedagogia diferenciada em sala de aula durante o 2º ano de escolaridade. Tendo ficado retida no 2º ano, a aluna teve apoio especializado durante os anos letivos de 2007/2008 e 2008/2009. Durante o 3º e 4º ano de escolaridade teve outro apoio, nomeadamente o Plano de Ação ABC – De Tudo. Este tipo de plano tem como função apoiar em pequeno grupo alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura, na escrita e no cálculo numérico, havendo uma articulação entre o profissional que apoia e o professor titular. No 5º ano a aluna teve apoio psicológico, e no 6º ano, que se encontra a frequentar tem apoio nas aulas de Português e Matemática e Apoio pedopsiquiátrico <sup>2</sup>.

### **Observação em contexto de sala de aula**

Através da constante observação direta e da lecionação de algumas aulas, verificamos que a aluna tem alguma dificuldade em expressar-se, sendo pouco participativa em aula e desatenta. Isto vem ao encontro do que está plasmado no PEI

---

<sup>2</sup> Especialidade Médica direcionada para o estudo, avaliação e tratamento das perturbações emocionais e do comportamento na infância e na adolescência ( <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedopsiquiatria>).



da aluna “ A aluna apresenta dificuldades na compreensão do oral e escrita, na expressão oral, na aquisição e relacionamento de conhecimentos, na atenção e participação construtiva na aula e na interpretação e resolução de problemas” (PEI, 2012/2013). O PEI, de acordo com o decreto-lei acima mencionado, documenta as necessidades educativas especiais da criança, baseadas na observação e avaliação de sala de aula, bem como nas informações cedidas pelos participantes no processo. De acordo com o PEI<sup>3</sup> da aluna, esta revela capacidades intelectuais médias, mas com algumas dificuldades específicas que se refletem na aprendizagem das competências. Pelo que “ as funções da memória, cálculo, mentais da linguagem e da atenção, apresentam um comprometimento moderado, bem como as funções de nível superior” (PEI, 2012/2013). Para além disso, na escrita apresenta uma dislexia adquirida, trocando algumas letras e omitindo outras, e a nível do cálculo troca sobretudo as operações.

Tratando-se de uma dislexia adquirida, esta resulta de uma lesão cerebral, afetando o lado esquerdo do cérebro e podendo prejudicar várias funções (Shaywitz,2006:27). Apesar de este tipo de dislexia ocorrer principalmente em idade adulta, depois de o indivíduo já ter adquirido a leitura e a escrita, no caso da criança em causa, sucedeu-se devido a uma Meningite Vírica: “aos quatro anos de idade a aluna teve um meningite vírica o que afetou o seu desenvolvimento cognitivo” (Anamnese, 2013). O período pré-natal, perinatal e pós-natal, ocorreu dentro da normalidade, sendo uma gravidez desejada e assistida. Assim, sendo fica descartada a hipótese de se tratar de uma dislexia congénita, isto porque segundo Shaywitz

“de uma perspetiva neurológica, a diferença nas duas formas de disfunção está no momento em que se dá o rompimento dos sistemas neurais do cérebro. Na forma congénita, há como que uma queda de energia nas conexões cerebrais durante o desenvolvimento embrionário, ficando esse problema nas conexões neurais confinado a um determinado sistema neural (utilizado para a leitura). Nos casos em que o problema é adquirido, uma lesão bloqueia um sistema neural que já está em funcionamento [...]”.

De acordo com a revista de Pais e Educadores, a meningite caracteriza-se por ser uma inflamação do revestimento do cérebro e da medula espinal (meninges), quando o seu diagnóstico e tratamento não é feito rapidamente, “aumenta a probabilidade de se verificarem lesões cerebrais permanentes e que poderão resultar em problemas de perda de audição e visão, ao nível motor, convulsões e dificuldades de aprendizagem”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> [http://www.educacao.te.pt/pais\\_educadores/index.jsp?p=86&id\\_art=259](http://www.educacao.te.pt/pais_educadores/index.jsp?p=86&id_art=259)

## **Perfil geral da aluna**

Num âmbito geral a aluna é uma criança que demonstra alguma imaturidade no desenvolvimento das áreas socio-afectiva e cognitiva, principalmente no que diz respeito à linguagem, dentro do modo de expressão e comunicação.

Assim, revela-se uma criança com dificuldades no entendimento das relações humanas e regras do convívio social, cujo seu desenvolvimento deve ter a cooperação de todos os que fazem parte da sua vida. A nível físico é um pouco desordenada nos seus movimentos básicos, tendo um andar desleixado e por vezes descoordenado.

Esta imaturidade, senão acompanhada de perto pode comprometer o rendimento académico do aluno, bem como o seu modo de ser e estar. Neste caso, o Professor pode ter um papel vital no progresso da criança, ajudando-a a aprender a ajustar-se ao mundo que a rodeia, sendo essencial o uso de estratégias pedagógicas criativas, de forma a facilitar o sucesso escolar da aluna, a sua relação com os outros, para que este se não se exclua do mundo, e sobretudo a sua autoestima.

## **Intervenção**

Com base nos dados recolhidos durante o período de estágio e na revisão de alguns modelos de atuação para crianças com dificuldades de aprendizagem, pudemos evidenciar algumas das estratégias já postas em prática com a aluna, bem como determinar algumas práticas que ficam como sugestões futuras, para o seu melhor desempenho.

## **Medidas educativas postas em prática**

Para o desenvolvimento das relações humanas do aluno devem-se, desde cedo, ser criados alguns estímulos, para que o aluno se sinta integrado na turma e valorizado tanto pelos professores, como pelos colegas. No que diz respeito às interações sociais, podemos evidenciar uma das medidas tida como meta educativa no PEI, onde consta como dever dos professores, no ponto “5.1. Apoio pedagógico personalizado (Art.º 17)” o seguinte: “Reforço das estratégias utilizadas no grupo ou turma ao nível da organização, do espaço e das atividades” (PEI, 2012/2013). Enfatizar as habilidades da aluna através do reforço positivo, criando situações de

reconhecimento cooperativas com os seus colegas, é essencial para que a mesma vá sentindo, gradualmente, a sua evolução, aumentando a sua autoestima (Shaywitz, 2008: 275). Durante o período de estágio – observação e intervenção – constatamos que tal medida foi praticada em sala de aula com a aluna, para além do reforço positivo, foi também estratégia de apoio educativo, a escolha do lugar da aluna. Esta tinha lugar “cativo” na fila da frente, próxima da secretária do professor, de forma a facilitar o apoio e a orientação discreta. Foi também nossa preocupação, durante as nossas intervenções, a criação de ambientes de envolvimento da aluna com os outros colegas, nomeadamente em trabalhos em pares ou de grupo, juntando-a com pelo menos um colega mais sensível, com capacidade de ajudar em tarefas de maior dificuldade. Para um melhoramento da concentração do aluno, deve-se optar por um conjunto de estratégias que o possam ajudar na compreensão e acompanhamento da informação transmitida. Uma das estratégias observadas e adoptadas também por nós durante as aulas, foi a forma de comunicação. Fragmentar a informação passada e tentar simplificar os conceitos mais abstratos, foi sempre um cuidado presente, bem como, a utilização da linguagem não-verbal, por exemplo um toque ligeiro na secretária da aluno ou no seu ombro, quando esta se encontrava desconcentrada.

Relativamente à avaliação da aluna, esta usufrui de algumas alterações, estipuladas no ponto 5.3 do PEI “Adequações no processo de avaliação (art.º 29)”, sendo que as suas provas tem perguntas adaptadas, são de menor extensão e têm despenalização de erros ortográficos.

## ANAMNESE

Dados fornecidos por: [Diretor de Turma](#).

### 1. DADOS INDIVIDUAIS

Nome: [A.](#)

Data de nascimento: [03/10/2000](#)

Sexo: [Feminino](#)

Naturalidade: [Portuguesa](#)

### 2. AGREGADO FAMILIAR

Nome da Mãe: [M.P](#)

Idade: [41](#)

Profissão: [Empregada doméstica](#)

Estado civil: [Casada](#) Habilitações académicas: [1º ciclo](#)

Nome do Pai: [A.P](#)

Idade: [45](#) Profissão: [Chapeiro de automóveis](#)

Estado civil: [Casado](#) Habilitações académicas: [2º ciclo](#)

Número de irmãos: [0](#)

#### 5. DADOS SOBRE O PERÍODO PRÉ-NATAL

Idade dos Pais quando foi concebida a criança: [29 e 33](#)

Existe consanguinidade: [Não](#)

Gravidez (desejada, planeada, acidental, mal aceite): [Desejada](#)

Foi normal? [Sim](#) Teve assistência médica? [Sim](#)

Durante a gravidez, a mãe alimentava-se bem (apresentou carências alimentares, ferro, etc.)? [Não](#)

Teve alguma doença (rubéola, toxoplasmose, tomou medicamentos)? [Não](#)

Fumou? [Não](#)

Consumiu drogas? [Não](#)

Ingeria bebidas alcoólicas? [Não](#)

Local de nascimento da criança: [Hospital P.](#)

#### PERÍODO PERINATAL

Tipo de parto (normal, cesariana, fórceps, induzido, prematuro): [Normal](#)

A criança, após o nascimento, demorou a chorar? [Não](#)

#### PERÍODO PÓS- NATAL

Os médicos mencionaram aos pais se havia algum problema com a criança?

[Não.](#)

#### 6. DADOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA PRIMEIRA INFÂNCIA

##### **Desenvolvimento Motor**

Tem lateralidade definida? [Sim](#)

Apresenta algum tipo de descontrole de movimentos? [Sim, andar lento e pesado, pouca coordenação nos movimentos.](#)

## **Desenvolvimento da linguagem**

*Atualmente apresenta algum problema de linguagem?* **Não**

E ao nível da comunicação? **Revela dificuldade em exprimir-se oralmente e ordenar e debater ideias e conceitos.**

## **Capacidade Visual**

Apresenta algum deficit? **Não.**

## **Capacidade Auditiva**

Apresenta algum deficit? **Sim.**

## **7. DADOS SOBRE A SAÚDE DA CRIANÇA**

Tem as vacinas em dia? **Sim.**

Que doenças teve? **Meningite Vírica**

Observações: **“Segundo o relatório da psicóloga a aluna sofreu uma Meningite Vírica aos quatro anos de idades, o que afetou o seu desenvolvimento cognitivo” (PEI:2012/2013).**

## **8. A CRIANÇA NA FAMÍLIA**

Que tempo passa com os pais? **Tempo posterior às aulas.**

Com quem gosta de brincar? **Com as raparigas da turma, quando estas permitem que haja contacto.**

## **9. O SONO**

Dorme bem? **Sim.**

Adormece sozinha? **Sim.**

Dorme sozinha? **Sim.**

## **10. ALIMENTAÇÃO**

Come bem? **Sim.**

Come sozinha? **Sim.** Utiliza talheres? **Sim.**

## **11.DADOS SOBRE A HIGIENE PESSOAL**

Apresenta controlo esfinteriano? **Sim.**

Vai sozinho à casa de banho? **Sim.**

Lava as mãos sozinho? **Sim.**

Escova os dentes sozinho? **Sim.**

Penteia-se? [Sim](#). Despe-se? [Sim](#). Veste-se? [Sim](#).

Estes hábitos são promovidos pelos pais? [Sim](#).

Observações: [Apresenta-se sempre bem vestida e com um ar limpo e saudável. Troca de roupa e calçado diariamente. Em sala de aula, tem frequentemente a mesa de trabalho organizada e limpa.](#)

## 12. ANTECEDENTES ESCOLARES

Frequentou Infantilário? [Sim](#).

Frequenta (ou) Escola? [Sim](#). Entrou com que idade? [6 Anos](#).

Alguma vez pediu adiamento escolar? [Não tivemos acesso a esta informação, mas sabemos que ficou retida no 2º ano de escolaridade.](#)

Que Escola frequenta? [E.S Gosta](#)? [Sim](#).

# 1º CICLO

3º ANO

## Estudo do Meio

### Conhecimento do meio Natural e Social

Dia 19 de Novembro, de 2011

Centro de Estágio: Colégio

Professora Cooperante: A

Professora estagiária: Ana Maria Gala

#### Organização do tempo:

- Os primeiros três blocos de 45min da manhã (2h)

#### Domínio:

Viver melhor na Terra;

#### Objetivos/Conteúdos:

- ✓ Compreender o conceito “direito” e explicar em que contexto surgiu;
- ✓ Reconhecer a necessidade de direitos.
- ✓ Identificar os direitos da criança.

#### Descritores de Desempenho

- Inter-relacionar aspetos da vida em sociedade;
- Reconhecer regras de convivência social e de respeito pelos outros;
- Utilizar, de forma integrada e transversal, conceitos essenciais para a compreensão dos conteúdos explorados: direito, discriminação, normas de convivência social, igualdade;
- Explicar o que é a ONU e a razão do seu aparecimento;
- Identificar, através da dramatização de situações, os Direitos da Criança;
- Expressar a sua opinião, sob forma de texto, acerca do valor da família.

### Descrição da Atividade/Estratégias:

- A estagiária inicia a sua aula com a seguinte pergunta “quem me sabe descrever o que é um direito?”. Após algumas intervenções, a estagiária deverá explicar, que o termo *direito* é um termo que se utiliza para expressar “aquilo a que nos é justo”. Deverá acrescentar ainda, que o direito está associado à necessidade de justiça e igualdade que o homem desde sempre teve.
- Posteriormente faz uma breve introdução aos direitos do homem, partindo daí para os direitos da criança. Introduce parte da história da ONU (Organização das Nações Unidas), para contextualizar a institucionalização dos direitos da Criança. Como tal, será apresentado aos alunos um filme com os 10 direitos da criança, entregando-lhes os direitos em papel, para serem colados no caderno de Estudo do Meio.
- De seguida, serão discutidos os direitos das crianças, nomeadamente aquele que envolve a família. A estagiária pede que cada aluno escreva no caderno de Estudo do Meio uma frase com aquilo que eles consideram essencial numa família. À medida que os alunos forem concluindo as suas frases, a estagiária deverá corrigir o trabalho e entregar uma etiqueta, para a qual os alunos deverão transcrever a sua frase.
- Quando todos terminarem de fazer a sua etiqueta, a estagiária mostrará a manta dos “segredos para a família”, a qual terá um bolso para cada etiqueta dos seus alunos.
- A estagiária deverá mandar o chefe do dia recolher as etiquetas, para que este as ponha dentro de cada bolso.
- No final desta atividade a estagiária irá dividir os alunos em 5 grupos, para que cada um faça a representação do direito que lhe couber dramatizar. Como tal, para esta atividade a estagiária distribuirá acessórios e personagens para cada aluno. Será tirada uma fotografia a cada grupo, para serem expostas na exposição dos direitos para os pais.
- A aula terminará com a estagiária a ditar o trabalho de casa. Deste modo, deverá pedir que os alunos retirem o caderno diário de Estudo do Meio e que passem o seguinte: “Pede ajuda aos teus pais e investiga em que país(es) alguns dos direitos da crianças não são respeitados. Traz um exemplo”.



### Avaliação:

- Formativa

### Técnica:

- Observação direta

### Instrumentos:

- Etiqueta;
- Fotografia;

### Indicadores:

- Nível de Participação

### Recursos Materiais:

- Computador;
- Quadro interativo;
- Filme dos direitos da Criança;
- Caderno diário;
- Material de escrita;
- Acessórios (túnica, batom, óculos, gravata, bata, estetoscópio, bola, pulseiras, colares, cachecol, bandeira de Portugal, cartões)
- Etiquetas.

## Externato

### Plano de aula

<b>Disciplina:</b> História e Geografia De Portugal	<b>Ano / turma:</b> 6.ªA	<b>Ano letivo:</b> 2012 / 2013	<b>Data:</b> 11 de março de 2013
<b>Professor cooperante:</b> P	<b>Professora estagiária:</b> Ana Maria Gala		
<b>Aula n.º:</b>	<b>Tempo:</b> 45 minutos		
<b>Sumário:</b>			
Restrições à liberdade durante o Regime do Estado Novo. Análise e interpretação de documentos			

Conteúdos	Descritores de desempenho	Estratégias / Atividades	Objetivos	Recursos	Avaliação
<b>Estado Novo</b> Salazar e o Estado Novo	Evidenciar as “Estados policiais” da ditadura o Estado Novo: - Censura, - Propaganda - Organizações paramilitares e juvenis.  Compreender os valores subjacentes ao Estado Novo	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Leitura do primeiro ponto do manual referente às restrições à liberdade, durante o regime do Estado Novo;</li> <li>▪ Discussão de Conceitos “autoritarismo e ditadura”;</li> <li>▪ Análise da fig. 15 do manual;</li> <li>▪ Estudo de outras restrições: censura e PIDE;</li> <li>▪ Leitura e análise de um excerto de Fernando Correia da Silva;</li> <li>▪ Abordagem à legião Portuguesa;</li> <li>▪ Discussão sobre formas de propaganda do Estado Novo.</li> </ul>	<b>1. Tratamento de Informação e utilização de fontes</b> - Analisar e interpretar documentos escritos e iconográficos e mapa ilustrado; - Elaborar conclusões simples; <b>2. Compreensão Histórica</b> - Temporalidade: * Aplicar conhecimentos utilizando corretamente o vocabulário específico; - Contextualização: * Estabelecer relações entre os seus diferentes domínios; <b>3. Comunicação em História</b> ■ Expressar oralmente de forma clara ideias, recorrendo ao vocabulário específico da disciplina..	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Manual;</li> <li>● Excerto de Fernando Correia da Silva</li> <li>● Material de escrita;</li> <li>● Cola</li> </ul>	<b>Técnica</b> Observação direta <b>Modalidade</b> Formativa <b>Indicador</b> Participação e empenho nas atividades propostas.

## OPERACIONALIZAÇÃO

A estagiária inicia a aula auxiliando-se no esquema deixado pela colega. Prossegue, afirmando que irão continuar a estudar mais algumas das características do Estado Novo. Assim, estagiária pede que um dos alunos faça a leitura do primeiro parágrafo da página 112, para se passar a discussão do seu conteúdo. A partir do que foi lido, a professora estagiária questiona os alunos acerca das representações que têm acerca do conceito autoritarismo e ditadura. Aproveitando as intervenções dos alunos, a professora estagiária acrescenta e torna completa a informação. Do autoritarismo, parte para a criação da União Nacional explicando a necessidade da sua existência, nesta ótica, aborda ainda Constituição de 1933, pretendendo que os alunos compreendam a relação entre o “Partido Único” e o poder executivo. Durante esta abordagem, a estagiária refere-se também à opressão à oposição política. Posteriormente, a professora estagiária solicita, aos alunos, a análise da fig. 15 da página 112 do manual. Aqui pretende-se que os alunos identifiquem os elementos de exaltação da nação, que identifiquem o sentido da utilização das datas (1925 e 1934) associando-as à imagem de fundo e ainda que refiram a analogia patente no texto.

Findada a análise da figura, a professora estagiária retoma às restrições vividas na época do Estado Novo, nomeadamente a “censura” ou o chamado “lápiz azul”. Explica assim, que à “censura” cabia avaliar os jornais, teatros, filmes e revistas, cortando tudo aquilo (texto, imagens, cenas), por forma a impedir e limitar tentativas de revolta ou difamação. A professora estagiária aborda ainda outro tipo de censura, como a proibição de greves, de reunião e de associação, explicando, por sua vez, a necessidade de criação de corporações - casa do Povo.

Daqui parte para a polícia política, solicitando a leitura do texto da página 113, referente a esse mesmo tema. É feita a análise do texto, discutindo-se qual objectivo da existência da polícia política e as funções a que estava encarregada. Para completar a professora estagiária entrega um pequeno excerto de Fernando Correia da Silva, que escreve em nome do pensamento de Salazar. Deste modo, com base no que foi estudado, os alunos devem fazer, juntamente com a professora estagiária, análise do texto.

“Se abandonados à liberdade, os homens logo se convertem em libertinos. Reforço a proibição das greves e em 1933 fundo a PVDE - Polícia de Vigilância e Defesa do Estado. Agentes italianos e depois uns alemães, com as suas técnicas, virão ajudar-nos a torná-la mais eficaz. Rapidamente a PVDE estende uma rede de informadores de norte a sul da Nação, nas cidades, nas vilas e até em aldeias. É fácil, muita gente ambiciona ganhar mais uns tostões.

A função primeira da PVDE é prevenir as tentações de libertinagem, é intimidar não só os ímpios e os incautos à beira da impiedade, mas também os respectivos pais, e cônjuges, e filhos, e irmãos, e colegas, e amigos, todos os que estejam em perigo de contágio. Subversão é peste, há que meter a Nação em quarentena. E meto, mas alguns escapam, danados que tentam danar os outros, cães raivosos.

Reorganizo as forças militarizadas, a GNR - Guarda Nacional Republicana, a PSP - Polícia de Segurança Pública, e a Guarda Fiscal. E chamo ao meu gabinete, primeiro o Agostinho Lourenço, director da PVDE; mais tarde o Silva Pais, director da PIDE. Alerto:

- Mais vale um safanão a tempo do que deixar o Diabo à solta no meio do povo.”

Excerto da obra de Fernando Correia da Silva.  
*ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR. Político e estadista: 1889 – 1970*

De seguida, a estagiária aborda outros modos de controlo do povo, como a legião portuguesa, esclarecendo o tipo de organização e as suas funções. Prossegue com a leitura do hino da Legião, demonstrando o sentido obediência e fidelidade ao governo. Termina com a propagação do estado novo, nomeadamente na educação, referindo a mocidade portuguesa - reorganização da educação, no sentido de organizar civicamente as novas gerações sob os valores em que se alçava o regime na altura tendo como base a trilogia defendida por Salazar.

Como trabalho de casa, a estagiária pede que os alunos elaborem um cartaz A4 com propagação ao Estado Novo, com o intuito de verificar se estes são capazes de contemplar na sua propagação os valores do Estado Novo.

## **ANEXO VI – Estrutura das planificações 1º e 2º CEB**

(VER ANEXO ANTERIOR)

## **ANEXO VI – Reflexão sobre a planificação**

### **Reflexão 7ª semana**

O início de novembro foi uma semana de revisões e avaliações para os alunos do 3º ano, o que implicou um planeamento, preciso, da gestão do tempo dos conteúdos a abordar, de modo a que este se concretizasse realmente.

Durante a planificação dos conteúdos é importante estar presente uma série de factores e condicionantes, que nos permitem moldar a nossa acção de forma coerente com o contexto de trabalho em que nos inserimos. Este é pois, um processo, em que a estagiária se tem tornado cada vez mais consciente, sendo que as características de cada aluno, é um dos aspectos que considera, ter maior implicação tem no processo de planeamento, pois é o conhecimento que temos sobre cada aluno que nos possibilita a previsão de determinadas atitudes, reacções e até mesmo dificuldades.





## ANEXO VIII – Registo fotográfico (Parreira)

- Vindimas



Trabalho realizado com o par pedagógico. Parreira construída com cachos e folhas elaboradas pelos alunos.

## VISITA DE ESTUDO – Quinta da Eira



Os alunos colhem cachos de uvas para “vindimar”.



Os alunos aprendem o nome dos engenhos utilizados nas vindimas, e experimentam.



As estagiárias e professoras participam esmagando os cachos de uvas na prensa.



As estagiárias dançam com os alunos músicas tradicionais da colheita do vinho.



Momento de dança e diversão entre as estagiárias e os alunos.



Prova do sumo de uva feito pelos alunos.

## ANEXO IX – Desafios da matemática

A minha avó, como gosta muito de flores, ofereceu-me um saquinho com sete sementes, das quais três eram sementes de margaridas e quatro de violetas. Decidi semeá-las no quintal de minha casa. Quando começaram a crescer reparei que por cada pé de rosas, nasceram duas flores e por cada pé de margaridas nasceram 3 flores.

- Quantas violetas tinha no total? E margaridas?
- E o no total com quantas flores ficou o quintal?

Tenho de ir contar à minha avó!



A minha mãe pediu-me para ir às compras, entregando-me a seguinte lista:

- 1 pacote de arroz;
- 2 caixas de cereais;
- 4 pacotes de leite;
- Chocolate em pó;
- Uma alface.

Para comprar isto tudo, a minha mãe deu-me 7 moedas de 2€. O total das compras foi de 6€. Quanto sobrou de troco?



No sábado de manhã foste ajudar o teu avó a encher 7 cestos com 8 laranjas cada um, para distribuir pelos seus vizinhos. Mas como de todos vizinhos só estavam 4, sobraram alguns cestos. Quantas laranjas ficaram por distribuir?



Quando foste à Quinta da Eira, 7 dos alunos, durante o processo da vindima, apanharam um cacho com 10 uvas. Durante o caminho entre a videira e balde para as uvas, 3 dos alunos comeram metade das uvas que levavam. Com quantas uvas ficaram no total os 7 alunos?



Encontrei o meu irmão a arrumar o seu quarto. Reparei que tinha uma estante cheia de livros. O meu irmão ao reparar no meu ar de espanto a olhar para a estante, perguntou-me se era capaz de calcular o total de livros naquela estante. De seguida, acrescentou “São 7 prateleiras e cada prateleira tem 9 livros, quantos livros tenho?”

Consegues descobrir?



No outro dia decidiste entrar numa casa abandonada, para ver como era lá por dentro. Ao entrarem na casa reparaste que em 6 dos seus cantos tinha um gato, cada um com 6 filhotes. Nem querias acreditar...Tantos gatos! Sem perder tempo, foste a correr contar aos teus amigos a quantidades de gatos que aquela casa velha tinha.

Como conseguiste fazer um cálculo tão rápido?



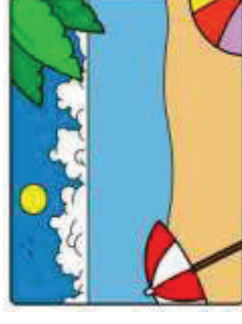
A tua irmã mais nova hoje faz 5 anos. Quiseste oferecer 7 pulseiras, cada uma com 3 cores, que não se repetiam em nenhuma outra pulseira. Quantas cores existiam no total?

Mas a tua irmã reparou que estavas enganado, havia 2 pulseiras iguais. Então quantas cores diferentes existem afinal?



A tua irmã mais velha, inscreveu-se para trabalhar na limpeza de praias durante uma semana, incluindo sábado e domingo. Em cada dia trabalhou 7 horas. Quantas horas fez a tua irmã ao final de uma semana?

No final da semana recebeu um *vale da Staples* de 10€ por cada dia de trabalho, Quantos € recebeu em veles da *Staples*?

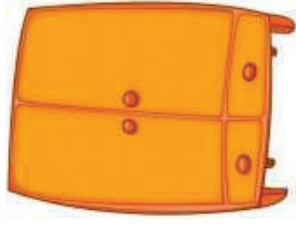


O quiosque à frente de tua casa recebeu 15 caixotes, dois quais 7 traziam cada um 6 jornais do *Correio da manhã*, outros 7 traziam 9 jornais do Público e 1 trazia apenas 7 jornais do *Expresso*.

Quantos jornais recebeu no total o quiosque?



Abriste o armário da tua casa de banho. O armário tinha 3 gavetas, cada uma com 7 toalhas. Sabendo que tu, os teus pais e as tuas duas irmãs vão de férias e que cada um precisa de três toalhas, calcula quantas toalhas ficaram guardadas? E quantas gavetas ficaram vazias?



No Verão os 7 anões da Branca de Neve foram à praia. 3 dos anões foram descalços, 3 foram calçados e 1 foi só com um sapato, porque se esqueceu do outro em casa. Quantos atacadores havia naquele grupo?



### MISTÉRIO!

Multiplíca o nº de alunos da tua turma por 9.

Faz a operação no teu caderno e escreve o resultado dessa operação por ordens.

### MISTÉRIO!

Desenha o comboio dos números no teu caderno e representa nele o teu ano de nascimento.

### MISTÉRIO!

Há um ditado que diz “ \_\_\_\_ que não sabe esta data não é português”. Pesquisa em que ano se assinou o tratado de Zamora, tratado que marcou o início do Reino de Portugal.  
Escreve no teu caderno a data do tratado por classes.

### MISTÉRIO!

Segundo Jornal Notícias o estádio do Dragão tem 53 399 lugares para os adeptos.  
Faz a decomposição do número de lugares do estádio, no teu caderno.

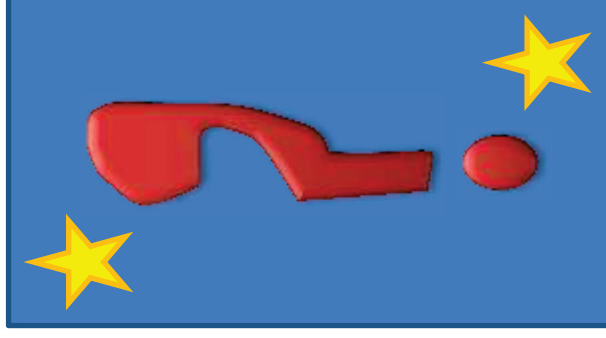
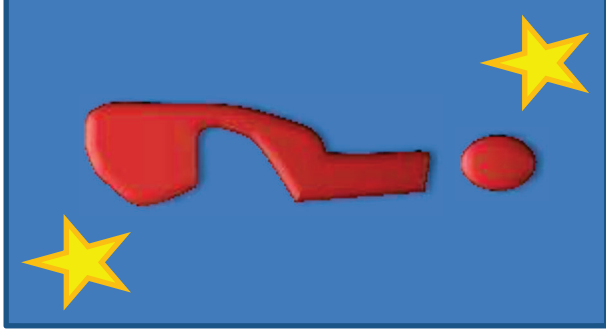
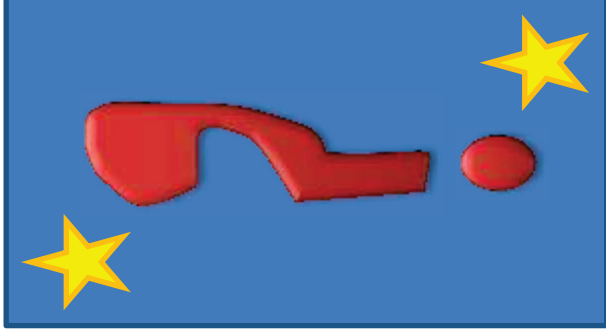
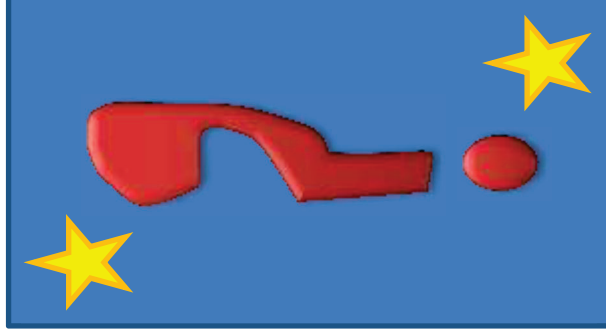
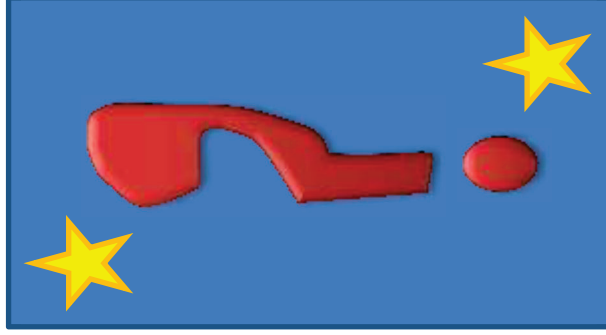
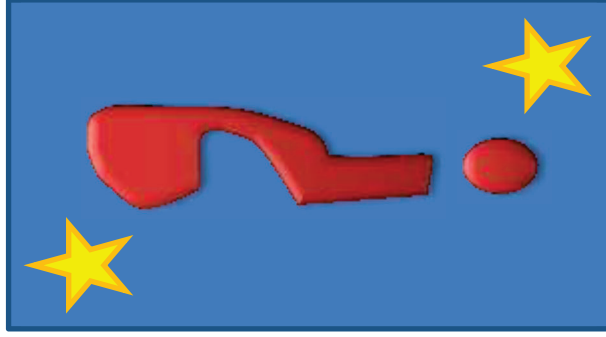
### MISTÉRIO!

Sabendo que a implantação da República em Portugal foi no ano de 1910, calcula quantos anos já passaram.  
Utiliza o algoritmo da adição para resolveres o problema.

### MISTÉRIO!

Quantos dias demora a Terra a dar a volta ao Sol?

Escreve no teu caderno esse número por extenso.



# ANEXO X – Diários de Bordo

## REGISTO CONTÍNUO – DESCONSTRUÇÃO DE RACIOCÍNIO

**Disciplina:** Matemática

**Dia:** 2 de Outubro, 2012

**Local:** Sala de Aula

No início da aula a Professora pergunta quem não fez os trabalhos de casa. Um dos alunos (constantemente chamado à atenção no dia anterior) disse que não os tinha feito. A professora aborrecida com a atitude do aluno, pergunta-lhe porque não os tinha feito. O aluno não respondeu, a professora impaciente disse: “não és responsável, então vais para os 3 anos” o aluno sai lentamente da sala. Minutos depois ele volta. A professora com um ar de espanto, questiona-o porque tinha voltado. O aluno imóvel. “Porque voltaste Gonçalo? Vais responder à minha pergunta?” Volta então a perguntar ao aluno porque não tinha feito os TPCs. O aluno responde “não sabia”, sendo que a professora lhe responde “não sabias?! Estavas desatento, como tem acontecido todos os dias. Tu não assumes as tuas responsabilidades, és um bebé! Posso não dizer nada, mas isso não significa que não veja o que acontece! Não vais ter uma professora que goste sempre de ti”. Assim pede ao aluno que recorde o essencial para se tornar no bom aluno. O aluno não responde e a professora pede que o resto da turma o lembre. Os alunos, um a um, vão dizendo aquilo que acreditam ser melhor para serem um bom aluno:

“Não mexer na secretária enquanto a professora está a falar”;

“Estudar”;

“Fazer os trabalhos de casa”;

“Estar atento”;

Entre outras intervenções.

Enquanto isto, uma aluna chega atrasada (2ª vez). A professora dá-lhe os bons dias, mas avisa-a que não pode tornar-se um hábito, chegar atrasada. Pergunta-lhe se fez os trabalhos de casa no estudo e esta responde que não os tinha terminado. A professora repete-lhe algum do seu discurso anterior, dizendo que só podem ser bons alunos e melhorarem se se esforçarem. Manda-a sentar e pede a toda a turma que tire os trabalhos de casa, para corrigirem em conjunto e tirar as dúvidas aos alunos.

Juntamente com eles, nós fazendo a correção no quadro. Resolvem contas com prioridade.

Ao terminar a correção, a professora pede para arrumarem o livro de matemática e retirarem a folha de bloco de matemática e actividades (uma das alunas recolhe). De seguida com um sorriso pergunta que se lembra do que foi falado no dia anterior. Gonçalo não responde, um aluno responde “algoritmos”, o resto da turma completa com algoritmos de adição”.



Hoje vamos falar de algoritmos de adição, mas com transporte:

1.º Ex:

$$\begin{array}{r|l}
 \text{d} & \text{u} \\
 \hline
 2 & 7 \\
 + 2 & 4 \\
 \hline
 5 & 1 \\
 \text{d} & \text{u} \\
 \text{1} & \text{1}
 \end{array}$$

2.º ex:

$$7456 + 985 = 84$$

um	c	d	u
7	4	5	6
+ 9	8	5	
8	4	4	1

um	c	d	u
1 4	1 4	1 1	

A professora tira dúvidas aos alunos. Ao terminar a explicação pergunta se o exercício ficou compreendido por todos. Houve uma aluna que tinha uma dúvida, a professora chamou-a ao quadro e foi lhe pedindo para resolver outro exercício e juntamente com a sua ajuda (explicações) a aluna resolveu o exercício.

Os alunos então aguardam, duas de cabeça para baixo, outros a remexerem-se constantemente na cadeira.

- Tiram os manuais de matemática

- Professora recorre ao M para exemplificar contas de adição por ordens. Chama dois alunos à frente para a ajudar a resolver a operação. A adição por composição.

$$153 + 71$$

$$\begin{array}{r}
 100 + 50 + 3 \\
 + \quad 70 + 1 \\
 \hline
 100 + 120 + 4
 \end{array}$$

$$100 + 100 + 20 + 4 = 200 + 20 + 4 = 200 + 24 = 224$$

## ANEXO XI – Reflexão sobre o contexto 2º CEB

A primeira semana de estágio foi um turbilhão de emoções. Esta foi apenas uma semana de visita à instituição, para conhecermos aqueles que seriam os nossos “colegas de trabalho” (Professores Cooperantes), os nossos alunos e ainda todos aqueles que ajudam no bom funcionamento do Externato (funcionários e auxiliares). Esta primeira reflexão incide sobre dois aspectos que consideramos importante mencionar: as infra-estruturas da escola, o acolhimento dos professores.

As infra-esturas do externato foram o nosso primeiro alvo de reflexão por criarem, em nós, uma primeira imagem menos positiva da escola. O espaço oferecido pelo externato impõe-se como pouco acolhedor e convidativo. Numa comparação pouco simpática, as suas infra estruturas assemelham-se às de uma prisão: pátio vedado por redes, com chão de cimento; vários portões pesados ao longo dos acessos para o pátio; parede de tijolos; salas de cores cinzentas e com as janelas estreitas no topo de um dos lados da parede; tetos altos e escadas estreitas e altas.

Como afirma a conceituada investigadora Chritine Escallier (2010: 2), embora se reconheça “o papel formador das interações humanas”, não devemos esquecer que “a escola – tanto em termos arquitectural como organizacional – é um actor essencial e fundamental na construção da identidade do aluno”. A escola deve assim, oferecer às crianças, um ambiente exterior à casa, onde estas possam explorar e aprender consoante os seus interesses, capacidades e tendências individuais. Isto é, a escola deve ser uma fonte de aprendizagem e de experiências para os alunos. Concordamos com Escallier (2010:4) quando esta afirma que se tem vindo a tornar cada vez mais evidente a existência de uma “relação entre arquitectura e bem-estar [...] e que os estabelecimentos devem ser pensados em termos de lugar de aprendizagens mas, igualmente, lugar de acolhimento”. Seguindo esta lógica de pensamento, tudo nos leva a crer que o espaço agora utilizado como escola, teve outrora um fim diferente, sendo provável que sua arquitectura tenha sido pensada para servir outros propósitos.

No que diz respeito ao acolhimento feito pelo grupo de professores, responsável pelas turmas do 6º ano, segundo ponto desta reflexão, foi bastante afável, tendo a preocupação, desde início, de nos fazer sentir como agentes educativos importantes da escola. Foram-nos explicadas as regras da “casa”, apresentadas as turmas com as quais iríamos estagiar e elucidadas algumas formas de lidar com alguns dos alunos, tidos como “casos mais complicados”. O professores responsáveis pelas disciplinas principais, apresentaram-nos as

suas planificações mensais e ainda os conteúdos a trabalhar no final do 2º Período e durante o 3º Período com os seus alunos. Tivemos ainda a oportunidade de assistir a aulas das quatro disciplinas – Matemática, Português, Ciências Naturais e História e Geografia de Portugal – onde pudemos registar algumas estratégias e métodos utilizados com os alunos. Quatro professores bem distintos na sua forma de estar, de ensinar e de ser darem aos alunos. Numa primeira impressão, parece-nos que todos os professores, com quem iremos trabalhar ao longo do período da prática pedagógica, aparentam ter expectativas elevadas relativamente ao desempenho das professoras estagiárias.

Para além de ficarmos a conhecer o grupo de professores, pudemos ainda fazer alguns apontamentos sobre a turma. Três alunos repetentes, dois que vieram de outra escola, três alunos com problemas de rins, bastantes casos de divórcios e um aluno sem mãe e outro sem pai. Existe ainda uma aluna ao abrigo do 3/2008. No geral os alunos parecem participativos, mas também muito faladores.

Esta será um estágio bastante desafiante, não só por aquilo que os Professores esperam de nós enquanto profissionais, como também pela a turma em si, que exige uma grande reflexão sobre o nosso plano de ação.

ESCALLEIR, C, 2010. *Arquitectura escolar e identidade: o espaço pedagógico como instrumento de aprendizagem*. Actas, Congresso internacional de La Habana, Cuba. 2010.

# ANEXO XII – Planificação de matemática 2º Ciclo

## Externato

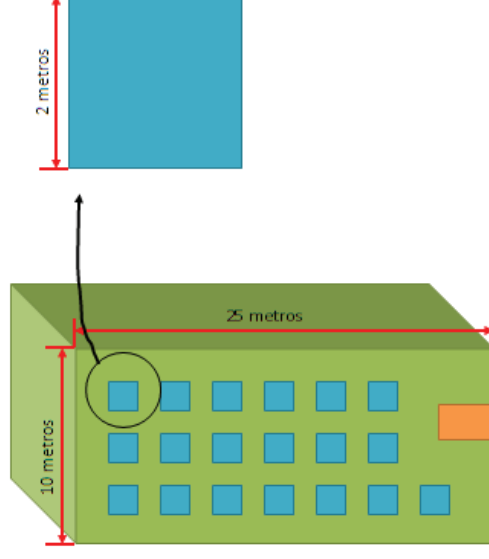
### Plano de aula

<b>Disciplina:</b> Matemática	<b>Ano / turma:</b> 6.ºB	<b>Ano letivo:</b> 2012 / 2013	<b>Data:</b> 27 de fevereiro de 2013
<b>Professor cooperante:</b> O	<b>Professora estagiária:</b> Ana Maria Gala		
<b>Aula n.º:</b>	<b>Sumário:</b>		
<b>Unidade didática:</b> Geometria	Revisão do estudo dos perímetros e áreas. Introdução ao estudo dos volumes.		

Conteúdos	Descritores de desempenho	Estratégias / Atividades	Objetivos	Recursos	Avaliação
<b>5. Volumes</b> Volumes do cubo, do paralelepípedo e do cilindro	Perímetros (revisão)  Áreas (revisão)  Resolver problemas que envolvam volumes de cubos e paralelepípedos.  Relacionar as unidades de volume com as de capacidade do SI	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Apresentação de alguns problemas sobre o seu prédio;</li> <li>▪ Revisão dos perímetros e áreas através da resolução dos problemas levantados;</li> <li>▪ Identificação de sólidos poliedros e não poliedros</li> <li>▪ Iniciação do estudo dos volumes através do sólido geométrico do prédio.</li> <li>▪ Introdução do estudo da unidade de volume (sistema métrico internacional).</li> <li>▪ Realização de exercícios do manual acerca do que foi estudado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Compreender e utilizar as fórmulas para calcular as áreas do quadrado, do retângulo, do triângulo e do círculo.</li> <li>▪ Determinar o perímetro de polígonos;</li> <li>▪ Descrever sólidos geométricos e identificar as suas características;</li> <li>▪ Compreender a noção de volume;</li> <li>▪ Resolver problemas que envolvam volumes de um paralelepípedo e de um cubo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manual;</li> <li>• Material de escrita;</li> <li>• Esquema “do prédio”;</li> <li>• Cola</li> </ul>	<b>Técnica</b> Observação direta <b>Modalidade</b> Formativa <b>Indicador</b> Participação e empenho nas atividades propostas.

## OPERACIONALIZAÇÃO

A estagiária inicia a aula com o registro da lição e do sumário. De seguida expõe um problema aos alunos, para que estes possam ajudar na resolução. Assim, confessa ter um problema com as janelas do seu prédio, explicando que estas estão mal vedadas e que tanto ela, como os vizinhos se queixaram ao senhorio para que este resolvesse o problema. A estagiária prossegue a explicação do problema, dizendo “pelos vistos o senhorio não sabe tanto de matemática como vocês sabem. Aparentemente fez mal os cálculos para saber quantos metros de esponja seriam necessários para vedar o total do número de janelas do prédio”. Posteriormente, entrega aos alunos o esquema do seu prédio para que estes o colem no caderno diário da disciplina. Enquanto isso, a estagiária desenha o esquema no caderno, para que todos possam decidir e efetuar os cálculos em conjunto.



Para que os alunos acompanhem o problema, a estagiária pede-lhes que passem, para o caderno diário da disciplina, as questões que irão ser colocadas à volta do problema. Assim, coloca a primeira questão “o que precisamos de calcular para concluir os metros de fita de esponja necessários para todas as janelas do prédio?”. Aqui pretende que os alunos respondam “perímetro” e que relembrem a definição de perímetro. Para que os alunos utilizem os termos corretos da linguagem matemática, a estagiária acompanha-os no raciocínio, relembrando conceitos como figuras e comprimento. No final da discussão da definição acerca de perímetro, a estagiária dita a definição de perímetro com uma linguagem matemática correta – é a medida de comprimento da linha que limita uma figura fechada. De seguida, pede que os alunos calculem o perímetro de cada janela.

Após o cálculo, a estagiária levanta outro problema “sabem, o senhorio há muito que também anda a prometer pintar a fachada do prédio, mas ainda não o fez. Como desculpa diz que tem que calcular a superfície a ser pintada e que é um cálculo muito complexo. Acho que o podemos ajudar”. Questiona os alunos acerca da(s) hipótese(s) de cálculos a efetuar para se concluir a quantidade da superfície a ser pintada. A estagiária, apoiando-se no esquema do quadro, pretende que os alunos cheguem à definição de área – medida de uma superfície. Pede-lhes que relembrem as fórmulas e façam as operações necessárias para chegar à resposta final. Todos os passos deverão ser discutidos e registados no caderno.

Feita a revisão de perímetros e áreas, a estagiária questiona os alunos sobre qual o sólido geométrico que se assemelha o prédio (paralelepípedo) - caso necessário faz a distinção entre figura e sólido geométrico. Pede então aos alunos que responderem, para irem ao quadro desenhar o sólido por si mencionado. De seguida, a estagiária faz uma divisão dos sólidos – poliedros e não poliedros – perguntando aos alunos a razão desta divisão, pedindo-lhes que identifiquem as características comuns de cada grupo. A estagiária desafia os alunos a calcular a medida que quantifica o espaço do prédio, o volume. No final das operações a estagiária introduz o sistema métrico da unidade de volume, aproveitando para explicar o motivo de ser metro cúbico. Para consolidação dos conceitos, a estagiária pede aos alunos que convertam alguns números em  $m^3$  em  $dm^3$ ,  $hm^3$  e  $mm^3$ .

Para concluir a aula, os alunos deverão realizar o exercício 1.1 da tarefa 1 (p. 56), a tarefa 3 (p. 57) e a tarefa 5 (p. 59), recorrendo aos conteúdos trabalhados em sala de aula.

# ANEXO XIII – Planificação de Português 2º Ciclo

## Externato

### Plano de aula

<b>Disciplina:</b> Português	<b>Ano / turma:</b> 6.ºB	<b>Ano letivo:</b> 2012 / 2013	<b>Data:</b> 28 de fevereiro de 2013
<b>Professor cooperante:</b> E	<b>Professora estagiária:</b> Ana Maria Gala		
<b>Aula n.º:</b> x	<b>Tempo:</b> 90 minutos		
<b>Unidade didática:</b> Histórias policiais e do futuro	<b>Sumário:</b> Leitura e interpretação do conto policial “Azar, pílulas e chá de hortelã”. Análise sintática: grupos constituintes e funções sintáticas da frase. Introdução de um texto paratitular, a Banda Desenhada. Exercício de Expressão Escrita.		

Conteúdos	Descritores de desempenho	Estratégias / Atividades	Recursos	Avaliação
<p><b>Compreensão / expressão do oral</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvinte</li> </ul> <p>Texto oral</p> <p><b>Conhecimento explícito da língua</b></p> <p>Funções sintáticas</p> <p><b>Leitura</b></p> <p>Reconto, síntese</p> <p><b>Escrita</b></p> <p>Enunciação e Enunciado</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Prestar atenção ao que ouve, de modo a tornar possível: – responder a perguntas acerca do que ouviu;</li> <li>▪ Produzir textos orais;</li> <li>▪ Distinguir as funções sintáticas de constituintes;</li> <li>▪ Ler em voz alta com fluência e expressividade para partilhar informações e conhecimentos;</li> <li>▪ Identificar elementos de uma narrativa;</li> <li>▪ Recontar e sintetizar textos;</li> <li>▪ Redigir com correção enunciados para responder a diferentes propostas de trabalho: - organizar as respostas de acordo com o foco da pergunta ou pedido;</li> </ul>	<p>Leitura do texto “Azar, pílulas e chá de hortelã;</p> <p>Questões orais de opinião acerca do conto policial;</p> <p>Resolução dos exercícios de interpretação do manual;</p> <p>Realização de um exercício de sintaxe;</p> <p>Identificação das características de uma narrativa;</p> <p>Leitura e Banda Desenhada “Pólicia Secreta”;</p> <p>Construção de uma tabela com os elementos da estrutura da Banda Desenhada;</p> <p>Exercício de Expressão Escrita.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manual;</li> <li>• Material de escrita;</li> </ul>	<p><b>Técnica</b></p> <p>Observação direta</p> <p><b>Modalidade</b></p> <p>Formativa</p> <p><b>Indicador</b></p> <p>Participação e empenho nas atividades propostas – questões e expressão escrita</p>

## OPERACIONALIZAÇÃO

A estagiária inicia a sua aula com o registo da lição e do sumário. Prossegue, solicitando a leitura silenciosa do conto policial “Azar, pílulas e chá de hortelã” (manual p. 135), escolhendo um aluno, entre os voluntários, para a leitura do texto em voz alta. Após a leitura do conto, a estagiária questiona os alunos acerca do vocabulário do texto, caso estes apresentem dúvidas, pede-lhes que consultem no dicionário a definição da palavra, cujo significado desconhecem. De seguida, coloca algumas questões referentes à ação do texto, de modo a que os alunos, através das respostas, identifiquem a trama da ação.

- Qual o crime cometido no centro comercial Jensen & Olquist?
- Quem são as personagens deste conto?
- O que consideraram mais atípico neste conto?
- O que mais vos despertou a atenção no texto?

Posteriormente às questões orais colocadas, a estagiária solicita a realização das perguntas de interpretação referentes ao conto (manual p. 137). Assim, sob orientação da estagiária, são discutidas oralmente, entre todos, as respostas a cada uma das questões. No final do debate gerado à volta de cada questão e com base nas intervenções dos alunos, a estagiária dita a resposta final, para que os alunos façam o registo no caderno diário da disciplina.

Após terem sido resolvidas as questões referidas anteriormente, a estagiária realiza com os alunos um exercício gramatical. Seleciona no texto a frase “O grande relógio central, por cima da entrada, indicava dezasseis horas e vinte minutos” (l. 20) e pede aos alunos que a transcrevam para o caderno para a realização da análise sintática da frase - grupos constituintes e funções sintáticas da mesma.

### **Grupos constituintes**

GN - O grande relógio central, por cima da entrada

GV - indicava dezasseis horas e vinte minutos

GP - por cima da entrada

Predicado – indicava dezasseis horas e vinte minutos

C.D. – dezasseis horas e vinte minutos

Modificador da frase - por cima da entrada

### **Funções sintáticas**

Sujeito - O grande relógio



Terminada a análise sintática da frase, a estagiária pergunta aos alunos o que os leva a concluir que a narrativa estudada é um conto policial. A estagiária deve completar, com as suas observações, as respostas dos alunos, para que estes compreendam a razão de ser um conto policial - apresentação de um crime, existe uma investigação e é revelado o criminoso. Posterior a esta análise, pede ainda que os alunos identifiquem algumas das características desse tipo de texto literário.

Numa fase seguinte da aula, será feita a leitura e análise de um outro tipo de texto, a Banda desenhada. Findada a leitura do texto, a estagiária trabalha com os alunos a estrutura da Banda Desenhada, sendo que estes deverão fazer o registo da seguinte tabela no caderno:

Banda Desenhada		Estrutura da BD		Tipos de Balões						Outros recursos								
A banda desenhada (BD) é uma narrativa contada por imagens, acompanhada por texto verbal.		Prancha		pagina de banda desenhada				Balão de fala	Balão de fala em voz alta	Balão de fala em voz baixa	Balão de pensamento	Balão exclamativo	Balão interrogativo	Balão musical				
		Vinheta		conjunto de vinhetas em linha horizontal				Balão de fala em voz baixa	Balão de pensamento	Balão exclamativo	Balão interrogativo	Balão musical						
		Tira		conjunto de vinhetas em linha horizontal				Balão de pensamento	Balão exclamativo	Balão interrogativo	Balão musical							
		Cartucho		texto inserido numa moldura que aparece entre as vinhetas e que ajuda a compreender a historia				Balão exclamativo	Balão interrogativo	Balão musical								
		Legenda		texto situado dentro da vinheta e contém as falas ou pensamentos adicionais de personagens														
		Balões		está dentro da vinheta e contém as falas ou pensamentos														
		Vinheta		conjunto de vinhetas em linha horizontal														
		Tira		conjunto de vinhetas em linha horizontal														
		Cartucho		texto inserido numa moldura que aparece entre as vinhetas e que ajuda a compreender a historia														
		Legenda		texto situado dentro da vinheta e contém as falas ou pensamentos														
		Balões		está dentro da vinheta e contém as falas ou pensamentos														
		Prancha		pagina de banda desenhada														
		Vinheta		conjunto de vinhetas em linha horizontal														
		Tira		conjunto de vinhetas em linha horizontal														
		Cartucho		texto inserido numa moldura que aparece entre as vinhetas e que ajuda a compreender a historia														
		Legenda		texto situado dentro da vinheta e contém as falas ou pensamentos														
		Balões		está dentro da vinheta e contém as falas ou pensamentos														
		Outros recursos																
		Corpos de letra																
		Metáforas visualizadas																
		Onomatopéias																
		Signos gráficos																
		Cores																

A estrutura da banda desenhada

Aproveitando a Banda Desenhada lida em sala de aula, os alunos deverão identificar alguns do elementos presentes na tabela. Para terminar a aula, a estagiária propõe um exercício de expressão escrita, a transformação da Banda Desenhada em texto narrativo. Antes dos alunos se iniciarem no exercício de expressão escrita, a estagiária relembra alguns elementos importantes referentes a cada momento (introdução, desenvolvimento e conclusão) do texto. A tarefa proposta é feita em conjunto por toda a turma, em que cada momento da narrativa é, primeiramente, discutido oralmente de depois registrado.

## ANEXO XIV – Tecnologia na planificação 1º Ciclo

**Registo contínuo da aula de Português**

**Observador:** Professora Estagiária

**Local:** Local de Estágio

**Situação:** Aula de Português

A estagiária inicia a aula com a seguinte pergunta: “o que é uma lenda?”. A estagiária parte das participações dos alunos para falar acerca das características de uma lenda.

De seguida, pede aos alunos que abram o manual de Língua Portuguesa, para que façam a leitura silenciosa do texto da página 28, “A Lenda das Sete Cidades”. Antes de se iniciar a leitura em voz alta, a estagiária deve lembrar que quer uma leitura entoada, expressiva e pausada.

Assim, é feita a leitura em voz alta, sendo que a cada aluno cabe ler dois parágrafos. Durante o decorrer da leitura a estagiária deve fazer as observações necessárias, para que o aluno melhore o seu modo de ler.

Posteriormente, a estagiária irá passar para a interpretação do texto, fazendo as seguintes perguntas:

“A que terra se refere esta lenda?”

“E a que acontecimento se refere a lenda”

“Como era a Terra da Atlântida”

“ Como eram os habitantes da Atlântida?”

Durante este momento, a estagiária deve ter o cuidado de esclarecer o vocabulário novo.

Pegando, no facto da lenda se referir à formação de uma das ilhas dos Açores, São Miguel, a estagiária recorre ao *Google earth* para mostrar a localização geográfica do Arquipélago dos Açores e ainda para algumas fotografias da ilha de São Miguel.

Aproveitando uma fotografia das lagoas azul e verde da ilha de São Miguel, a estagiária parte para uma outra lenda. Apresenta aos alunos um pergaminho, afirmando que é uma relíquia da ilha que lhe foram emprestada, cujo seu conteúdo diz respeito à origem das lagoas. Antes de iniciar a leitura da lenda, pede aos alunos que cruzem os braços e penteiem o cabelo para trás das orelhas, para estarem com toda atenção.

# ANEXO XV – Matemática e Tecnologias 2º Ciclo

## Externato

### Plano de aula

<b>Disciplina:</b> Matemática	<b>Ano / turma:</b> 6.ºB	<b>Ano letivo:</b> 2012 / 2013	<b>Data:</b> 28 de maio de 2013
<b>Professor cooperante:</b> O	<b>Professora estagiária:</b> Ana Maria Gala		
<b>Aula n.º:</b>	<b>Sumário:</b>		
<b>Unidade didática:</b> Números Inteiros	Síntese da matéria anterior, através da resolução de exercícios. Adição de números inteiros. Dominó da adição dos números inteiros. Realização de exercícios.		

Conteúdos	Descritores de desempenho	Estratégias / Atividades	Recursos	Avaliação
<b>Adição e Subtração de números inteiros</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Localizar e posicionar números inteiros positivos e negativos na reta numérica;</li> <li>Compreender as noções de valor absoluto e de simétrico de um número;</li> <li>Comparar e ordenar números inteiros;</li> <li>Adicionar números inteiros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Motivação, desafio do termómetro e da meteorologia como revisão e síntese do estudado anteriormente;</li> <li>Realização dos desafios propostos pela professora estagiária;</li> <li>Discussão e exploração da página 129 do manual;</li> <li>Resolução do desafio da página 129;</li> <li>Jogo do dominó;</li> <li>Realização dos exercícios (3 ao 6) da página 130</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Manual – parte 2;</li> <li>Material de escrita;</li> <li>Caderno diário;</li> <li>Réguas de cálculo (materiais descartáveis)</li> </ul>	<p><b>Técnica</b> Observação direta</p> <p><b>Modalidade</b> Formativa</p> <p><b>Indicador</b> Participação e empenho nas atividades propostas: - Resposta aos exercícios propostos</p>

## OPERACIONALIZAÇÃO

A estagiária inicia a aula com o registo da lição e do sumário. Prossegue, questionando os alunos sobre a aula da professora Liliana, como forma de revisão dos conteúdos estudados. Para consolidação da matéria propõe a realização dos seguintes exercícios:

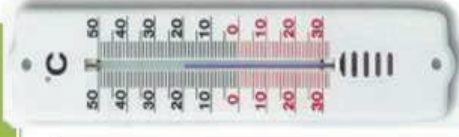
**Números Inteiros**  
**Resolve**

1. Observa o termómetro ao lado. Converte para o teu caderno a escala do termómetro em recta numérica.

1.1. Qual a temperatura mais alta que se pode registar no termómetro? E a mais baixa?

1.2. Qual o valor absoluto dos resultados da alínea anterior?

1.3. Qual o simétrico das temperaturas máxima e mínima?



Após os exercícios e a correção dos mesmos, a professora estagiária pede aos alunos que elaborem no caderno a seguinte tabela. Dado algum tempo para esta tarefa, a professora estagiária faz a ligação com o **Instituto Meteorológico Português**, para os alunos poderem preencher a tabela. Assim, vai chamando um aluno de cada vez para identificar as temperaturas mínimas exigidas no exercício. Preenchida a tabela, é pedido aos alunos que representem os resultados numa reta numérica. No final, a professora estagiária pede a um dos alunos para fazer a representação da mesma no quadro.

Posteriormente a professora estagiária faz a seguinte pergunta “imaginem agora que na Alemanha estavam - 5 °C, mas entretanto foi prevista uma melhoria da temperatura, sendo que iria aumentar 13 °C. Qual a temperatura prevista”. Posta esta questão, desafia um dos alunos a explicar à turma qual a conclusão que chegou e como tinha chegado a essa conclusão, pedindo ao aluno para representar a

operação que efectuou. Através da recta numérica a professora estagiária representa o cálculo que foi necessário para se chegar à temperatura prevista, na senda de os alunos compreenderem melhor o problema posto.

Para trabalhar mais problemas deste tipo, a professora estagiária pede aos alunos que abram o manual na página 129. Explora com os alunos, os vários exemplos dados no manual, clarificando eventuais dúvidas. No final da leitura da página, pede que os alunos resolvam o desafio proposto. Corrigido o desafio, a professora estagiária faz quatro grupos de quatro e entrega a cada um dominó com adição de números inteiros. Serão atribuídos 20 minutos para os alunos jogarem, sendo que findado esse tempo, os alunos deverão retomar os seus lugares e resolver os exercícios (do 3 ao 6) da página 130. A medida

Países	Temp. Mínima
Canadá	
Brasil	
Portugal	
Noruega	
Suécia	
Nigéria	
Rússia	
Mongólia	
Índia	
Japão	

que forem terminando os exercícios, a professora estagiária escolhe um aluno de cada vez para ir ao quadro resolver o exercício em questão. Caso os alunos não concluem os exercícios, estes ficarão como trabalho de casa.

<b>-5</b>	<b>-18</b>	<b>-5</b>	<b>+15</b>	<b>+3</b>	<b>0</b>	<b>4</b>
$(-8) + (-10)$	$(-30) + (+25)$	$(-5) + (+20)$	$(-10) - (-5)$	$(-80) + (+80)$	$(-7) - (-10)$	$(-50) + (-30)$
<b>-80</b>	<b>-1</b>	<b>-35</b>	<b>+12</b>	<b>-20</b>	<b>-11</b>	<b>-5</b>
$(+1) - (-3)$	$(-5) + (-30)$	$(+3) + (-4)$	$(+30) + (-50)$	$(+5) \cdot (-7)$	$(-2) - (+3)$	$(-1) - (-12)$

<b>-17</b>	<b>0</b>	<b>-7</b>	<b>+5</b>	<b>-20</b>	<b>-3</b>	<b>-12</b>
$(-5) - (-5)$	$(-5) - (-12)$	$(+3) - (-2)$	$0 - (+7)$	$(+4) - (+7)$	$0 - (-20)$	$(-9) - (-1)$
<b>-8</b>	<b>-11</b>	<b>-8</b>	<b>0</b>	<b>-2</b>	<b>-22</b>	<b>-5</b>
$(-6) - (-18)$	$(-7) - (+1)$	$(-15) - (-4)$	$(+4) + (-6)$	$(-5) - (+5)$	$(-2) - (-3)$	$(-15) + (-7)$

## ANEXO XVI – Lenda das Sete Cidades

A Lendas das Sete Cidades

Uma lenda muito simples, mas cheia de  
precisão. fala nos do antigo Reino das Sete Cidades,  
cujo Rei possuía uma filha muito linda. Essa  
princesa amava a vida campestre, motivo por que  
andava muito pelos campos, contemplando montes  
e vales, aldeias e costumes. Um belo dia encontrou  
um bom pastor. Concorreu demoradamente com ele  
e de lá tornou namorado. Passaram, por esse motivo,  
a montar-se todos os dias, fazendo amor e afecção  
muita. Mas a Princesa tinha o destino marcado  
porque um Príncipe, herdeiro de outro reino, pretendia  
a sua mão. Já via, pois, que suspender o desposório  
com o pastor. Assim, foi a Princesa proibida de se  
encontrar com ele, embora lhe consentissem uma despedida.  
Mas ao encontrarem-se pela última vez, choraram ambos,  
tanto, tanto, que os seus pés se formaram duas lagoas: uma  
azul, feita das lágrimas deixadas do olho esquerdo da  
linda Princesinha; outra, verde, devido às lágrimas caídas  
do olho direito do jovem pastor. Os dois namorados repararam  
se não todo o tempo, mas as lagoas feitas das lágrimas  
de ambos, essas jamais se repararam.

Manuscrito utilizado para a narrativa "A Lenda das Sete Cidades"



Manuscrito utilizado para a narrativa “A Lenda das Sete Cidades”



## Experiência do Vulcão

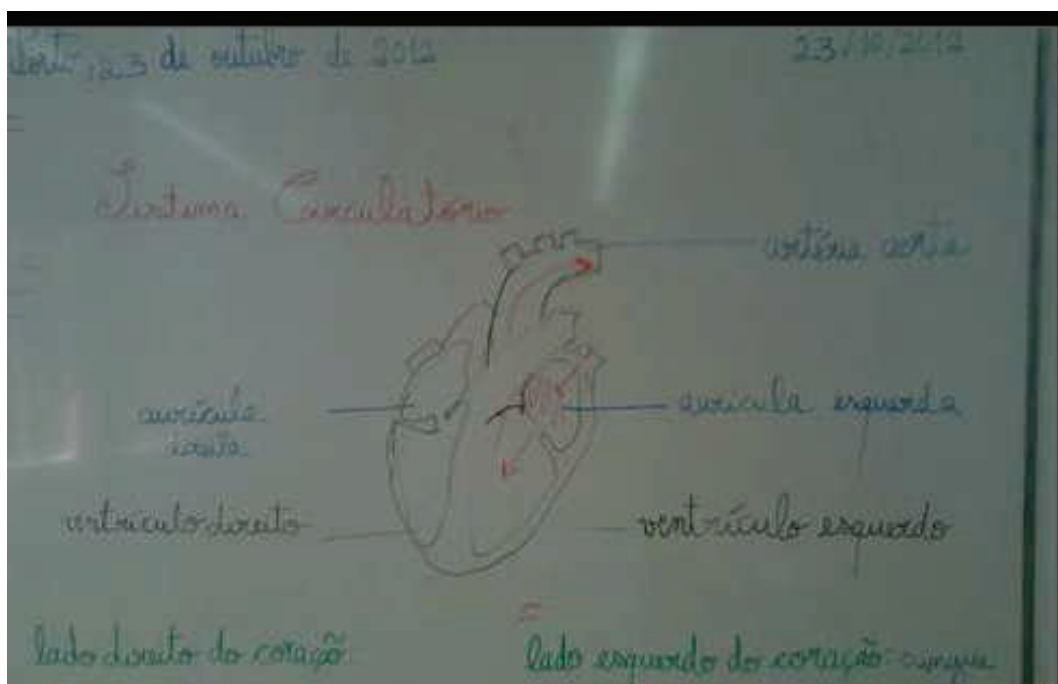


A aluno ajuda na montagem e na realização da experiência. Uma vez que este recurso didático pertence à aluna, ficou ela a responsável pela a demonstração à turma.

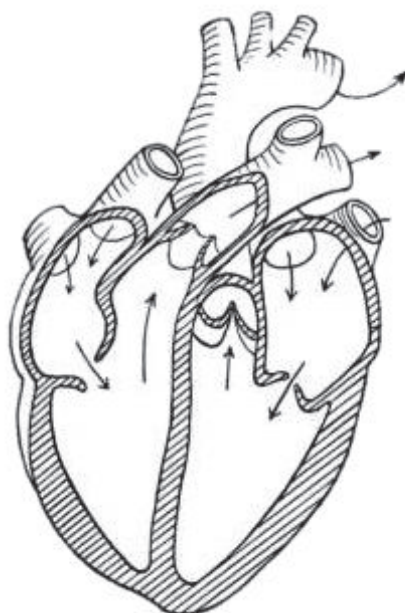


## ANEXO XVII – Esquemas e mapas conceptuais

### 1.º CEB – Aula de Estudo do Meio *Sistema Circulatório*

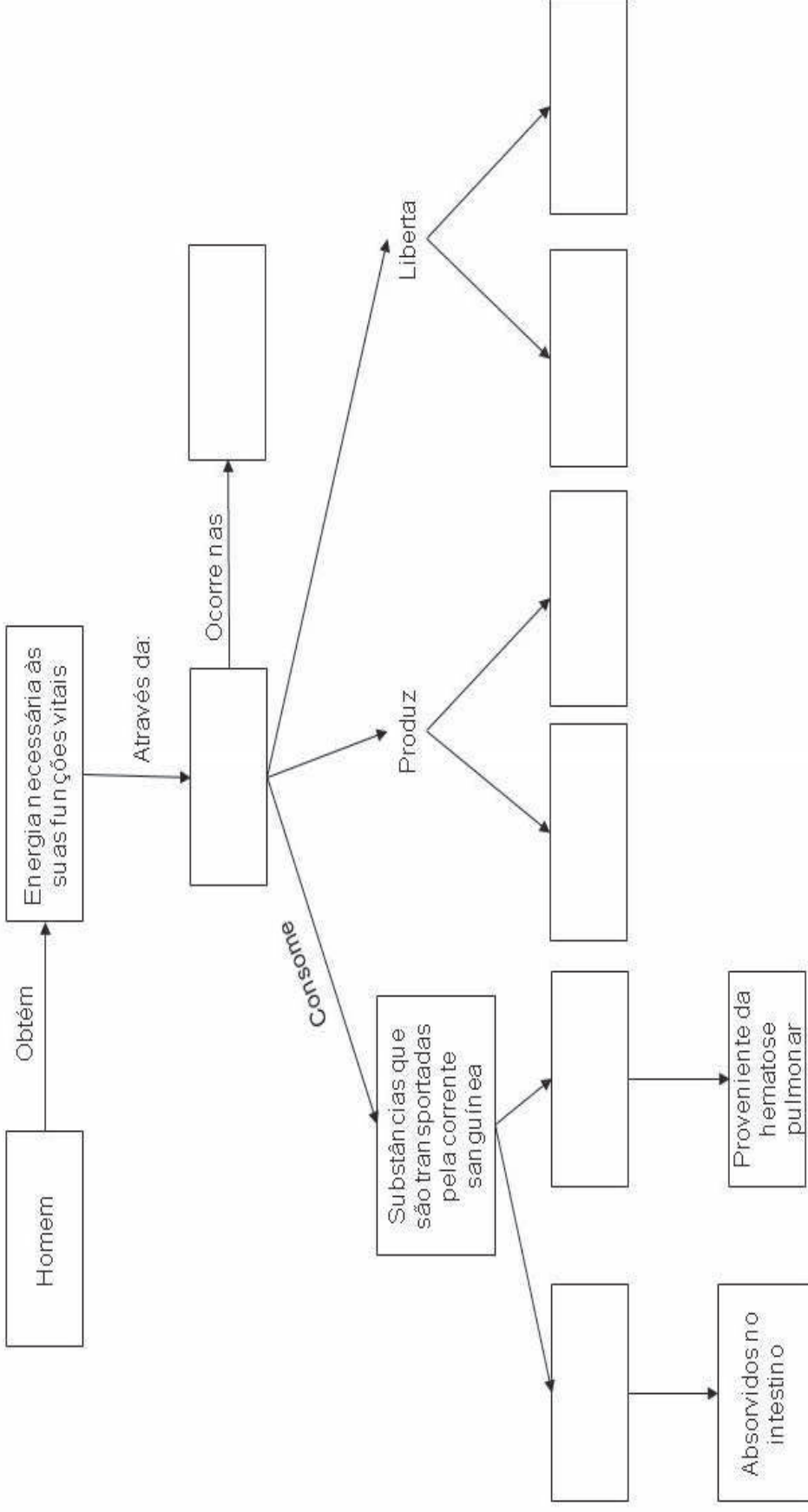


Esquema elaborado pelos alunos e pela professora estagiária

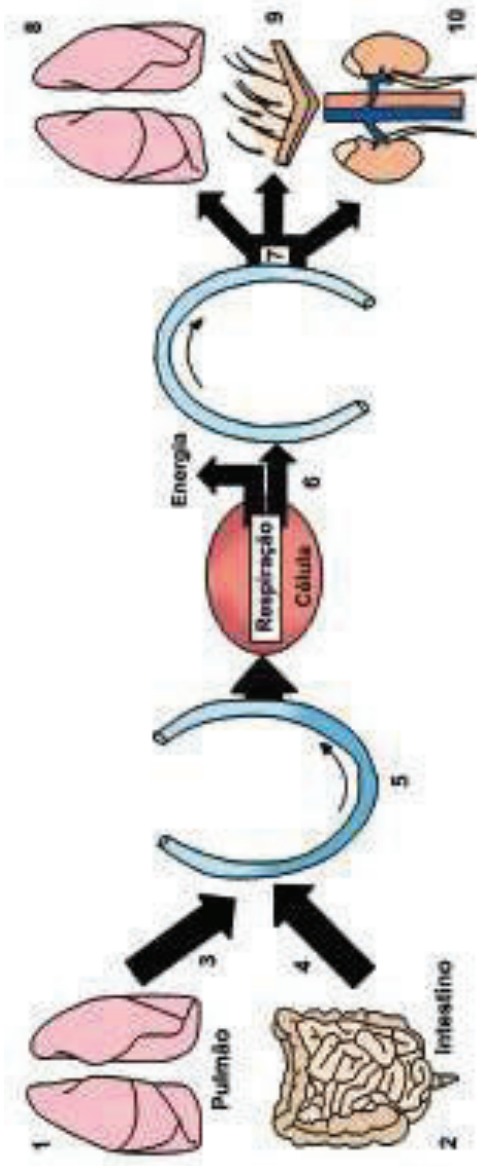


Cada aluno recebeu uma imagem de um coração, para ir legendando, juntamente com a professora estagiária, durante a abordagem do sistema circulatório.

# Mapa de conceitos do sistema celular . 2.º Ciclo, Ciências da Natureza



## Esquema do sistema celular



- Sistema digestivo
- Nutrientes
- Oxigênio
- Sistema digestivo
- Sistema respiratório

- Vapor de água e  $\text{CO}_2$
- Função excretora
- Suor
- Urina
- Produtos de excreção

## 1º CICLO

3º ANO

## Estudo do Meio

Dia 15 de janeiro, de 2011

Centro de Estágio: Colégio

Professora Cooperante: A

Professora estagiária: Ana Maria Gala

### Organização do tempo:

- Segunda metade do segundo bloco da manhã e último bloco do dia (2h45).

### Domínio:

Descoberta do ambiente Natural

### Objetivos/Conteúdos:

- Os seres vivos

### Descritores de Desempenho

- Comparar e classificar plantas segundo alguns critérios, tais como: cor da flor, forma da folha, folha caduca ou persistente, forma da raiz, plantas comestíveis e não comestíveis... (constituição de um herbário).
- Realizar experiências e observar formas de reprodução das plantas (germinação das sementes, reprodução por estaca...).
- Identificar alguns factores do ambiente que condicionam a vida das plantas e dos animais (água, ar, luz, temperatura, solo) — realizar experiências.

### Descrição da Actividade/Estratégias:

A estagiária inicia a sua aula com revisões acerca das plantas. Como tal, faz algumas questões aos alunos, de modo a perceber se estes acompanharam e estudaram a matéria abordada na semana seguinte. No final das perguntas levantadas aos alunos, a estagiária pede que os estes abram o seu caderno diário de estudo do meio, para ser feita a correção dos trabalhos de casa. Cada aluno deverá então explicar que tipo de planta apanhou no caminho e referir as suas características.

Após todos terem apresentado aquilo que recolheram, a estagiária fará passar um filme como revisão das plantas, para fechar e consolidar esse capítulo: [http://brjp.escolavirtual.pt/page.php/resources/view\\_all?id=mc3\\_cm00035&from=search](http://brjp.escolavirtual.pt/page.php/resources/view_all?id=mc3_cm00035&from=search).

No final do filme estagiária pede aos alunos que retirem a meia (que tinha de trazer como trabalho de casa) para fora, bem como os vasos. Explica aos alunos que eles iniciarão uma nova experiência. Cada um vai ter direito a criar uma planta, mas para isso é necessário que eles saibam os cuidados a ter para que uma planta cresça saudável e que acima de tudo cresça. Fazem uma última revisão do que é necessário.

A estagiária entrega um fio e umas sementes de alpista. Passando na mesa de cada, pede que os alunos coloquem as sementes de alpista na meia e pede que com a pá retirem um de pouco de turfa para encher a meia. No final, cada um deve identificar os seus vasos e deixar em cima da bancada. Estes serão os Zezês cabeludos, que ficaram ao cuidado de cada aluno, sendo que se as suas necessidades não forem atendidas, o cabelo (planta) do Zezé não crescerá. (Caso sobre tempo no final da aula cada um pode personalizar uma cara no Zezé cabeludo). Para que fique registado as várias fases de crescimento do cabelo do Zezé, os alunos irão receber uma espécie de calendário para as observações.

De seguida, pede que os alunos lhe falem da pesquisa que fizeram acerca dos animais em vias de extinção. Este será o modo de iniciar o tema dos animais, explicando que tanto os animais como as plantas são seres vivos, passando todos pelo mesmo ciclo da vida: nascerem, crescerem, alimentarem-se, reproduzirem-se e morrerem. Contudo, os animais e as plantas diferem em muitas características, evidenciando com os alunos as diferenças que existem em ambas as espécies.

Deste modo, pede para os alunos abrirem o manual na página 76, pedindo a um deles para ler o parágrafo referente aos animais. Continuam para o primeiro exercício da página, os alunos têm de classificar os grupos de animais identificados. A estagiária entrega aos alunos uma ficha, pedindo-lhes que a preencham durante a aula com as informações que vão discutindo e abordando. Durante a aula serão abordados outros dois conceitos novos: vertebrados e invertebrados. A estagiária explica estes dois conceitos, enunciando tipos de animais dentro desta categoria.

**Avaliação:**

- Formativa

**Técnica:**

- Observação direta

**Instrumentos:**

- Ficha dos animais;

**Indicador:**

- Participação

**Recursos Materiais:**

- Quadro interativo;
- Manual;
- Caderno diário;
- Material de escrita;
- Meias;
- Vasos

# Tabela de Registos – Zezé Cabeludo

<b>ZEZÉ CABELUDO</b>	
<b>Mês:</b>	
<p><b>1ª Semana</b> Desenho:</p> <p>Descrição: _____</p> <hr/> <hr/> <hr/>	<p><b>2ª Semana</b> Desenho:</p> <p>Descrição: _____</p> <hr/> <hr/> <hr/>
<p><b>3ª Semana</b> Desenho:</p> <p>Descrição: _____</p> <hr/> <hr/> <hr/>	<p><b>4ª Semana</b> Desenho:</p> <p>Descrição: _____</p> <hr/> <hr/> <hr/>
<p><b>5ª Semana</b> Desenho:</p> <p>Descrição: _____</p> <hr/> <hr/> <hr/>	



**ZEZÉ CABELUDO “germinado” pelos alunos<sup>5</sup>**



---

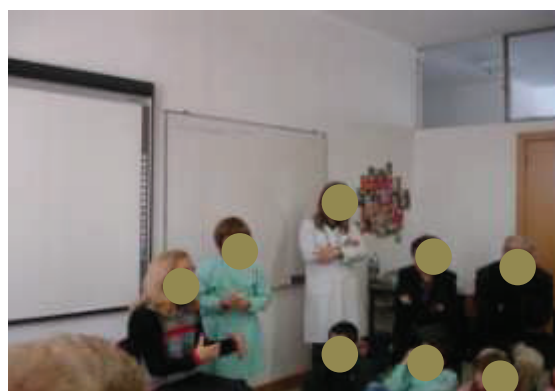
<sup>5</sup> Ver descrição da atividade na planificação

## ANEXO XIX – Registo fotográfico do Lanche dos Avós

Dinâmica realizada no Lanche dos Avós, em que os netos lançaram o repto aos seus avós de partilharem as brincadeiras e jogos que faziam na sua infância. Momento de convívio.



Os avós dos alunos foram desafiados a responder a pelo menos uma pergunta sobre a sua infância.



Partilha de um momento de infância de uma avó.



Partilha feita por um avô.



Aluna lê a pergunta à avó



Avô partilha uma das suas “traquinices” de infância.



“No meu tempo, aproveitávamos os intervalos para...”



Uma avó no final da sua partilha oferece à sua neta, por esta fazer anos, um bolo de aniversário.



Curiosos, os alunos questionam o passado.



Lanche partilhado entre avós, alunos e professoras.



Momento de convívio entre gerações.

No final do lanche, os alunos tiveram oportunidade de mostrar alguns dos seus trabalhos feitos ao longo do ano.

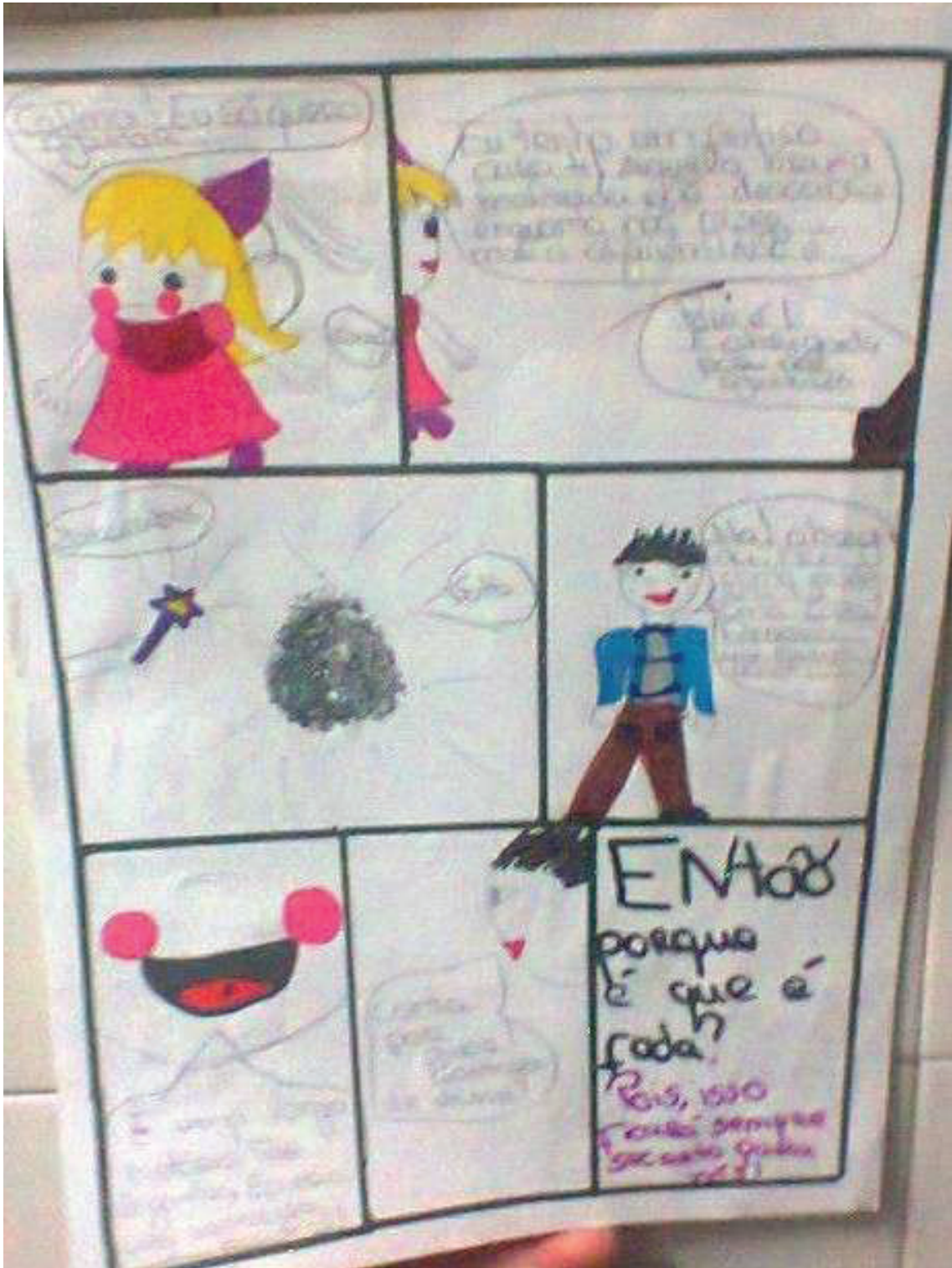
**NOTA:** Na sala estavam expostas as árvores genealógicas dos alunos, poemas do tempo dos avós e fotografias de alguns objetos antigos confrontados com os dos tempos atuais – pesquisa e recolha feita pelos alunos sob orientação da professora estagiária.

## ANEXO XX – Planificação e Registo fotográfico BD



Banda desenhada realizada com recurso às técnicas ensinadas sobre este estilo literário. Aluno faz uso dos vários tipos de balões de fala.





Tira de BD realizada por aluna. A aluna faz uso de várias perspectivas para representar a acção.

# LANCHE COM OS AVÓS

## PROGRAMA

9h

- Boas vindas
- Aluno apresenta familiar:
  - Nome;
  - Grau parentesco;
  - Profissão que exerce ou exercida;

9h30

- Dinâmica:
  - Aluno retira o papel;
  - Familiar representa/apresenta o indicado no papel;

10h

- Lanche e convívio

### Disposição da sala:

- Secretárias arrumadas de lado (junto aos cabides e às janelas);
- Cadeiras em frente das secretárias e almofadas no chão;
- Cadeira\* da professora à frente para altura da dinâmica;
- Árvores genealógicas expostas na bancada;
- Móbil de poemas pendurado à frente;
- Caixote das imagens exposto junto à secretária da professora.

\*Com um pano cor grená por cima e uma placa que diz “cadeira da sabedoria”

# ANEXO XXI – A arte e os Direitos Humanos

## 1º CICLO

3º ANO

## Estudo do Meio

### Conhecimento do meio Natural e Social

Dia 19 de Novembro, de 2011

Centro de Estágio: Colégio

Professora Cooperante: A

Professora estagiária: Ana Maria Gala

#### Organização do tempo:

- Os primeiros três blocos de 45min da manhã (2h)

#### Domínio:

Viver melhor na Terra;

#### Objetivos/Conteúdos:

- ✓ Compreender o conceito “direito” e explicar em que contexto surgiu;
- ✓ Reconhecer a necessidade de direitos.
- ✓ Identificar os direitos da criança.

#### Descritores de Desempenho

- Inter-relacionar aspetos da vida em sociedade;
- Reconhecer regras de convivência social e de respeito pelos outros;
- Utilizar, de forma integrada e transversal, conceitos essenciais para a compreensão dos conteúdos explorados: direito, discriminação, normas de convivência social, igualdade;
- Explicar o que é a ONU e a razão do seu aparecimento;
- Identificar, através da dramatização de situações, os Direitos da Criança;
- Expressar a sua opinião, sob forma de texto, acerca do valor da família.



### Descrição da Actividade/Estratégias:

- A estagiária inicia a sua aula com a seguinte pergunta “quem me sabe descrever o que é um direito?”. Após algumas intervenções, a estagiária deverá explicar, que o termo *direito* é um termo que se utiliza para expressar “aquilo a que nos é justo”. Deverá acrescentar ainda, que o direito está associado à necessidade de justiça e igualdade que o homem desde sempre teve.
- Posteriormente faz uma breve introdução aos direitos do homem, partindo daí para os direitos da criança. Introduce parte da história da ONU (Organização das Nações Unidas), para contextualizar a institucionalização dos direitos da Criança. Como tal, será apresentado aos alunos um filme com os 10 direitos da criança, entregando-lhes os direitos em papel, para serem colados no caderno de Estudo do Meio.
- De seguida, serão discutidos os direitos das crianças, nomeadamente aquele que envolve a família. A estagiária pede que cada aluno escreva no caderno de Estudo do Meio uma frase com aquilo que eles consideram essencial numa família. À medida que os alunos forem concluindo as suas frases, a estagiária deverá corrigir o trabalho e entregar uma etiqueta, para a qual os alunos deverão transcrever a sua frase.
- Quando todos terminarem de fazer a sua etiqueta, a estagiária mostrará a manta dos “segredos para a família”, a qual terá um bolso para cada etiqueta dos seus alunos.
- A estagiária deverá mandar o chefe do dia recolher as etiquetas, para que este as ponha dentro de cada bolso.
- No final desta atividade a estagiária irá dividir os alunos em 5 grupos, para que cada um faça a representação do direito que lhe couber dramatizar. Como tal, para esta atividade a estagiária distribuirá acessórios e personagens para cada aluno. Será tirada uma fotografia a cada grupo, para serem expostas na exposição dos direitos para os pais.
- A aula terminará com a estagiária a ditar o trabalho de casa. Deste modo, deverá pedir que os alunos retirem o caderno diário de Estudo do Meio e que passem o seguinte: “Pede ajuda aos teus pais e investiga em que país(es) alguns dos direitos da crianças não são respeitados. Traz um exemplo”.

### Avaliação:

- Formativa

### Técnica:

- Observação direta

### Instrumentos:

- Etiqueta;
- Fotografia;
- 
- 
- Indicadores:
- Nível de Participação

### Recursos Materiais:

- Computador;
- Quadro interativo;
- Filme dos direitos da Criança;
- Caderno diário;
- Material de escrita;
- Acessórios (túnica, batom, óculos, gravata, bata, estetoscópio, bola, pulseiras, colares, cachecol, bandeira de Portugal, cartões)
- Etiquetas.

Fotografias para a exposição dos  
**DIREITOS UNIVERSAIS DA CRIANÇA**



**Todas as crianças são iguais e têm os mesmos direitos, não importa sua cor, raça, sexo, religião, origem social ou nacionalidade.**



**Todas as crianças têm direito a alimentação e ao atendimento médico, antes e depois do seu nascimento. Esse direito também se aplica à sua mãe.**



**As crianças portadoras de dificuldades especiais, físicas ou mentais, têm o direito a educação e cuidados especiais.**



**Todas as crianças têm direito de ter um nome e uma nacionalidade.**



**Todas as crianças têm o direito de crescer em ambiente de solidariedade, compreensão, amizade e justiça entre os povos.**

# ANEXO XXII e XIII

## Arte na Prática Educativa

Atividade do Dia Aberto do Externato

Cluedo Humano organizado pelas professoras estagiárias.

### CLUEDO HUMANO

### PERSONAGENS E DESAFIOS

#### Curandeiro (biblioteca)

Velho sábio e feiticeiro da tribo, muito respeitado e procurado por todos. Conselheiro leal do Chefe Tribal. Revela uma capacidade sobrenatural no que diz respeito à criação de poções. Criador da poção roubada, uma poção rara, cobiçada por todos. Esta, porém foi criada para o Chefe Tribal, para o prolongamento da sua vida na Terra.

**Desafios:** Caixinhas com desafios sobre os minerais.

**Caixa 1 – Que mineral encontras com uma forma semelhante a um Cubo e que seja proveniente de Espanha?** Cristal de Pirite.

**Caixa 2 – Qual a raça de cão que encontras nos minerais?** Dálmata.

**Caixa 3 – Diz o nome de dois minerais que vêm do nosso país?** Pisanite (Alentejo) e Moscovite (Gerês).

**Caixa 4 – Qual o fóssil mais antigo que encontras aqui?** Atrypa Reticularis

**Caixa 5 – Diz o nome dos minerais fluorescentes.** Enxofre.

#### RESPOSTAS Curandeiro

- Onde esteve ontem à noite?

Estive na festa

- **Quem eram os inimigos do Chefe Tribal?**

O pintor rupestre, penso que não gostava de muito dele...

- **Quando viu pela última vez a poção? E onde?**

A última vez que a vi foi na minha tenda, antes de a poder dar ao nosso Chefe

- **Faz ideia do porquê da poção ter sido roubada?**

Oh... Não sei que o vai na cabeça desta gente, mas possivelmente foi para ajudar o idoso

- **Ontem esteve na festa tribal?**

Sim, Claro. Estou em todos os eventos da nossa tribo.

- **Tem algum problema com Chefe Tribal?**

Não, de forma alguma.

- **Viu alguém a sair mais cedo da festa tribal?**

Entre muita gente, o pastor acho que foi o que saiu mais cedo.

- **Onde escondia a poção?**

Se fosse eu, talvez a escondesse junto do material do caçador.

- **Qual era a sua relação com o Chefe Tribal?**

Somos bons e leais amigos.

- **O Chefe Tribal teve alguma discussão durante a festa?**

Sim, eu vi-o a discutir com o pastor.

- **Viu alguém estranho a entrar na tenda do Chefe Tribal ontem?**

Ontem não vi nada. Apenas no outro dia vi o pintor.

### **Caçador (Hall de entrada)**

Homem forte e corajoso, que tinha a missão de arranjar mantimentos para a sua tribo. Um dia quando foi caçar, fez um ferimento grave no peito. Lembrou-se de falar com o curandeiro para o ajudar na sua recuperação, talvez este lhe pudesse ceder a sua poção de rejuvenescimento, afinal o caçador é um elemento fundamental na tribo.

## **Desafios: Cartões matemática desafios**

### **Caçador Respostas**

**- Onde esteve ontem à noite?**

Na festa, tal como todos

**- Quem eram os inimigos do Chefe Tribal?**

O marido da bailarina não simpatizava muito com o Chefe.

**- Quando viu pela última vez a poção? E onde?**

Eu nunca a vi! Aliás, até pensava que só o curandeiro é que a tinha.

**- Faz ideia do porquê da poção ter sido roubada?**

Não, eu nem sabia do roubo.

**- Ontem esteve na festa tribal?**

Sim.

**- Tem algum problema com Chefe Tribal?**

Não, nenhum. Até gosto muito dele.

**- Viu alguém a sair mais cedo da festa tribal?**

Que eu me recorde... não. Estava distraído a dançar.

**- Onde escondia a poção?**

Se fosse eu cavava um buraco e era aí que escondia.

**- Qual era a sua relação com o Chefe Tribal?**

É um simples conhecido.

**- O Chefe Tribal teve alguma discussão durante a festa?**

Sim, foi com a bailarina.

**- Viu alguém estranho a entrar na tenda do Chefe Tribal ontem?**

Não. É como lhe disse, estive sempre entretido a dançar.



## Idoso Doente (corredor)

Era apenas um velho da tribo doente, que gostava de vaguear pelo espaço. Um homem frágil, que pouco ou nada chateia. Gosta de viver e tem pena de ser tão velho, parece que o tempo lhe foge entre os dedos.

### **Desafios: Cartões história desafios**

#### **Idoso Respostas**

**- Onde esteve ontem à noite?**

Estive na festa.

**- Quem eram os inimigos do Chefe Tribal?**

Que eu saiba o aprendiz de curandeiro não gostava muito dele.

**- Quando viu pela última vez a poção? E onde?**

Nunca a vi, mas gostava muito de a ter

**- Faz ideia do porquê da poção ter sido roubada?**

Não sei, talvez alguém que se tivesse ferido e a quisesse para se curar.

**- Ontem esteve na festa tribal?**

Sim. Junto da tenda do curandeiro bem ao lado do pastor.

**- Tem algum problema com Chefe Tribal?**

Sim. Ele por respeito aos mais idosos deveria partilhar parte da sua poção... Ao menos poderia viver mais uns aninhos.

**- Viu alguém a sair mais cedo da festa tribal?**

Não me lembro, esta memória já me falha.

**- Onde escondia a poção?**

Eu não a escondia. Eu bebia-a logo. Ehehehe!

**- Qual era a sua relação com o Chefe Tribal?**

Somos conhecidos...amigos.

**- O Chefe Tribal teve alguma discussão durante a festa?**

Sim, com a bailarina. Talvez por ela não ter dançado nada bem, coitada.

**- Viu alguém estranho a entrar na tenda do Chefe Tribal ontem?**

Não, eu não vi nada.

## **Aprendiz do curandeiro (Laboratório)**

Aprendiz do curandeiro, que trabalha desde muito novo na criação de feitiços e poções. Porém, o curandeiro nunca lhe revelou a fórmula da poção da juventude. O seu maior desejo era descobrir os ingredientes, sabia que ao cheirar a poção podia facilitar essa descoberta.

### **Desafios:**

**1º - Montar o esqueleto.**

**2º - Identificar os órgãos de um dos sistemas do corpo humano.**

**3º - Cartões de perguntas**

**4º - Pergunta com a caixa.**

### **Aprendiz Respostas**

**- Onde esteve ontem à noite?**

Estive em casa a criar poções.

**- Quem eram os inimigos do Chefe Tribal?**

Eu não conheço nenhum!

**- Quando viu pela última vez a poção? E onde?**

Vi-a na tenda do curandeiro quando estava a tentar perceber com que ingredientes era feita.

**- Faz ideia do porquê da poção ter sido roubada?**

O idoso precisava dela...Gostava de viver mais anos, o pobre coitado.

**- Ontem esteve na festa tribal?**

Não, já lhe disse que não.

**- Tem algum problema com Chefe Tribal?**

Não, mas tenho com o curandeiro ele não me dá a fórmula das melhores poções.

**- Viu alguém a sair mais cedo da festa tribal?**

Não, porque não estive lá.

**- Onde escondia a poção?**

Junto das minhas coisas, mas obviamente que disfarçava o frasco.

**- Qual era a sua relação com o Chefe Tribal?**

Nunca conversei muito com ele, mas é simpático pelo que vejo.

**- O Chefe Tribal teve alguma discussão durante a festa?**

Não vi nada.

**- Viu alguém estranho a entrar na tenda do Chefe Tribal ontem?**

Não, mas vi fios de lã de carneiro à porta da tenda.

## Pastor (Bar)

Guardador dos melhores rebanhos da tribo e filho do idoso. Não simpatiza com o Chefe da Tribo por este lhe dar ordens sem sentido. O pastor não gostou da atitude do chefe tribal, quando este soltou os dois melhores, apenas por diversão.

### **Desafios: Completamento de provérbios**

#### **Pastor Respostas**

**- Onde esteve ontem à noite?**

Na festa.

**- Quem eram os inimigos do Chefe Tribal?**

Sem dúvida que era o caçador!

**- Quando viu pela última vez a poção? E onde?**

A última vez que a vi foi nas mãos do curandeiro... ainda estava a ser feita.

**- Faz ideia do porquê da poção ter sido roubada?**

Eu não sei. Não penso nisso, só penso nos meus carneiros e no meu pai.

**- Ontem esteve na festa tribal?**

Sim

**- Tem algum problema com Chefe Tribal?**

Claro que sim, não gosto das suas atitudes. Principalmente a de soltar os carneiros por diversão e porque quer cada vez mais refeições sem carne!

**- Viu alguém a sair mais cedo da festa tribal?**

Não, eu até estive sempre com o idoso.

**-Onde escondia a poção?**

Se a tivesse, escondia-a na comida dos animais.

**- Qual era a sua relação com o Chefe Tribal?**

Não gosto muito dele.

**- O Chefe Tribal teve alguma discussão durante a festa?**

Sim, com a bailarina.

**- Viu alguém estranho a entrar na tenda do Chefe Tribal ontem?**

Ontem não.

## **Bailarina (Sala multimédia)**

Chefe das bailarinas tribais. Por vezes irritava-se com o Chefe Tribal por ele ser pretensioso e machista. Gostava de ter a poção para ser sempre bela e jovem.

**Desafios: Desafios de português – palavras cruzadas e sopa de letras**

### **Bailarina Respostas**

**- Onde esteve ontem à noite?**

Na festa a dançar.

**- Quem eram os inimigos do Chefe Tribal?**

O idoso não gostava muito dele.

**- Quando viu pela última vez a poção? E onde?**

Eu nunca a vi!

**- Faz ideia do porquê da poção ter sido roubada?**

Sei que o caçador estava ferido.

**- Ontem esteve na festa tribal?**

Sim

**- Tem algum problema com Chefe Tribal?**

Sim, ele ontem não gostou da minha dança e chateou-se comigo.

**- Viu alguém a sair mais cedo da festa tribal?**

Sim, vi o pastor.

**- Onde escondia a poção?**

Na minha tenda.

**- Qual era a sua relação com o Chefe Tribal?**

Dou-me bem com ele, mas não somos amigos.

**- O Chefe Tribal teve alguma discussão durante a festa?**

Sim, comigo.

**- Viu alguém estranho a entrar na tenda do Chefe Tribal ontem?**

Não, estive sempre a dançar por isso não reparei.

## **Pintor Rupestre (Sala de Visual)**

Era apaixonado pela mulher do Chefe Tribal, desejava que ele ficasse velho e morresse para poder ficar com a sua esposa.

### **Desafios: Desafios de História**

**1º - Assinalar no Globo os Continentes.**

**2º - Descobrir o erro histórico nas imagens.**

**3º - Procurar um país da Península Ibérica no mapa.**

#### **4º - Questão com a caixa.**

##### **Pintor Respostas**

**- Onde esteve ontem à noite?**

Na festa sentado.

**- Quem eram os inimigos do Chefe Tribal?**

O marido da bailarina.

**- Quando viu pela última vez a poção? E onde?**

Vi-a há dois dias quando o curandeiro a levou para a tenda do chefe.

**- Faz ideia do porquê da poção ter sido roubada?**

O aprendiz queria descobrir a receita, se calhar foi isso.

**- Ontem esteve na festa tribal?**

Sim, a pintar as pessoas.

**- Tem algum problema com o Chefe Tribal?**

Não

**- Viu alguém a sair mais cedo da festa tribal?**

Não ontem não, mas na última festa vi o aprendiz sair mais cedo.

**- Onde escondia a poção?**

Junto das minhas tintas.

**- Qual era a sua relação com o Chefe Tribal?**

Somos muito amigos.

**- O Chefe Tribal teve alguma discussão durante a festa?**

Sim, com o pastor e a bailarina.

**- Viu alguém estranho a entrar na tenda do Chefe Tribal ontem?**

Não.

## Marido da Bailarina (Sala 6º Ano)

Elemento da tribo casado com a bailarina. Não gostou da decisão do Chefe Tribal em relação a uma nova regra imposta na tribo: FAZER REFEIÇÕES COM MENOS CARNE.

### **Desafios: Desafios de matemática**

#### Marido Respostas

**- Onde esteve ontem à noite?**

Na festa.

**- Quem eram os inimigos do Chefe Tribal?**

O aprendiz, ele não gostava lá muito dele.

**- Quando viu pela última vez a poção? E onde?**

Nunca a vi, o chefe a mim nunca me mostra nada.

**- Faz ideia do porquê da poção ter sido roubada?**

Para o caçador? Não sei. Ele estava aleijado, é a única coisa que sei.

**- Ontem esteve na festa tribal?**

Sim, mas cheguei mais tarde. Fui ver o aprendiz que ficou por casa.

**- Tem algum problema com Chefe Tribal?**

Sim, ele ontem ralhou com a minha mulher.

**- Viu alguém a sair mais cedo da festa tribal?**

Não.

**- Onde escondia a poção?**



Junto das coisas da minha esposa, na nossa tenda.

**- Qual era a sua relação com o Chefe Tribal?**

Só falei com ele umas duas vezes.

**- O Chefe Tribal teve alguma discussão durante a festa?**

Sim, com a minha esposa.

**- Viu alguém estranho a entrar na tenda do Chefe Tribal ontem?**

Não.

## **COORDENADOR**

Apresentar o Imaginário:

Roubaram a poção da juventude do Chefe Tribal, que tinha sido feita pelo curandeiro. Quando o Chefe Tribal acordou e foi ao armário das poções, para beber a poção contra o mau hálito, reparou que faltava a sua poção mais valiosa! O Chefe Tribal pediu às tribos para descobrir quem roubou a poção e o local onde a poção está escondida.

Distribui os alunos em 8 equipas (máximo de 7 elementos por equipa)

Regras:

- ✓ A equipa deve escolher um nome;
- ✓ O objetivo da equipa deve ser o de investigar e descobrir quem roubou a poção, qual o motivo do roubo e onde foi escondida a poção;
- ✓ A cada equipa será entregue uma folha de questões para colocarem às diferentes personagens (são as mesmas perguntas para todos);
- ✓ A equipa deve utilizar um bloco para registar as respostas das personagens e o local em que estas se encontram.
- ✓ Deve-se deslocar até cada personagem para fazerem as perguntas de investigação. Para terem acesso às perguntas tem de responder a um desafio.
- ✓ Não podem estar duas equipas com as mesmas personagens;
- ✓ Devem andar sempre com o cartão de registo de perguntas e apresentá-lo às personagens;
- ✓ A equipa tem que andar sempre toda junta. A equipa só pode fazer a questão quando o último elemento da equipa chegar ao posto.

- ✓ Quando tocar para o primeiro intervalo da manhã o jogo para, para os alunos lançarem.

**Apresentação dos suspeitos e dos locais – Os alunos devem registrar o nome das personagens e o local.**

## **Suspeitos e locais**

- **Curandeiro- Biblioteca:** Velho sábio e feiticeiro da tribo, muito respeitado e procurado por todos. Conselheiro leal do Chefe Tribal. Revela uma capacidade sobrenatural no que diz respeito à criação de poções. Criador da poção roubada, uma poção rara, cobiçada por todos. Esta, porém foi criada para o Chefe Tribal, para o prolongamento da sua vida na Terra.

- **Caçador – hall de entrada:** Homem forte e corajoso, que tinha a missão de arranjar mantimentos para a sua tribo. Um dia quando foi caçar, fez um ferimento grave no peito. Lembrou-se de falar com o curandeiro para o ajudar na sua recuperação, talvez este lhe pudesse ceder a sua poção de rejuvenescimento, afinal o caçador é um elemento fundamental na tribo.

- **Idoso Doente - corredores:** Era apenas um velho da tribo doente, que gostava de vaguear pelo espaço. Um homem frágil, que pouco ou nada chateia. Gosta de viver e tem pena de ser tão velho, parece que o tempo lhe foge entre os dedos.

- **Aprendiz do curandeiro - Laboratório:** aprendiz do curandeiro, que trabalha desde muito novo na criação de feitiços e poções. Porém o curandeiro nunca lhe revelou a fórmula da poção da juventude. O seu maior desejo era descobrir os ingredientes, sabia que ao cheirar a poção podia facilitar essa descoberta.

- **Pastor - Bar:** guardador dos melhores rebanhos da tribo e filho do idoso. Não simpatiza com o Chefe da Tribo por este lhe dar ordens sem sentido. O pastor não gostou da atitude do chefe tribal, quando este soltou os dois melhores, apenas por diversão.

- **Bailarina – Sala Multimédia:** Chefe das bailarinas tribais. Por vezes irritava-se com o Chefe Tribal por ele ser pretensioso e machista. Gostava de ter a poção para ser sempre bela e jovem.

- **Pintor Rupestre – Sala de Visual:** Era apaixonado pela mulher do Chefe Tribal, desejava que ele ficasse velho e morresse para poder ficar com a sua esposa.

- **Marido da Bailarina – Sala 1º andar:** Elemento da tribo casado com a bailarina. Não gostou da decisão do Chefe Tribal em relação a uma nova regra imposta na tribo: FAZER REFEIÇÕES COM MENOS CARNE.

No final o Coordenador explica que os alunos após uma hora e meia de jogo serão chamados para reunir no ginásio. Aí terão 15 minutos para debater a resposta (escrevem num envelope atribuído pelo Coordenador).

O Coordenador entrega um cartão de registo por cada equipa e uma folha com as perguntas. Posto isto, os alunos poderão iniciar o jogo.

## Diploma de Participação



Certifica-se que o (a) detetive \_\_\_\_\_, do \_\_\_\_\_ ano, turma \_\_\_\_\_ participou na maior investigação da caça ao ladrão de todos os tempos. Graças ao seu empenho, e trabalho em equipa, os mistérios propostos para o Dia Aberto, no \_\_\_\_\_, foram exemplarmente desvendados.

Parabéns!

---

(Professora Estagiária)

## Construção de um presépio pelos alunos do 1.º CEB



Presépio elaborado pelos alunos, que contou, também, com a participação do par pedagógico.

## Texto da Aula dos Sentidos

**Nota prévia:** O par pedagógico pede aos alunos para fecharem os olhos e sentirem o texto. À medida que o par pedagógico ia lendo o texto, ia representando os vários elementos narrados, para os alunos sentirem a história. Por exemplo, na altura dos passarinhos pôs-se um som de pássaros, mandou-se umas gotas de água, com uma ventoinha portátil fez-se a brisa, entre outros elementos.

### TEXTO

Hoje, que é fim de semana, foste brincar para o enorme jardim à frente de tua casa! Que claro dia, que bonito dia! Quando chegam ao jardim, não resistas em descalçar – te.

Oiçam, os passarinhos! Os passarinhos avisam que a primavera chegou! Que belo o seu canto!

- Mãe podemos ir brincar lá para fora, perguntam vocês. Depois de receberem como resposta um sim, foram a correr, cheios de energia, até ao jardim à frente de vossa casa (Respirar) Ah! Que cheirinho perfumado! Vejam só quantas flores nasceram, quantas flores nos trouxe a primavera! Malmequeres, rosas, margaridas, papoilas, petúnias, jarras, estrelicias tantas de tantas cores. E esta relva?! Que macia! Vocês não resistiram e rapidamente descalçaram os sapatos. Que cócegas faz a relva nos meus pezinhos. Caminham até à fonte, com calor por terem corrido tanto. Salpicam a cara com água, para se refrescarem. Olham para a grande árvore do jardim, a mais velha árvore que lá estava. Tinha um tronco largo e rugoso. Mas vocês repararam que há uma grande diferença. Aos meses atrás a mais velha árvore do jardim, estava despida, completamente despida. Agora não! Como está diferente, vestida de grandes e verdes folhas. Nunca a tinham visto com tantas folhas.

A sombra da árvore era enorme e para um dia de sol e de calor como este, não havia nada melhor do que nos deitarmos debaixo da sua sombra. Uma suave brisa passa! Que fresquinho delicioso. Olham para o céu tão azul, com nuvens de vários tamanhos e formas. Há muito tempo que não viam um céu tão azul e nuvens tão brancas como a neve.

Deitados na relva ficam a sentir e apereiar tudo o que a primavera trouxe consigo. As bonitas flores, os passarinhos a fazerem os seus ninhos, as joaninhas e os caracóis na relva, o fresco ar, as frutas das árvores, as folhas de vários tons verdes escuros e claros, o sol. Tudo vos fascina!

De repente, ao longe, a mãe chama pelo vosso nome, são horas de ir almoçar. Levantam – se e deixam o jardim para trás. Encantados com a beleza das cores da primavera, contam aos pais tudo o que viram no jardim.

## ATIVIDADE DO MAGUSTO<sup>6</sup>



---

<sup>6</sup> Ver descrição da atividade na planificação



**História do São Martinho em painel – Realizada pelos alunos**



## ANEXO XXIV – Desafios matemáticos

### Avaliação utilizada para a correção dos “desafios” do anexo IX

#### FINALIDADE\*

Os problemas propostos como desafio, ainda que tivessem diferentes níveis de dificuldades, foram pensados para todos chegarem à mesma conclusão – em situações problema do nosso dia-a-dia, a multiplicação é, em muitos casos, um modo de operar mais prático que a adição\*.

#### Objetivos:

1. Resolver problemas de até três passos envolvendo situações multiplicativas no sentido aditivo e combinatório:
  - a. Identificar os dados do problema;
  - b. Recorrer ao desenho para ilustrar os dados;
  - c. Explicitar todos os passos de resolução através de desenhos e de operações;
  - d. Recorrer à adição e à multiplicação na resolução do problema;
  - e. Explicar a multiplicação através do processo da adição:

Resolver problemas de até três passos envolvendo situações multiplicativas no sentido aditivo e combinatório						
	a.	b.	c.	d.	e.	Observações
Grupo A						
Grupo B						
Grupo C						
Grupo D						
Grupo E						
Grupo F						
Grupo G						
Grupo H						
Grupo I						



<b>Grupo J</b>						
<b>Grupo K</b>						

### **Objetivos transversais:**

**1. Trabalhar em grupo;**

- a. Participar na atividade, respeitando as orientações dadas;
- b. Expressar e discutir a sua opinião relativamente ao tratamento de dados do problema;
- c. Tratar, organizar e produzir informação em conjunto;

**2. Expor, através da comunicação verbal e não - verbal, a resolução final do problema, juntamente com o seu grupo;**

- a. Usar diferentes formas de comunicação verbal de forma correcta, adequando o código linguístico à situação;
- b. Utilizar o desenho para explicar o processo de resolução do problema;





## **ANEXO XXVI Avaliação pela taxonomia de Bloom**

**Fichas de Trabalhos 1.º e 2.º CEB**

## A NOITE EM QUE A NOITE NÃO CHEGOU

- 1 Um dia, mal acordou, a noite foi espreitar pela janela e reparou que já era quase noite. «Estou atrasada!», pensou ela ao ver que o Sol já tinha desaparecido e os candeeiros começavam a acender-se.
- Mas, nesse dia, ou nessa tarde, ou nessa noite, a noite sentia-se muito preguiçosa.
- 5 Gostava muito de estar ali, no quentinho dos lençóis, mas à noite não podia. Tinha sempre que fazer. Contrariada, deu uma volta e outra volta, desenroscou-se, enroscou-se e pensou lá para consigo: «Estou farta!»
- Havia muitas, muitas noites desde o início dos tempos que a noite chegava à hora certa sem faltar um só dia. «E tudo isto para quê?», perguntou ela de si para si, «Só para que o vaidoso do Sol possa ir mostrar a sua linda cabeleira dourada ao outro lado do mundo... Hoje, não saio daqui... O Sol que se amane!»
- 10 Olhando para o seu antiquíssimo fato de trabalho, metade feito de estrelas, metade de escuros trapos, a noite resolveu por uma vez ficar na cama.
- «O pôr-do-sol que se aguenta aí, a pairar no meio do céu, até que nasça o dia! Esta resolvido. Hoje, ninguém me tira daqui!»
- Assim, sem querer saber de mais nada, a noite deixou-se ficar na cama toda satisfeita, com uma chávena de chá numa mão e um livro de histórias na outra.
- 20 Quando perceberam que a noite não chegava, as pessoas, os bichos, os candeeiros e as flores começaram a juntar-se às portas da noite. Os autocarros e os girassóis queriam ir dormir. Os mochos, as corujas e os guardas-nocturnos queriam sair para o trabalho. Por isso se puseram todos a gritar: «Venha a noite! Venha a noite! Então, nunca mais chega?! É preciso fazer cair a noite!»
- Mas era tão alta a casa onde a noite morava que ninguém se atrevia sequer a tentar chegar lá acima.
- 30 Foi então que apareceu um menino rabino que pediu «Com licença...» a toda a gente e se pôs a trepar pelos últimos raios de sol. Num equilíbrio despachado, pôs um pé numa nuvem, outro num cometa e, em menos de nada, chegou junto da noite.
- De tão entretida com o seu livro de histórias, a noite nem deu por nada.
- 35 E mesmo que desse nem podia adivinhar. Não estava habituada a meninos e aos seus doces passos de algodão.
- De mansinho, o menino rabino pôs-se a fazer-lhe cócegas nos pés. A noite desatou a rir às gargalhadas. «Ah,Ah,Ah! – Ah,Ah,Ah!» Tanto se riu a noite que caiu da cama abaixo. E, caindo, passou por estrelas, luas e
- 40 sóis. Todas as luzes se apagaram à sua passagem e um manto muito grande, negro, de cetim, foi cobrindo a pouco e pouco o mundo inteiro.
- O menino rabino, do esforço que fez, ficou tão cansado e com tanto sono que nem perdeu tempo. Deitou-se logo na cama da noite e, antes de adormecer, voltou-se para ela que lá em baixo já tomara conta do mundo
- 45 inteiro e disse-lhe baixinho: «Adeus, noite... Até amanhã... Boa noite...»



**RESPONDE ATENTAMENTE A TODAS AS QUESTÕES. RELÊ O TEXTO  
AS VEZES QUE FOREM NECESSÁRIAS, PARA RESPONDERES ACERTADAMENTE!**

1. De acordo com o texto que leste, **assinala com X a opção correta**. «Um dia, mal acordou, a noite foi espreitar pela janela e pensou: “Estou atrasada!”» (linha 2) (Adaptada)

**A noite percebeu que estava atrasada porque...**

(Compreensão Literal) Nesta questão o aluno deve ler o texto com atenção, de modo a seleccionar a expressão correta em relação ao que é pedido.

**R:**

- o despertador tocou.  
 viu que o Sol já se tinha ido embora.  
 começou a ouvir o cri-cri dos grilos  
 o sol pediu-lhe para trocar de lugar.

**Objetivos da Aprendizagem – Taxonomia de Bloom**

Nível 1 (Conhecer) – Reconhecer e Identificar

**Critérios de Avaliação**

O aluno reconhece e seleciona a informação no texto	<b>1 pt.</b>
O aluno não reconhece e nem seleciona a informação no texto	<b>0 pt.</b>

2. Com uma expressão do texto, justifica a seguinte afirmação.

**A noite não tinha vontade de cumprir o seu dever!** (Adaptada).

(Compreensão Literal) Nesta questão para o aluno responder corretamente, deve ser capaz de, a partir da leitura do texto, compreender qual o dever da noite.

**R:** Sim, a noite não tinha vontade de cumprir o seu dever.

«Mas, nesse dia, ou nessa tarde, ou nessa noite, a noite sentia-se muito preguiçosa.»

**Ou**

«Contrariada, deu uma volta e outra volta, desenroscou-se, enroscou-se e pensou lá para consigo: “Estou farta!”»

**Ou**

«Está resolvido. Hoje, ninguém me tira daqui»

### Objetivos da Aprendizagem – Taxonomia de Bloom

Nível 1 (Conhecer) – Identificar e Transcrever

#### **Critérios de Avaliação**

O aluno identifica e transcreve a informação do texto	<b>1 pt.</b>
O aluno transcreve a informação incorrecta do texto	<b>0 pt.</b>

3. Assinala com o **X** as três opções corretas, que caracterizam a **atitude da noite** em ficar na cama e em dizer «*Hoje, não saio daqui... O Sol que se amanhe*» (Adaptada).

(**Compreensão Inferencial**) Nesta questão o aluno, com base no texto, deve seleccionar os três adjetivos que demonstrem a atitude da noite, quando esta decidiu ficar na cama. Aluno, através da leitura da narrativa, deve ser capaz de deduzir as características que definem a atitude pouco correta da noite.

**R:**

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Despistada.            | <input checked="" type="checkbox"/> Egoísta.           |
| <input checked="" type="checkbox"/> Preguiçosa. | <input checked="" type="checkbox"/> Pouco responsável. |
| <input type="checkbox"/> Bastante atarefada.    | <input type="checkbox"/> Enraivecida.                  |
| <input type="checkbox"/> Rabugenta.             | <input type="checkbox"/> Preocupada.                   |

### Objetivos da Aprendizagem – Taxonomia de Bloom

Nível 1 (Conhecer) – Identificar e Seleccionar

Nível 2 (Compreender) – Interpretar e inferir

#### **Critérios de Avaliação**

O aluno compreende informação, identificando e seleccionando as características corretas	<b>2 pt.</b>
O aluno compreende parcialmente a informação, identificando e seleccionado apenas duas das características corretas.	<b>1 pt.</b>
O aluno compreende parcialmente a informação, identificando e seleccionado apenas uma das características corretas.	<b>0,5 pt</b>
O aluno não compreende informação, não seleccionando nenhuma das características corretas.	<b>0 pt</b>

4. **Quem queria que a noite caísse? Quais eram os seus motivos?** De acordo com o sentido do texto, justifica a tua resposta com **palavras tuas**.

**(Compreensão Inferencial)** Nesta questão o aluno, com base no texto, deve enunciar quem estava descontente com a atitude da noite e explicar quais os motivos que sustentam esse descontentamento.

**R:** Eram muitos os que queriam que a noite caísse. As pessoas, os bichos, as plantas e os candeeiros. Os autocarros e os girassóis queriam a que a noite chegasse, porque queriam ir descansar e não queriam ficar acordados. Os mochos, as corujas e os guardas-noturnos também queriam que a noite caísse, porque trabalhavam à noite.

### **Objetivos da Aprendizagem – Taxonomia de Bloom**

Nível 1 (Conhecer) – Identificar

Nível 2 (Compreender) – Interpretar, Descrever e Reformular

### **Critérios de Avaliação**

O aluno identifica e enuncia a informação, descrevendo-a através da reformulação.	<b>2 pt.</b>
O aluno identifica a informação e enuncia-a, mas não a descreve totalmente.	<b>1 pt.</b>
O aluno identifica a informação, mas nem a enuncia e nem descreve totalmente.	<b>0,75 pt.</b>
O aluno identifica a informação, mas enuncia-a e descreve-a com a transcrição de uma expressão do texto.	<b>0,75 pt</b>
O aluno identifica a informação, enunciando-a e descrevendo-a, parcialmente, com a transcrição de uma expressão do texto.	<b>0,5 pt</b>
O aluno não identifica nem enuncia a informação pretendida	<b>0 pt</b>

5. Das seguintes afirmações, **sublinha as que estão de acordo com ação do “menino rabino”**.

Para responderes corretamente, relê o texto com muita atenção.



**(Compreensão Inferencial)** Nesta questão, é necessário que o aluno volte a reler o penúltimo parágrafo, para que não confunda o modo como o menino rabino fez com que a noite caísse sobre o mundo. Desta forma, em conformidade com a informação do texto, o aluno deve sublinhar as afirmações corretas.

**O menino...**

**R:**

- a) **Atreveu-se a ir ter com a noite.**
- b) Pediu com licença para não incomodar a noite.
- c) Equilibrou-se em estrelas e sóis para chegar à casa da noite.
- d) Assustou a noite e tirou-lhe o livro de histórias.
- e) **Discretamente, fez cócegas nos pés da noite.**
- f) **Fez com que anoitecesse no mundo.**

### **Objetivos da Aprendizagem – Taxonomia de Bloom**

Nível 1 (Conhecer) – Identificar e Selecionar

Nível 2 (Compreender) – Interpretar, Inferir, distinguir e comparar.

### **Critérios de Avaliação**

O aluno identifica e seleciona as afirmações corretamente.	<b>2 pt.</b>
O aluno identifica e seleciona, apenas duas afirmações corretas.	<b>1 pt.</b>
O aluno identifica e seleciona apenas uma das afirmações corretas.	<b>0,5 pt.</b>
O aluno não seleciona nenhuma das afirmações corretas.	<b>0 pt</b>

6. Qual é a ideia que o narrador quer passar com expressão “passos de algodão”, na frase «(A noite) *Não estava nada habituada a meninos e aos seus doces passos de algodão*» (linhas 35 e 36).

**(Extração de significado)** Nesta questão pretende-se que o aluno deduza, qual a intenção do narrador ao recorrer à expressão “passos de algodão”, devendo assim compreender o seu significado e o sentido da sua utilização.

**R:** O narrador, com esta expressão, quer mostrar que os meninos dão passos que não se ouvem (leves).

### **Objetivos da Aprendizagem – Taxonomia de Bloom**

Nível 1 (Conhecer) – Identificar

Nível 2 (Compreender) – Interpretar, Traduzir e Definir.

### **Critérios de Avaliação**

O aluno compreende o significado e utilidade da expressão, atribuindo-lhe um sinónimo	<b>2 pt.</b>
O aluno não compreende o significado da expressão.	<b>0 pt</b>

**7.** De acordo com o texto, **reorganiza as afirmações por ordem de acontecimentos.**

**(Reorganização)** Nesta questão o aluno deve reler o texto, de modo a reorganizar a informação exposta, segundo uma sequência cronológica.

**R:**

ACONTECIMENTOS	ORDEM
Um menino decidiu ir ter com a noite, para a convencer a descer sobre mundo.	5
A noite ficou na cama, porque achava que merecia descansar.	2
O mundo ficou descontente com a atitude da noite.	3
Ninguém queria subir até à casa da noite por ser tão distante da Terra.	4
A noite passou por estrelas e sóis, até cair sobre a Terra.	6
A noite reparou que o dia estava a terminar e que tinha que ir trabalhar.	1

### **Objetivos da Aprendizagem – Taxonomia de Bloom**

- Nível 1 (Conhecer) – Reconhecer e Identificar
- Nível 2 (Compreender) – Interpretar e concluir
- Nível 3 (Aplicar) - Classificar
- Nível 4 (Analisar) - Reorganizar

### **CrITÉRIOS de Avaliação**

O aluno reorganiza os acontecimentos segundo a cronologia do texto	2,5 pt
O aluno reorganiza apenas quatro acontecimentos segundo a cronologia do texto	1,5 pt
O aluno reorganiza os acontecimentos apenas dois acontecimentos segundo a cronologia do texto	0,5 pt
O aluno não responde corretamente	0 pt

8. Tal como a noite, tu já deves ter passado por uma situação semelhante, em que a preguiça era tanta que te custou levantar da cama! **Entre duas a quatro linhas, descreve uma situação em que te tenha acontecido o mesmo, mas que no final tenhas acabado por te levantar. Explica os motivos pelos quais não te querias levantar.**

**(Compreensão Crítica)** Nesta questão pretende-se que o aluno, através do exemplo dado pelo texto, descreva qualquer situação em que mostre que tenha passado pelo mesmo. Isto é, em tenha tido dificuldades em levantar-se da cama, mas por motivos de força maior teve de o fazer. O aluno deve explicar por que é que não se queria levantar.

**R:** Aceitam-se como corretas as respostas em que os alunos dão um exemplo concreto da sua vida relacionado com o esforço de acordar para fazer algo que é importante.

**Ex.:** No sábado tinha que acordar cedo, porque tinha atletismo, mas como estava cansado fingi que não ouvi o meu pai chamar-me. Fiquei na cama e só depois do meu pai e dos meus irmãos me voltarem a chamar, eu saí da cama e fui-me arranjar. Custou-me muito e eu não queria, porque durante a semana tive que acordar cedo para as aulas.

### Objetivos da Aprendizagem – Taxonomia de Bloom

Nível 1 (Conhecer) – Recordar e Identificar

Nível 2 (Compreender) – Descrever

Nível 3 (Aplicar) – Organizar e estruturar

Nível 4 (Analisar) – Relatar e Analisar

Nível 5 (Sintetizar) – Relacionar e explica

### Critérios de Avaliação

O aluno enuncia e descreve, de forma estruturada, uma das suas experiências, relacionado-a com a situação dada pelo texto.	2 pt
O aluno enuncia e descreve, de forma pouco organizada, uma das suas experiências, relacionado-a com a situação dada pelo texto.	1 pt
O aluno apenas enuncia, uma das suas experiências relacionadas com a situação dada pelo texto.	0,5 pt
O aluno não responde adequadamente à resposta	0 pt

### 8.1. Achas que foi importante levantares-te? Porquê?

(**Compreensão Crítica**) Nesta questão pretende-se que o aluno dê uma resposta e uma justificação coerentes com a situação enunciada anteriormente.

**R:** Os alunos têm que justificar a importância de se terem levantado.

**Ex.:** Sim, porque se chegasse atrasado o meu treinador ficava zangado e tinha que repetir os exercícios de aquecimento que os meus amigos já tinham feito.

#### Objetivos da Aprendizagem – Taxonomia de Bloom

Nível 1 (Conhecer) – Recordar e Identificar

Nível 2 (Compreender) – Descrever

Nível 3 (Aplicar) – Organizar

Nível 4 (Analisar) – Produzir

Nível 5 (Sintetizar) – Formular e justificar

#### Critérios de Avaliação

O aluno justifica, de forma perceptível, a importância da sua ação.	1 pt
O aluno justifica, de forma pouco organizada, a importância da sua ação.	0,5 pt
O aluno não responde adequadamente à resposta	0 pt

9. Todos nós temos compromissos e tarefas a cumprir. Às vezes somos como a noite foi, mas temos que perceber que é importante respeitar os nossos deveres, pois há quem dependa daquilo que nós fazemos. Isso é muito claro no texto, umas pessoas precisavam da noite para descansar e outras para trabalhar.

**Imagina-te agora no lugar do menino. Cabe-te a ti convencer a noite a descer, mas desta vez tens que usar as palavras, pois ela ouviu-te chegar. Fala-lhe da importância da noite para o mundo, ou seja, para os homens, para os animais e para as plantas. Mostra à noite que ela é tão importante como o dia.**

Escreve um texto no mínimo **com 15 linhas**, não te esqueças **de respeitar as regras de um diálogo** (utiliza o travessão antes de iniciares uma conversa).



**Antes de começares a escrever, toma atenção às seguintes instruções:**

- Escreve o texto, respeitando o que te é pedido;
- Utiliza a folha de rascunho para escrever o teu diálogo, revê-o com cuidado e corrige o que for necessário;
- Escolhe um título para a tua história;
- Copia o texto, da folha de rascunho para a folha da ficha, com uma caligrafia cuidada e legível.

**Título:** \_\_\_\_\_

1- *Foi então que decidi trepar pelos últimos raios de sol, para chegar junto da noite. Apesar de fazer*

2- *pouco barulho a noite deu pela minha presença e perguntou-me, com um ar espantado, o que é eu queria*

3- *...(continua)*

4-

5-

6-

7-

8-

9-

10-

11-

12-

13-

14-

15-

16-

17-

18-

19-

20-

21-

22-

23-

24-

25-

## Objetivos da Aprendizagem – Taxonomia de Bloom

- Nível 1 (Conhecer) – Reconhecer; identificar
- Nível 2 (Compreender) – Compreender; descrever
- Nível 3 (Aplicar) – Organizar
- Nível 4 (Analisar) – Inferir e distinguir
- Nível 5 (Sintetizar) – Determinar e Comparar
- Nível 6 (Criar) - Produzir

## Critérios de Avaliação

### Parâmetro: Formato

Ex +	Produz um texto de extensão igual ou superior a 15 linhas	0,5 pt.
------	---	---------



	Nível Intermédio	0,30 pt.
	Produz um texto de extensão compreendida entre 10 e 12 linhas	0,20 pt.
	Nível Intermédio	0,10
	Produz um texto de extensão inferior a 10 linhas	0 pt.
Tipologia	Respeita integralmente as instruções no que se refere ao tipo de texto (diálogo entre o aluno e o Sol) e à modalidade de enunciado (discurso na 1ª pessoa). Respeita os aspetos formais de um diálogo.	<b>1 pt</b>
	Nível Intermédio	0,75 pt.
	Respeita parcialmente as instruções, podendo apresentar alguns desvios quer quanto ao tipo de texto indicado, quer quanto à modalidade de enunciação adotada.	0,5 pt
	Nível Intermédio	0,25 pt.
	Ignora as instruções no que se refere ao tipo de texto e à modalidade de enunciação.	0 pt

**Parâmetro: Tema**

Informação	Respeita as instruções no que se refere ao tema proposto, referindo vários aspetos solicitados	0,75 pt.
	Nível Intermédio	0,60 pt.
	Respeita globalmente o tema proposto, omitindo aspetos solicitados	0,45 pt.
	Nível Intermédio	0,20 pt.
	Ignora totalmente o tema da proposta	0 pt.
Progressão	Desenvolve de forma coerente cada um dos aspetos requeridos, alcançando uma distribuição equilibrada em termos da globalidade do texto.	0,75 pt.
	Nível Intermédio	0,60 pt.
	Desenvolve de forma parcialmente coerente cada um dos aspetos requeridos,	0,45 pt.

	apresentando desvios, redundâncias, repetições ou omissões de informação.	
	<b>Nível Intermédio</b>	0,20 pt.
	Produz um texto de conteúdo incoerente, transmitindo informação não requerida, ambígua ou ininteligível.	0 pt.

### Parâmetro: Textualização

<b>Estruturação</b>	Redige um texto com estrutura bem definida, segmentando as unidades maiores do discurso. Utiliza os sinais de pontuação de forma adequada, na delimitação das unidades maiores do discurso e das suas partes constituintes.	<b>0,5 pt.</b>
	<b>Nível Intermédio</b>	0,35 pt.
	Redige um texto estruturado de forma satisfatória, ainda que com algum desequilíbrio das suas partes constituintes Utiliza os sinais de pontuação principalmente para marcar a delimitação de parágrafos.	0,25 pt.
	<b>Nível Intermédio</b>	0,15 pt.

	Não redige um texto. Escreve frases ou palavras isoladas. Ignora os sinais de pontuação de final de frase ou utiliza-os de modo aleatório.	0 pt.
Sintaxe e Morfologia	Constrói frases, cumprindo as regras de concordância, seleção, flexão e ordem. Utiliza corretamente a pontuação no interior da frase.	<b>0,5 pt.</b>
	Nível Intermédio	0,35 pt.
	Constrói frases, apresentando alguns erros/falhas no uso das regras de concordância, seleção, flexão e ordem. Utiliza a pontuação no interior da frase sem seguir sistematicamente as regras.	0,25 pt.
	Nível Intermédio	0,15 pt.
	Constrói frases, apresentando muitos erros/falhas no uso das regras de concordância, seleção, flexão e ordem. Utiliza a pontuação no interior da frase de modo aleatório ou não a utiliza.	0 pt.
Ortografia	Escreve com correção ortográfica ou com eventual ocorrência de 1 erro em 80 palavras	0,5 pt.
	Nível Intermédio	0,35 pt.
	Escreve com alguns erros ortográficos cuja frequência se mantém na proporção de 4 erros em 80 palavras.	0,25 pt.
	Nível Intermédio	0,15 pt.
	Escreve com elevada frequência de erros ortográficos cuja frequência se mantém na proporção de 7 erros em 80 palavras.	0 pt.

## Ficha de Trabalho 1.º CEB

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

### A Lenda de S. Martinho

Num dia frio e tempestuoso, um valente soldado romano, de nome Martinho, percorria o seu caminho montado no seu cavalo, quando se deparou com um mendigo cheio de fome e frio. O soldado, conhecido pela sua generosidade, tirou a sua capa e com uma espada cortou-a ao meio, cobrindo o mendigo com uma das partes. Mais adiante, encontrou pobre homem cheio de frio, oferecendo-lhe a outra metade da sua capa. Sem capa, Martinho continuava a sua viagem ao frio e ao vento quando, de repente, como por milagre a tempestade desfez-se, o céu ficou limpo e um sol de Verão invadiu a terra de luz e calor.



Diz-se que Deus, para que não se apagasse da memória dos homens o ato de bondade praticado pelo Santo, todos os anos, nessa mesma época, surgem esses dias de calor, aos quais se passou a chamar “verão de São Matinho”.

**Conto popular**

***Compreensão da Leitura***

1. De acordo com o texto que leste, **rodeia com um círculo a opção correta**, para **completar a seguinte frase**:

***São Martinho era...***

- a. Um soldado espanhol que regressava a casa.
- b. Um mendigo que montava o seu cavalo.
- c. Um soldado romano pobre, mas forte.
- d. Um soldado de Roma, valente e generoso.

2. Porque era Martinho considerado uma pessoa muito generosa? **Justifica a tua resposta por palavras tuas.**

---

---

---

---

3. Assinala com um **X as três opções corretas**, que **caracterizam a atitude de São Martinho**. Recorre ao **dicionário** se tiveres **dúvidas quanto ao significado das palavras**.

“O soldado (...) tirou a sua capa e com uma espada cortou-a ao meio, cobrindo o mendigo com uma das partes. Mais adiante, encontrou pobre homem cheio de frio, oferecendo-lhe a outra metade da sua capa.”

- |               |                          |             |                          |
|---------------|--------------------------|-------------|--------------------------|
| a) Preguiçoso | <input type="checkbox"/> | d) Pérfido  | <input type="checkbox"/> |
| b) Bondoso    | <input type="checkbox"/> | e) Caridoso | <input type="checkbox"/> |
| c) Repugnante | <input type="checkbox"/> | f) Afetuoso | <input type="checkbox"/> |

4. O que **significa a expressão** “Verão de São Martinho”?

---

---

---

---

5. De acordo com o texto, **reorganiza as afirmações por ordem de acontecimentos.**

ACONTECIMENTOS	ORDEM
Mais à frente, encontrou um outro mendigo, oferecendo-lhe o resto da sua capa.	
Com a sua espada dividiu a capa ao meio e cobriu o mendigo.	
Num dia de tempestade Martinho regressava a casa, montado no seu cavalo.	
Por ser uma pessoa generosa, Martinho decidiu ajudar o pobre senhor.	
De repente, enquanto Martinho seguia o seu caminho, a tempestade parou e o sol brilhou.	
Encontrou um homem pobre, praticamente despido, pedindo esmola.	

6. Descreve como passaste no ano passado o dia de São Martinho na escola e em casa.

---

---

---

---

---

***Gramática aplicada***

1. Escreve o antónimo das palavras que se seguem.

- |                 |                   |
|-----------------|-------------------|
| ▪ Pobre _____   | ▪ Escuridão _____ |
| ▪ Valente _____ | ▪ Bondade _____   |
| ▪ Frio _____    | ▪ Cheio _____     |

2. Classifica as palavras quanto à posição da sílaba tónica:

- a) Cavalo \_\_\_\_\_
- b) Sol \_\_\_\_\_
- c) Dia \_\_\_\_\_
- d) Época \_\_\_\_\_
- e) Martinho \_\_\_\_\_

3. Retira do texto o seguinte:

- 3.1. Dois nomes comuns: \_\_\_\_\_
- 3.2. Dois nomes próprios: \_\_\_\_\_
- 3.3. Dois verbos: \_\_\_\_\_

3.1.1. Modifica a forma dos verbos que retiraste do texto, pondo-os no infinitivo.

\_\_\_\_\_

4. Coloca a frase no plural, de forma a que esta não perca o seu sentido: *O soldado com pena ajudou o pobre homem, que chorava por um tostão.*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_.

5. Faz a translineação, separando as sílabas sublinhadas.

5.1. Percorria

---

---

5.2. Oferecendo-lhe

---

---

5.3. Passou

---

---

5.4. Praticando

---

---

5.5. Conhecia

---

---

5.6. Mendigo

---

---



6. Escreve uma frase sobre o magusto, **utilizando** pelo menos **dois adjetivos**.

---

---

---

Lê atentamente cada pergunta que se segue, e responde tendo em conta as orientações que te são dadas.

### Grupo I

1. Durante o processo de respiração celular ocorrem vários fenómenos. Ordena as seguintes etapas pela ordem correta, utilizando algarismos de 1 a 4.

- \_\_\_ O sangue transporta para as células oxigénio e nutrientes.
- \_\_\_ O ar atmosférico entra pelas fossas nasais e chega até aos pulmões.
- \_\_\_ Nas células dão-se reações químicas, a partir das quais se liberta energia.
- \_\_\_ Nos alvéolos pulmonares, o sangue recebe oxigénio.

2. Indica a importância da respiração celular para o Homem.

---

---

3. Observa a seguinte imagem e completa.



4. Assinala com um X as funções que operam em conjunto na respiração celular.

Função Digestiva \_\_\_ Função Excretora \_\_\_ Função Circulatória \_\_\_ Função Respiratória \_\_\_

5. As células libertam substâncias que necessitam de ser eliminadas pelo organismo. Indica as substâncias tóxicas que são eliminadas.

---

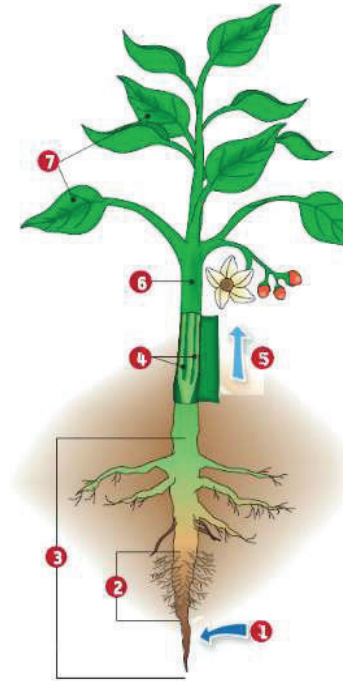
---

5.1 Que nome se dá a este processo de eliminação?

5.2 Qual a importância da ingestão de água neste processo?

6. Observa atentamente a figura e completa a legenda.

- 1 \_\_\_\_\_
- 2 \_\_\_\_\_
- 3 \_\_\_\_\_
- 4 \_\_\_\_\_
- 5 \_\_\_\_\_
- 6 \_\_\_\_\_
- 7 - Folhas



6.1 Completa os espaços em branco de modo a obteres frases verdadeiras.

A região da raiz responsável pela absorção é a \_\_\_\_\_.  
Nesta zona, encontram-se os \_\_\_\_\_ que facilitam a absorção.

A água e os \_\_\_\_\_, uma vez no interior da planta, constituem a \_\_\_\_\_, esta circula no sentido \_\_\_\_\_, desde a raiz até às \_\_\_\_\_. A seiva que transporta os hidratos de carbono produzidos durante a \_\_\_\_\_, chama-se \_\_\_\_\_ e circula em \_\_\_\_\_.

**Grupo II**

1. Nos primeiros anos de vida, os meninos e as meninas, apresentam características muito semelhantes.

1.1 Que características nos permitem distinguir o género masculino do género feminino à nascença?

---

2. Na puberdade tudo se transforma. Refere dois caracteres sexuais específicos do género feminino e dois do género masculino.

---

---

2.1 “Na adolescência, as transformações não são apenas físicas, mas também psicológicas e sociais”. Concordas com esta afirmação? Justifica.

---

---

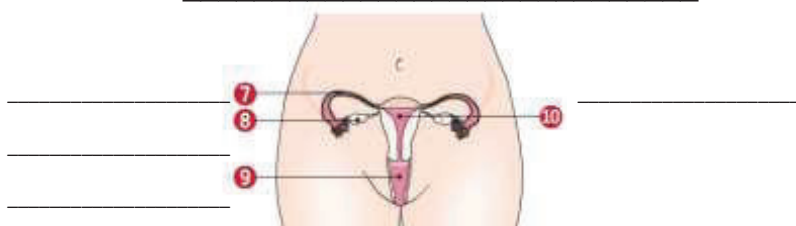
---

---

3. Observa atentamente as imagens seguintes, indicando o título de cada uma conforme o que representam e a respetiva legenda.

a) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



**3.1 Completa as afirmações:**

- a) As células sexuais femininas são \_\_\_\_\_.
- b) As células sexuais masculinas são \_\_\_\_\_.
- c) Os ovários produzem \_\_\_\_\_.
- d) Os órgãos externamente visíveis da mulher chama-se \_\_\_\_\_.
- e) Os órgãos externamente visíveis do homem são \_\_\_\_\_.

**4. Observa a figura e indica o fenómeno representado.**



---

---

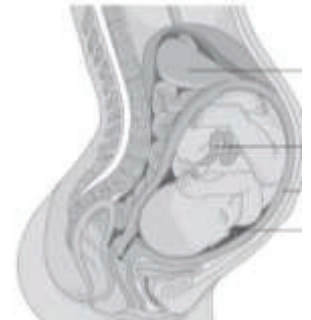
**5. A figura ao lado representa um embrião ou um feto? Justifica a tua resposta.**

---

---

---

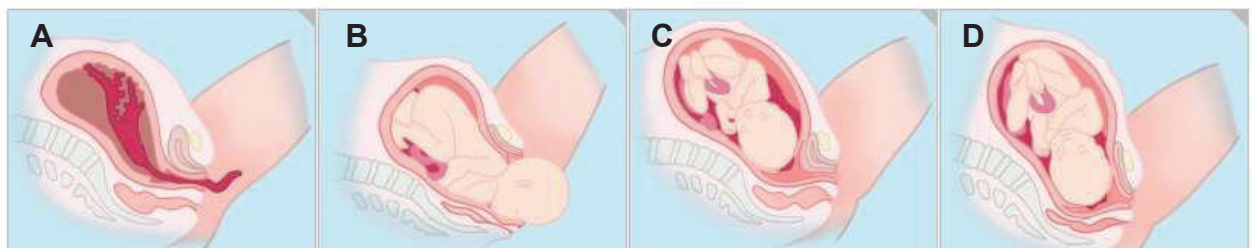
---



**6. Assina com um X os comportamentos que podem colocar em risco o nascimento de um novo ser.**

- Tabaco \_\_\_\_                      Dieta saudável \_\_\_\_                      Álcool \_\_\_\_  
Atividade física \_\_\_\_                      Higiene oral \_\_\_\_                      Descanso \_\_\_\_

**7. Observa as figuras e faz a ligação com as informações.**



Continuação da dilatação do colo e rutura do saco amniótico.

Expulsão da placenta.

Início da dilatação do colo do útero.

O feto é expelido do útero.

### 7.1 Ordena, cronologicamente as letras das imagens.

---

**8. Classifica com verdadeiro (V) ou Falso (F) cada uma das seguintes afirmações.**

- a) O cordão umbilical alimenta o bebé durante o primeiro ano de vida.
- b) O umbigo é a cicatriz resultante da ligação ao cordão umbilical.
- c) Na placenta ocorrem as trocas gasosas entre a mãe e o feto: o feto recebe dióxido de carbono e expulsa oxigénio.
- d) Nos primeiros anos de vida é muito importante que o bebé tenha cuidados de higiene, alimentação equilibrada, carinho e vigilância médica.

### Grupo III

**1. À semelhança dos animais, também as plantas podem reproduzir-se de forma sexuada.**

**1.1 Define androceu e gineceu.**

---

---

**1.2 Identifica o tipo de polinização representado na figura ao lado.**

---

---



**1.3 De que forma os animais polinizadores são atraídos pelas plantas?**

---

---

## Anexo XXVII

### Ficha de Avaliação de Português

#### GRUPO I – Interpretação Textual

Lê atentamente o texto que se segue.

- Numa certa conta havia  
um zero dado à poesia  
que tinha um sonho secreto:  
fugir para o alfabeto.
- 5    Sonhava tornar-se um **O**  
nem que fosse um dia só,  
ou ainda menos: só  
o tempo de dizer: «Oh!»
- (Nos livros e nas seletas  
10    o que mais o comovia  
eram os «Ohs!» que os poetas  
metiam nas poesias!)
- Um «Oh!» lírico & profundo,  
um só «Oh!» lhe bastaria  
15    para ele dizer ao mundo  
o que na alma lhe ia!
- E o que na alma lhe ia!  
Sonhos de glórias, esperanças,  
ânsias, melancolia,  
20    recordações de criança;
- além de um grande vazio  
de tipo existencial  
e de uma caixa que o tio  
25    lhe pedira para guardar;
- e ainda as chaves do carro  
e uma máscara de entrudo...  
Não tinha bolsos, coitado,  
guardava na alma tudo!
- 30    A alma! Como queria  
gritá-la num «Oh!» sincero!  
Mas não passava de um zero  
que, oh!, não se pronuncia...
- 35    Daí que andasse doente  
de grave doença poética  
e em estado permanente  
de ansiedade alfabética.
- E se indignasse & etc.  
40    contra o destino severo  
que fizera dele um zero  
com uma alma de letra!
- Tanta ambição desmedida,  
tanto sonho feito pó!  
E aquele zero dava a vida  
para poder dizer «Oh!»...







**Responde ao que te é pedido sobre o poema que acabaste de ler, seguindo as orientações que te são dadas.**

1. Assinala com X a opção que completa cada afirmação.

1.1. O poema é constituído por

Onze quadras

Duas quadras

Dois dísticos

Onze quintilhas

2. Faz o esquema rimático da seguinte estrofe.

Um «Oh!» lírico & profundo,  
um só «Oh!» lhe bastaria  
para ele dizer ao mundo  
o que na alma lhe ia!

2.1. Classifica a estrofe quanto à sua rima.

---

3. Faz a escansão métrica dos versos “**e em estado permanente/ de ansiedade alfabética.**” (versos 35-36).

---

---

4. Qual o recurso expressivo presente nos versos “**Sonhos de glórias, esperanças/ânsias, melancolia,/recordações de crianças...**” (versos 18-20).

---

---

5. Indica o local onde vivia o zero e qual era o seu sonho secreto.

---

---

---

---

6. Identifica o motivo que levou o zero a ter este sonho.

---

---

---

---

---

7. Caracteriza psicologicamente o zero.

---

---

---

---

---

8. Por que razão se indignava o zero contra o destino?

---

---

---

---

9. Escolhe um título que, na tua opinião, consideras adequar-se a este poema. Justifica a tua resposta.

---

---

---

---

10. Escreve uma frase em que utilizes as palavras “**escanção** e **escansão**”.

- Escanção \_\_\_\_\_
- Escansão \_\_\_\_\_

Lê o texto que se segue e resolve as questões apresentadas.

TEXTO B

### **Escolas recolheram em três anos mais de 4000 toneladas de lixo elétrico e eletrónico**

17.11.2011

Helena Gerales

Mais de 4000 toneladas de computadores, televisões e impressoras velhas foram recolhidas pelas escolas do país desde 2008, o início da campanha Escola Eletrão. Este ano inscreveram-se no projeto 572 escolas.

O desafio lançado pela Amb3E – Associação Portuguesa de Gestão de Resíduos – às escolas de ensino básico e secundário é o de recolherem o máximo de Resíduos de Equipamentos Eléctricos e Electrónicos (REEE) e Resíduos de Pilhas & Acumuladores (RPA) que conseguirem num período que se situará entre 10 e 15 dias úteis, igual para todas as escolas. No final, a Amb3E recolhe todos os resíduos recolhidos.

Em comunicado, a empresa diz que o projeto Escola Eletrão já recolheu 4.068.510 quilos de resíduos. No ano passado, participaram 437.135 alunos e 62.225 professores; a Escola Secundária de Serpa foi a campeã nacional, com quase 50 toneladas recolhidas.

Desde 2008, «os alunos envolvidos no projeto superaram a meta que a Comissão Europeia prevê que cada português recicle num ano inteiro – pelo menos 4 kg/habitante/ano», disse Victor Sousa Uva, diretor comercial e de comunicação da Amb3E, em comunicado enviado hoje ao *Público*.

*Público*, 17 de novembro de 2011

1. Ordena as seguintes frases de 1 a 4, de acordo com o texto B.

- a) Média de reciclagem anual em Portugal.
- b) Discriminação dos aparelhos recolhidos desde o ano inicial do projeto.

- c) Peso exato dos aparelhos recolhidos pelos participantes no projeto.
- d) Regras do concurso lançado no âmbito do projeto *Escola Eletrão*.

2. Dá um título ao texto B, que se adequa à informação transmitida.

---

3. Lê atentamente o texto B e assinala cada afirmação como verdadeira ou falsa.

- a) A campanha Escola Eletrão iniciou em 2008.
- b) A Associação Portuguesa de Gestão de Resíduos lançou um desafio às escolas.
- c) As escolas devem entregar à Associação todos os resíduos recolhidos.
- d) A escola campeã recolheu quase cinquenta mil kg de resíduos.
- e) A Comissão Europeia prevê que os portugueses reciclem num ano obrigatoriamente 4kg. De resíduos.
- f) Victor Sousa Uva enviou um comunicado ao Jornal público no dia 17 de novembro de 2011.

### GRUPO II CEL

4. Observa as frases seguintes e coloca um círculo à volta das **conjunções coordenativas**.

- a) Eu corto-lhe a barba mas não sei se fica bem.
- b) Vai buscar a toalha e põe-na à volta do meu pescoço.
- c) O menino ora olhava para a mãe ora observava o avô.

4.1 Classifica as **orações coordenadas** na tabela.

Frase	Classificação
a)	

b)	
c)	

4.2. Classifica os verbos destacados nas frases a) b) quanto à sua subclasse.

Frase A) \_\_\_\_\_

Frase B) \_\_\_\_\_

5. Faz corresponder as orações destacadas à sua classificação, registando na tabela o número correspondente à alínea.

a)	b)	c)	d)	e)	f)

a) O menino não queria cortar a barba <b>porque tinha medo de magoar o avô.</b>
b) <b>Se o pai estivesse em casa,</b> faria a barba ao avô.
c) Os calendários recordavam <b>que há acontecimentos inesquecíveis.</b>
d) O calendário <b>que tinha um círculo em volta do dia 28 de fevereiro</b> era de 1980.
e) <b>Quando o neto terminou a tarefa,</b> os olhos azuis do avô estavam humedecidos de emoção.
f) O menino mal tocava na pele com a navalha <b>para não golpear o avô.</b>

1. Oração subordinada temporal
2. Oração subordinada causal
3. Oração subordinada final
4. Oração subordinada condicional
5. Oração subordinada completiva
6. Oração subordinada relativa

6. Lê as seguintes frases.

a) O avô gostava do nome águas-vivas.

b) Filipe, tu vais sair com esta epidemia de sarampo?

6.1. Identifica as funções sintáticas que desempenham os elementos sublinhados.

**Frase a)**

O avô \_\_\_\_\_  
gostava do nome águas-vivas \_\_\_\_\_

**Frase b)**

Filipe \_\_\_\_\_  
com esta epidemia de sarampo \_\_\_\_\_

7. Lê as frases seguintes e indica a classe a que pertence cada palavra destacada, fazendo a correspondência.

Eles <b>vão</b> ler a notícia sobre a descoberta do planeta. _____	1- Verbo
Era apenas um sonho <b>vão</b> . _____	2- Adjetivo
Estive a ler o livro no <b>vão</b> da porta. _____	3- Advérbio
	4- Nome

8. Substitui os elementos sublinhados nas frases por pronomes pessoais.

a) O zero não tinha bolsos, coitado.

\_\_\_\_\_

b) O zero escrevia poemas, para preencher o seu vazio.

\_\_\_\_\_

c) O Zero realizará o seu desejo.

\_\_\_\_\_

d) O zero pediu um favor a uma letra amiga.

\_\_\_\_\_

9. Classifica o processo de formação de cada uma das palavras, presentes na tabela.

Palavra	Classificação
Novato	
Impossível	

Esverdeado	
Entristecer	

10. Transforma em discurso indireto a conversa entre o Calvin e a mãe.



---

---

---

---

---

### GRUPO III – Expressão Escrita

Escreve um poema, cujo tema é sobre as férias de verão. Recorre à tua criatividade para descreveres aquilo que mais te entusiasma nas férias, o modo como preenches os teus tempos livres e como te divertes com a família e com os teus amigos.

**A - O teu poema deve respeitar a seguinte estrutura:**

- Três estrofes: duas quadras e quintilha;

---

POEMA	ESTUTURA



## Grelha de avaliação – Ficha de Avaliação Ciência Naturais

Grupos	Tema	Questões	Tipologia	Domínio Cognitivo	Pontuação
I	<b>Respiração Celular</b>	1.	Ordenação cronológica	Compreensão	4
		2.	Resposta curta	Conhecimento	3
		3.	Completamento/legenda	Análise	3
		4.	Escolha múltipla	Conhecimento	2
		5.	Resposta direta	Compreensão	4
		5.1	Resposta direta	Compreensão	3
		5.2	Resposta direta	Aplicação	4
		6.	Completamento/legenda	Compreensão	6
		6.1	Completamento de espaços	Aplicação	6
		1.1	Resposta fechada	Conhecimento	3
II	<b>Reprodução Humana</b>	2.	Resposta direta	Compreensão	5
		2.1	Resposta aberta	Avaliar	8
		3- a); b)	Completamento/legenda	Compreensão	6
		3.1	Completamento	Conhecimento	5
		4.	Resposta fechada	Compreensão	3
		5.	Resposta fechada	Avaliar	7
		6.	Escolha múltipla	Conhecimento	2
		7.	Associação	Aplicação	4
		7.1	Ordenação cronológica	Compreensão	3
		8.	Verdadeiro/Falso	Conhecimento	4
III	<b>Reprodução nas plantas</b>	1.1	Resposta direta	Compreensão	6
		1.2	Resposta fechada	Compreensão	4
		1.3	Resposta direta	Aplicação	5

## Tabela de desempenho

Grupos	Tema	Questões	Níveis de desempenho	Pontuação
I	Respiração Celular	1.	Ordena corretamente: 3-1-4-2.	4
			Ordena corretamente apenas duas etapas.	2
			Ordena corretamente apenas uma etapa.	1
			Não ordena corretamente nenhuma das etapas.	0
		2.	Indica a obtenção de energia como importante na respiração celular do homem.	3
			Nível intermédio.	1,5
			Dá outra resposta.	0
		3.	Completa corretamente: A- Hidratos de carbono; B- Oxigénio; C- Vapor de Água; D- Dióxido de carbono;	3
			Completa corretamente três espaços.	2
			Completa corretamente dois espaços.	1
			Completa corretamente um espaço.	0,5
			Não completa corretamente nenhum dos espaços.	0
		4.	Assinala corretamente, função digestiva; função circulatória; função respiratória.	2
			Assinala corretamente, apenas duas funções.	1
			Assinala corretamente, apenas uma função.	0,5
			Não assinala corretamente nenhuma função.	0
		5.	Indica corretamente, ar expirado, urina e suor.	4
			Indica duas substâncias tóxicas.	3
			Indica uma substância tóxica.	2
			Dá outra resposta.	0

		5.1	Responde corretamente: Excreção.	3
			Dá outra resposta.	0
		5.2	Refere a importância da ingestão de água como forma de repor as perdas de água da urina e do suor.	4
			Nível intermédio.	2
			Dá outra resposta.	0
		6.	Legenda corretamente: 1- Água com sais minerais; 2- Zona pilosa; 3- Raiz; 4- Vasos condutores; 5- Seiva bruta; 6- Caule.	6
			Obtém 1 valor por cada espaço corretamente legendado.	
		6.1	Completa corretamente: Zona pilosa; Pelos radiculares/absorventes; Sais minerais; Seiva bruta; Ascendente; Folhas; Fotossíntese; Seiva elaborada; Qualquer sentido.	6
			Completa corretamente 8 ou 7 espaços.	5
			Completa corretamente 6 ou 5 espaços.	4
			Completa corretamente 4 ou 3 espaços.	3
			Completa corretamente 2 espaços.	2
			Completa corretamente 1 espaço.	1
			Não completa corretamente nenhum dos espaços.	0
<b>II</b>	<b>Reprodução Humana</b>	1.1	Responde corretamente, caracteres sexuais primários.	3
			Dá outra resposta.	0
		2.	Refere dois caracteres sexuais específicos da mulher (ex: crescimento das mamas; alargamento da bacia); E dois caracteres sexuais masculinos (ex: alargamento dos ombros; produção de esperma).	5

			Refere corretamente apenas dois caracteres sexuais.	3
			Refere corretamente apenas um caracter sexual.	1
			Dá outra resposta.	0
		2.1	Reflete, definindo o seu ponto de vista sobre a fase da adolescência evidenciando aspetos como, necessidade de independência, conflitos, isolamento ou grupos de amigos.	8
			Nível intermédio.	6
			Reflete, com alguma falta de coerência e fundamentação.	4
			Nível intermédio.	2
			Foge ao que é pedido.	0
		3- a); b)	Responde corretamente: a) Sistema Reprodutor Feminino; b) Sistema Reprodutor Masculino; 1- Próstata; 2- Uretra; 3- Escroto; 4- Vesicula seminal; 5- Canal Deferente; 6- Testículo; 7- Trompa de Falópio; 8- Ovário; 9- Vagina; 10- Útero.	6
			Obtém 0,5 pontos por cada espaço devidamente completado.	
		3.1	Responde corretamente: a) Óvulos; b) Espermatozoides; c) Óvulos; d) Vulva; e) Pénis e Escroto.	5
			Obtém 1 ponto por cada afirmação devidamente completada.	
		4.	Responde corretamente fecundação.	3
			Dá outra resposta.	0

		5.	Refere que a figura representada se trata de um feto uma vez que já tem forma humana e/ou se encontra de cabeça para baixo.	7
			Refere corretamente que a figura representa um feto, ainda que não justifique claramente.	5
			Nível intermédio.	3
			Refere apenas feto, sem justificar.	1
			Dá outra resposta.	0
		6.	Assinala corretamente tabaco e álcool.	2
			Refere corretamente apenas um dos comportamentos.	1
			Não assinala nenhuma das opções corretas.	0
		7.	Liga corretamente: A – Expulsão da placenta; B- O feto é expelido do útero; C- Início da dilatação do útero; D- Continuação da dilatação do colo e rutura do saco amniótico.	3
			Liga corretamente duas figuras às informações.	1,5
			Liga corretamente uma figura a uma informação.	0,5
			Não liga corretamente nenhuma das figuras.	0
		7.1	Ordena corretamente: C-D-B-A	3
			Ordena corretamente duas etapas.	1,5
			Não ordena corretamente as etapas.	0
		8.	Classifica corretamente: a) F; b) V; c) F; d) V.	4
			Obtém um ponto por cada afirmação classificada corretamente.	

<b>III</b>	<b>Reprodução nas plantas</b>	1.1	Define androceu como o conjunto de órgãos reprodutores masculinos e gineceu como o conjunto de órgãos reprodutores femininos.	6
			Nível intermédio.	4
			Define apenas androceu ou gineceu.	3
			Nível intermédio.	1,5
			Dá outra resposta.	0
		1.2	Identifica corretamente polinização cruzada.	4
			Dá outra resposta.	0
		1.3	Refere que as plantas produzem uma substância açucarada e/ou cores atrativas nas suas pétalas.	5
			Responde aproximadamente, ainda que com alguma dificuldade ao que é pedido.	2
			Dá outra resposta.	0

## Critérios de avaliação de Português

### GRUPO I – 50 valores

#### Leitura e Interpretação

Itens		Respostas	Código
N.º	Objetivo	Descrição dos níveis de desempenho	
1.1.	Identificar a estrutura do poema	Assinala apenas: Onze quadras	1
		Dá outra resposta	0
2.	Elaborar o esquema rimático do poema.	Preenche os espaços do seguinte modo: a, b, a, b	2
		Dá outra resposta	0
2.1.	Identificar o tipo de rima presente na estrofe seleccionada.	Escreve rima cruzada	2
		Dá outra resposta	0
3.	Fazer a escansão dos versos destacados	Faz corretamente a divisão métrica dos dois versos. e em/ es/ta/do/ per/ma/nen/te/ de an/sie/da/de al/fa/bé/ti/ca	4
		Faz corretamente a divisão métrica de apenas um dos versos.	2
		Dá outra resposta.	0
4.	Identificar o recurso expressivo dos versos destacados.	Escreve enumeração	2
		Dá outra resposta	0
5.	Identificar a informação explícita no texto	Identifica o local onde vivia o zero – numa conta – e descreve o seu sonho – sonhava tornar-se na letra “O”, desejando fazer parte do alfabeto.	3
		Refere apenas o local ou o sonho do zero.	1,5
		Dá outra resposta.	0
6.	Identificar a informação explícita no texto	Indica o motivo correto que está na origem do sonho do Zero – “O Zero tinha este sonho, graças às leituras de poesia e saletas que fazia, a riqueza da poesia, levou-o a sonhar em ser um “Oh!”, “lírico e profundo”.	3
		Indica o motivo correto, mas não o descreve de forma objetiva, redigindo sem correção gramatical e ortográfica.	1,5
		Dá outra resposta	0
7.	Inferir, através da informação do texto, os traços psicológicos da personagem Zero.	Recorre a 4 ou mais adjetivos – melancólico, sonhador, inconformado, insatisfeito, poético, ansioso – na caracterização psicológica do zero. Redige a frase com correção gramatical	6



		e ortográfica.	
		Recorre a pelo menos 3 adjetivos para a caracterização psicológica do zero. Redige a frase com correcção gramatical e ortográfica.	5
		Recorre a pelo menos 2 adjetivos para a caracterização psicológica do Zero. Redige a frase com correcção gramatical e ortográfica.	4
		Recorre apenas a adjetivo para a caracterização psicológica do Zero. Redige a frase com correcção gramatical e ortográfica.	3
		Dá outra resposta	0
8.	Inferir os motivos com que se indignava a personagem.	Enuncia as razões de descontentamento do zero – não pertencer ao alfabeto; ser um número que não se pronuncia; não ser como o “O” que comovia; não realizar o seu desejo. Redige a frase com correcção gramatical e ortográfica.	5
		Enuncia apenas duas razões de descontentamento do zero. Redige a frase com correcção gramatical e ortográfica.	3
		Enuncia algumas das razões, mas escreve sem correção gramatical e ortográfica.	2
9.	Sintetizar o sentido global do texto. Justificar a sua escolha.	Escreve um título coerente com o tema central do texto: «a triste história do zero». Justifica, com base na informação contida no texto, a sua escolha	4
		Escreve um título que contempla um aspecto parcial do texto, centrando-se num dos seus parágrafos: “A grave doença poética”. Justifica, com base na informação contida no texto, a sua escolha.	3
		Escreve um título coerente com o tema central do texto, mas não justifica a sua escolha.	2
		Escreve um título que contempla um aspecto parcial do texto e não justifica a sua escolha.	1
		Dá outra resposta	0
10.	Utilizar, em contexto frásico, os vocábulos dados.	Escreve uma frase para cada palavra - “escansão” e “escanção” - e em que utiliza, correcta e adequadamente o seu sentido.	4
		Utiliza, em apenas uma das frases um dos vocábulos, de forma correcta e adequada.	2
		Dá outra resposta.	0
11.	Ordenar os assuntos abordados num texto informativo.	Ordena os momentos, numerando-os de acordo com a seguinte chave:	4
		4 a) Média de reciclagem anual em Portugal.	
		1 b) Discriminação dos aparelhos recolhidos desde o ano inicial do projeto.	
		3 c) Peso exato dos aparelhos recolhidos pelos participantes no projeto.	

		2	d) Regras do concurso lançado no âmbito do projeto <i>Escola Eletrão</i> .	
			Ordena corretamente duas das ocorrências solicitadas.	2
			Dá outra resposta	0
12.	Escolher um título para o texto B		Elabora um título que destaque a informação principal da notícia. Ex.: Projeto Eletrão em 517 escolas do país”.	3
			Elabora um título com informação insuficiente ou secundária da notícia. Ex.: “recolha de lixo elétrico e eletrónico” ou “Escola Secundária de Serpa Campeã nacional”	1
			Elabora um título que não é coerente com a informação do texto.	0
13.	Emitir juízos - verdadeiro/falso – sobre informação explícita ou implícita no texto.	Assinala corretamente 5 ou 6 afirmações		4
		a)	V	
		b)	V	
		c)	F	
		d)	F	
		e)	F	
		f)	V	
	Assinala corretamente 4 ou 3 afirmações	3		
	Assinala corretamente 2 ou 1 afirmações	2		
	Dá outra resposta	1		

## GRUPO II – 20 valores

### Conhecimento explícito da Língua

Itens		Respostas	Código
N.º	Objetivo	Descrição dos níveis de desempenho	
1.	Identificar as conjunções coordenativas.	Rodeia: a) mas b) e c) ora	1,5
		Rodeia corretamente apenas duas das conjunções.	1
		Rodeia corretamente apenas uma das conjunções.	0,5
		Dá outra resposta	0
1.1.	Identificar o tipo de conjunção coordenativa.	Classifica corretamente todas as orações coordenadas: a) oração coordenada adversativa; b) oração coordenada copulativa; c) oração coordenada disjuntiva;	3
		Classifica corretamente duas das orações coordenadas.	2
		Classifica corretamente uma das orações coordenadas.	1

		Dá outra resposta	0											
1.2.	Identificar a subclasse dos verbos destacados.	Classifica corretamente os verbos destacados a) e b) verbos transitivos diretos	1											
		Classifica corretamente apenas um dos verbos destacados.	0,5											
		Dá outra resposta	0											
2.	Corresponder a classe correspondente às orações.	Faz a correspondência correta entre os itens, conforme a seguinte chave:	4											
		<table border="1"> <tr> <td>a)</td> <td>b)</td> <td>c)</td> <td>d)</td> <td>e)</td> <td>f)</td> </tr> <tr> <td>2</td> <td>4</td> <td>5</td> <td>6</td> <td>1</td> <td>3</td> </tr> </table>		a)	b)	c)	d)	e)	f)	2	4	5	6	1
		a)	b)	c)	d)	e)	f)							
		2	4	5	6	1	3							
		Faz a correspondência correta apenas entre 5 itens.	3											
		Faz a correspondência correta apenas entre 4 itens.	2											
Faz a correspondência correta apenas entre 3 ou 2 itens.	1													
Faz a correspondência correta apenas entre 1 item.	0,5													
Dá outra resposta	0													
3.1.	Identificar as funções sintáticas de frases simples	Designa corretamente as funções sintáticas dos elementos frásicos destacados: a) O avó – Sujeito nome de águas vivas – c. oblíquo b) Filipe - vocativo com esta epidemia de sarampo – mod. de frase	2											
		Designa corretamente as funções sintáticas de três elementos frásicos.	1,5											
		Designa corretamente as funções sintáticas de dois elementos frásicos.	1											
		Designa corretamente as funções sintáticas de um elementos frásico.	0,5											
		Dá outra resposta	0											
4	Identificar a classe das palavras em contexto frásico.	Identifica, correctamente, a classe de três palavras.	3											
		<table border="1"> <tr> <td>1.ª Frase</td> <td>1- Verbo</td> </tr> <tr> <td>2.ª Frase</td> <td>3 – Adjetivo</td> </tr> <tr> <td>3.ª Frase</td> <td>4 – Nome</td> </tr> </table>		1.ª Frase	1- Verbo	2.ª Frase	3 – Adjetivo	3.ª Frase	4 – Nome					
		1.ª Frase		1- Verbo										
		2.ª Frase	3 – Adjetivo											
		3.ª Frase	4 – Nome											
Identifica, correctamente, a classe de duas palavras.	1													
Identifica, correctamente, a classe de uma palavra.	2													
Dá outra resposta	0													
5.	Transformar a frase através da conjugação pronominal, substituindo os elementos assinalados.	Redige corretamente todas as frases, correspondendo à seguinte chave: a) O Zero não os tinha, coitado. b) O Zero escrevia-os. c) O Zero realizá-lo-á. d) O Zero pediu-lha.	2											
		Redige corretamente apenas três das frases indicadas.	1,5											
		Redige corretamente apenas duas das frases	1											

		indicadas.											
		Redige corretamente apenas uma das frases indicadas.	0,5										
		Dá outra resposta	0										
6.	Classificar o processo de formação das palavras indicadas.	Preenche corretamente a tabela:	2										
		<table border="1"> <thead> <tr> <th>Palavra</th> <th>Classificação</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Novato</td> <td>Derivada por sufixação</td> </tr> <tr> <td>Impossível</td> <td>Derivada por prefixação</td> </tr> <tr> <td>Esverdeado</td> <td>Derivada por parassíntese</td> </tr> <tr> <td>Entristecer</td> <td>Derivada por parassíntese</td> </tr> </tbody> </table>		Palavra	Classificação	Novato	Derivada por sufixação	Impossível	Derivada por prefixação	Esverdeado	Derivada por parassíntese	Entristecer	Derivada por parassíntese
		Palavra		Classificação									
		Novato		Derivada por sufixação									
		Impossível		Derivada por prefixação									
		Esverdeado	Derivada por parassíntese										
		Entristecer	Derivada por parassíntese										
Identifica corretamente o processo de formação de apenas três das palavras indicadas.	1,5												
Identifica corretamente o processo de formação de apenas duas das palavras indicadas.	1												
Dá outra resposta.	0												
7.	Converter o discurso direto em indireto	Transforma o diálogo em discurso indireto, respeitando as regras de conversão. Alterna o <b>tempo dos verbos</b> (Presente para P. Imperfeito; P. Perfeito para P. mais que Perfeito), <b>a pessoa</b> (da 1º do singular para a 3º; da 2º pessoa do plural para a 3ª dos plural) ainda <b>os advérbios de tempo</b> (hoje para “naquele dia”; “ontem” para “no dia anterior”).	2										
		Transforma o diálogo em discurso indireto, respeitando apenas duas das regras de conversão acima enunciadas.	1										
		Dá outra resposta	0										

## Grupo III – Expressão Escrita

Parâmetros		Descrição dos níveis de desempenho		
<b>Formato</b>	Extensão	Produce um texto poético com três estrofes.	3	
		Produce um texto poético com duas estrofes.	2	
		Produce um texto poético com uma estrofe.	1	
	Tipologia <small>T</small>	Respeita integralmente as instruções no que se refere ao tipo de texto (poema com duas quadras e uma quintilha; duas estrofes com rima cruzada e uma estrofe com rima emparelhada). Respeita os aspetos formais de um poema.		4
		Nível intermédio.		3
		Respeita parcialmente as instruções, podendo apresentar alguns desvios quanto ao tipo de texto e aspetos formais.		2
		Nível intermédio.		1
		Ignora as instruções no que se refere ao tipo de texto e aos aspetos formais.		0
				4
				3
<b>Tema</b>	Informação	Aborda o tema proposto (férias de verão) referindo os aspetos solicitados (forma como se diverte com a família e amigos, ocupação dos tempos livre e os sentimentos envolvidos).	4	
		Nível intermédio.	3	
		Aborda parcialmente o tema proposto, omitindo alguns aspetos solicitados.	2	
		Nível intermédio.	1	
		Ignora totalmente a proposta de escrita.	0	
				4
	Progressão	Desenvolve de forma coerente cada um dos aspetos solicitados.		4
		Nível intermédio.		3
		Desenvolve de forma parcialmente coerente cada um dos aspetos solicitados, apresentando desvios ou omissões.		2
		Nível intermédio.		1
Produce um texto de conteúdo incoerente, transmitindo informação não requerida ou ininteligível.			0	

Parâmetros		Descrição dos níveis de desempenho	
Textualização	Estruturação	Redige um poema com uma estrutura bem definida (três estrofes, respeitando a linha em branco entre cada uma e o número de versos). Utiliza os sinais de pontuação de forma adequada.	4
		Nível intermédio.	3
		Redige um poema de forma satisfatória, ainda que com algum desequilíbrio das suas partes constituintes. Utiliza os sinais de pontuação principalmente para marcar a delimitação da estrofe.	2
		Nível intermédio.	1
		Não redige um poema. Escreve frases ou palavras isoladas. Ignora os sinais de pontuação.	0
	Articulação	Usa vocabulário adequado e variado.	4
		Nível intermédio.	3
		Usa vocabulário adequado, ainda que pouco variado, por vezes, com algumas impropriedades.	2
		Nível intermédio.	1
		Usa vocabulário muito elementar e restrito, e por vezes, com impropriedades que afetam a inteligibilidade do poema.	0
	Sintaxe e Morfologia	Constrói versos, cumprindo as regras de concordância. Utiliza corretamente a pontuação no interior de cada verso/estrofe.	4
		Nível intermédio.	3
		Constrói versos apresentando alguns erros/falhas no uso de regras de concordância. Utiliza a pontuação no interior do verso/estrofe sem seguir sistematicamente as regras.	2
		Nível intermédio.	1
		Constrói versos apresentando muitos erros/falhas no uso das regras de concordância. Utiliza a pontuação no interior do verso/estrofe de modo aleatório ou não utiliza.	0
	Ortografia	Escreve com correção ortográfica ou com eventual ocorrência de um erro no poema.	4
		Nível intermédio.	3
		Escreve com alguns erros ortográficos cuja frequência se mantém na proporção de 3 erros no poema.	2

		Nível intermédio.	1
		Escreve com elevada frequência de erros ortográficos, que se mantém na proporção de 6 ou mais erros.	0

## ANEXO XXVII – Grelhas de registos de Ciências da Natureza

Ficha de observação da participação do(a) aluno(a)

Disciplina: Ciências da Natureza

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

A – Método de trabalho e de estudo	Observações
1.1 Participa em actividades e aprendizagens individuais	O aluno é motivado e curioso, pela sua participação nas aulas e imediata (participação de iniciativa própria)
1.2 Participa em actividades e aprendizagens colectivas	Sim, normalmente assume a liderança de grupo.
1.3 Participa em actividades e aprendizagens respeitando as regras estabelecidas	Nem sempre, por vezes tendo a ter atitudes e intervenções pouco pertinentes.
2.1 Identifica métodos de trabalho	Sim, <del>quando</del>
2.2 Selecciona métodos de trabalho	Sim, por vezes aqueles que dão menos trabalho, quando o tema não é <sup>para mim</sup> muito interessante.
2.3 Aplica métodos de trabalho	Sim, mas muito trabalho na presente.
3.1 Identifica métodos de estudo	Sim
3.2 Selecciona métodos de estudo	Sim, mas por vezes <sup>de forma</sup> pouco consistente.
3.3 Aplica métodos de estudo	Sim
4.1 Exprime dúvidas	Sempre
4.2 Exprime dificuldades	Sempre
5.1 Analisa a adequação dos métodos de trabalho	Nem sempre, principalmente quando o entusiasmo é grande, vai o levando a preferências de métodos.
5.2 Formula opiniões sobre os métodos de trabalho	Sim, mas por vezes, poucas consistentes.
5.3 Dá sugestões sobre os métodos de trabalho	Sim, se lhe solicitadas.
5.4 Propõe alterações sobre os métodos de trabalho	Sim
6.1 Analisa a adequação sobre os métodos de estudo	N/O
6.2 Formula opiniões sobre os métodos de estudo	Sim, quando principalmente quando os métodos parecem não ajudar.
6.3 Dá sugestões sobre os métodos de estudo	Sim
6.4 Propõe sugestões sobre os métodos de estudo	Quando solicitada.

2º Ciclo



Ficha de observação da participação do(a) aluno(a)

Disciplina: ~~Matemática~~ H.G.P.

Nome: Flávia de Nº \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

A – Método de trabalho e de estudo	Observações
1.1 Participa em actividades e aprendizagens individuais	Sempre, quando solicitada e por iniciativa própria.
1.2 Participa em actividades e aprendizagens colectivas	Sempre, óptimo espírito de grupo.
1.3 Participa em actividades e aprendizagens respeitando as regras estabelecidas	Sempre.
2.1 Identifica métodos de trabalho	Sim.
2.2 Selecciona métodos de trabalho	Sim, muito organizado e metódica no que faz.
2.3 Aplica métodos de trabalho	Sim.
3.1 Identifica métodos de estudo	Sim.
3.2 Selecciona métodos de estudo	Sempre.
3.3 Aplica métodos de estudo	Sim.
4.1 Exprime dúvidas	Sempre.
4.2 Exprime dificuldades	Sempre, tem uma necessidade clara de satisfazer as suas dúvidas.
5.1 Analisa a adequação dos métodos de trabalho	Sim, muito ponderada nas suas escolhas e maneiras de trabalhar.
5.2 Formula opiniões sobre os métodos de trabalho	Sim, mas na maior parte dos casos, só se expressa quando solicitada.
5.3 Dá sugestões sobre os métodos de trabalho	Sim, quando se apercebe que <del>o</del> o método não "joga em seu benefício".
5.4 Propõe alterações sobre os métodos de trabalho	Sim.
6.1 Analisa a adequação sobre os métodos de estudo	Sim, sempre.
6.2 Formula opiniões sobre os métodos de estudo	N/O
6.3 Dá sugestões sobre os métodos de estudo	<del>Sem comentários</del> Por vezes.
6.4 Propõe sugestões sobre os métodos de estudo	Sim.

2º Ciclo

